

REVISTA

DA SEMANA

N. 30 28-7-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

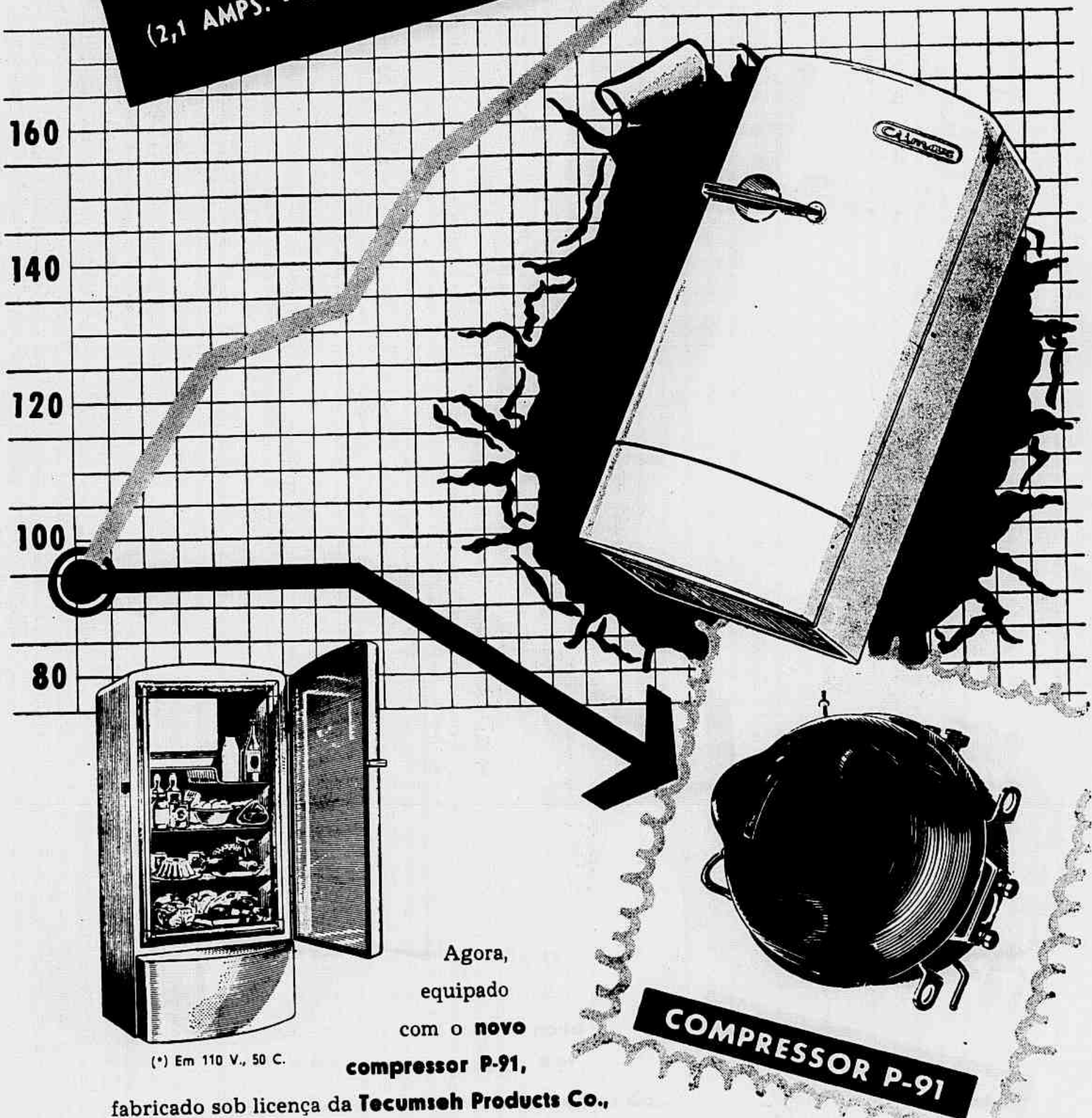
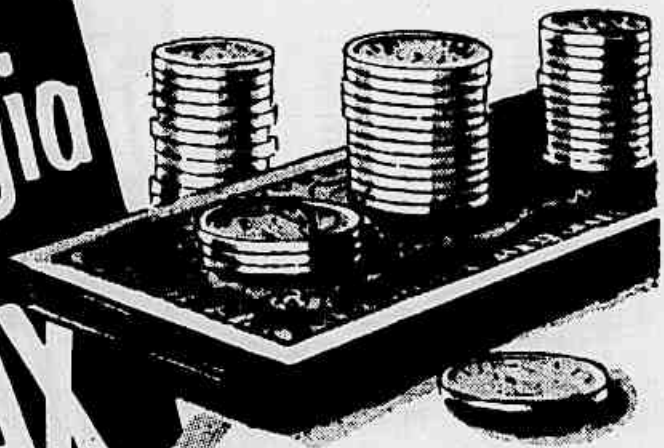
ROJAS DESMENTE :

NÃO FOI QUEIMADO O CORPO DE EVA PERON

A ESCOLHA DA MAIS BELA DO MUNDO EM LONG-BEACH



Enquanto tudo sobe,
desce o consumo de energia
do
REFRIGERADOR CLIMAX
(2,1 AMPS. - COM O NOVO COMPRESSOR P-91)



(*) Em 110 V., 50 C.

Agora,
equipado
com o novo
compressor P-91,

fabricado sob licença da Tecumseh Products Co.,
o refrigerador CLIMAX dá maior rendimento com menor
consumo de energia. Com apenas 2,1 ampères (*) o compressor P-91
garante o funcionamento perfeito e silencioso do refrigerador CLIMAX!

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Para o Estado de São Paulo e o Sul

Isnard & Cia. S.A.
(COMÉRCIO E INDÚSTRIA)

Av. São João, 1140 - Tel. 35-4151 - São Paulo

Para o Distrito Federal e Norte

J. Isnard S.A.
(COMÉRCIO E INDÚSTRIA)

Rua Buenos Aires, 113 - Rio de Janeiro

FABRICADOS E GARANTIDOS PELAS INDÚSTRIAS PEREIRA LOPES S. A. - SÃO CARLOS

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Não atiramos ao Prata o corpo de Eva	4/7
A nova princesa Margaret	14/17
Não acredito na Autonomia do Distrito	23/25
Cem anos lutando contra o fogo	31/34
Caroline subiu o morro	46/49
A escolha da mais bela em Long Beach	59/61

◆ SEÇÕES

Semana Astrológica	6
Pelas esquinas da noite	7
Semana em Revista	8/9
Literatura e Artes	20/21
Puxe pelo cérebro	22
Palavras cruzadas	26
Itinerário do Brasil	27
Por esse mundo de Deus	28/29
TV na Revista	35
Revista há 50 anos	43
Música	45
Conversa de mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último flash	62
Figura em Foco (Jorge Lacerda)	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

Os gatos (Eneida)	3
Fedele (A. Fogazzaro)	10/11
A Planta (A. Pierre)	14
Chão de terra preta (A. Queiroz)	50/51

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Que sabemos das grandes religiões?	30
Um estranho no paraíso	36/37

◆ CAPA

Jennifer Jones
(Kodachrome da Fox, especial para «Revista»)



OS GATOS

◆ Todos devem ter lido nos jornais: uma senhora, moradora num apartamento de Copacabana está sendo processada por um vizinho ou pelo seu locatário por possuir alguns gatos que — segundo o ranheta senhor — perturbam terrivelmente a paz, a calma, a tranquilidade dos moradores do prédio. São dezenas, centenas, milhares, disse à imprensa o enfurecido vizinho. — Ah! não; meus gatos são apenas quatro, quatro gatinhos que envelhecem e me ajudam a viver, não só pelo carinho com que retribuem o meu carinho, como porque quando têm filhos eu os vendo, — informou a senhora proprietária. Depois, comentou numa estação de rádio: meus gatos não fazem mal a ninguém. Um deles está tão velhinho que quase nem mais vê; o outro é um gato de saúde muito precária, como então podem prejudicar a vida de alguém? A intimação do vizinho é cruel: ou a senhora abandona o prédio ou joga fora, como se lixo fossem, os gatinhos. Em torno do caso nasceu um movimento muito eloquente: várias outras mulheres se ofereceram para tomar conta dos bichos; ninguém pode compreender o coração tão duro daquele homem que, — segundo tudo indica, — é um inimigo cruel e vigilante de gatos.

◆ Enquanto isso ocorre neste país banhado por tantos sóis, mares, paisagens bellissimas, nesta cidade tão formosa e tão mal amada pelos seus governantes, leio que em Londres ocorre este fato, segundo contam os jornais: Katherine Wilson chegou à conclusão de que os gatos se sentem sós quando os seus donos saem para passear e decidiu formar uma Associação de «cat-sitters» dedicada a «alugar» amas temporárias para os bichanos. Através de cartas e panfletos ela espera convocar cerca de centenas de pessoas que desejam tomar conta de gatos, enquanto a família está passeando depois do jantar ou durante o dia. Wilson, famoso juiz da exposição internacional de gatos declarou que as «cat-sitters» devem receber o mesmo pagamento que as «baby sitters». Poderíamos dizer que até nos gatos se encontram — como nas flores — a diferença da sorte. Enquanto os daqui provocam ódios e rancores, os de Londres vão ter amas secas, babás, serão pageados. É verdade que tanto os da senhora moradora em Copacabana, como os de d. Katherine de Londres são gatos de raça, desses que carregam no corpo esguio um antepassado de glória, netos de duques ou de príncipes, tão cheios de «pedigrees» que olham para os homens sem o dito, com um certo olhar de pena como se dissessem: — Meu caro, numa exposição internacional de gatos de raça, não ganharias o menor lugar, nem mesmo como homem!

◆ Conheço vários gatos da família numerosa dos vira-lata que bem mereciam uma ama seca. Passam o dia inteiro sós, esperando aflitos a chegada da dona que tem que correr e trabalhar, inclusive para sustentá-los. Se a moda pega, creio que ele exigirá também a sua «ama seca», mas dêle não falarei pois se trata do meu próprio gato, amigo, companheiro, turbulento se bem que às vezes silencioso gato, chamado José. Conheço também vários gatos célebres inclusive os que agora na França ficaram sem o dono, aquele extraordinário Paul Leautaud e que com sua morte foram logo adotados por várias pessoas principalmente escritores. Chamo todos esses exemplos, convoco d. Katherine e os amigos de Leautaud que se tornaram companheiros dos gatos que foram seus companheiros, para acalmar a ira incompreensível, o ódio execrando que o proprietário do apartamento de Copacabana tem pelos gatos de sua vizinha ou locatária.

Sem amar os gatos — creio — ninguém poderá sequer compreender o gênero humano.

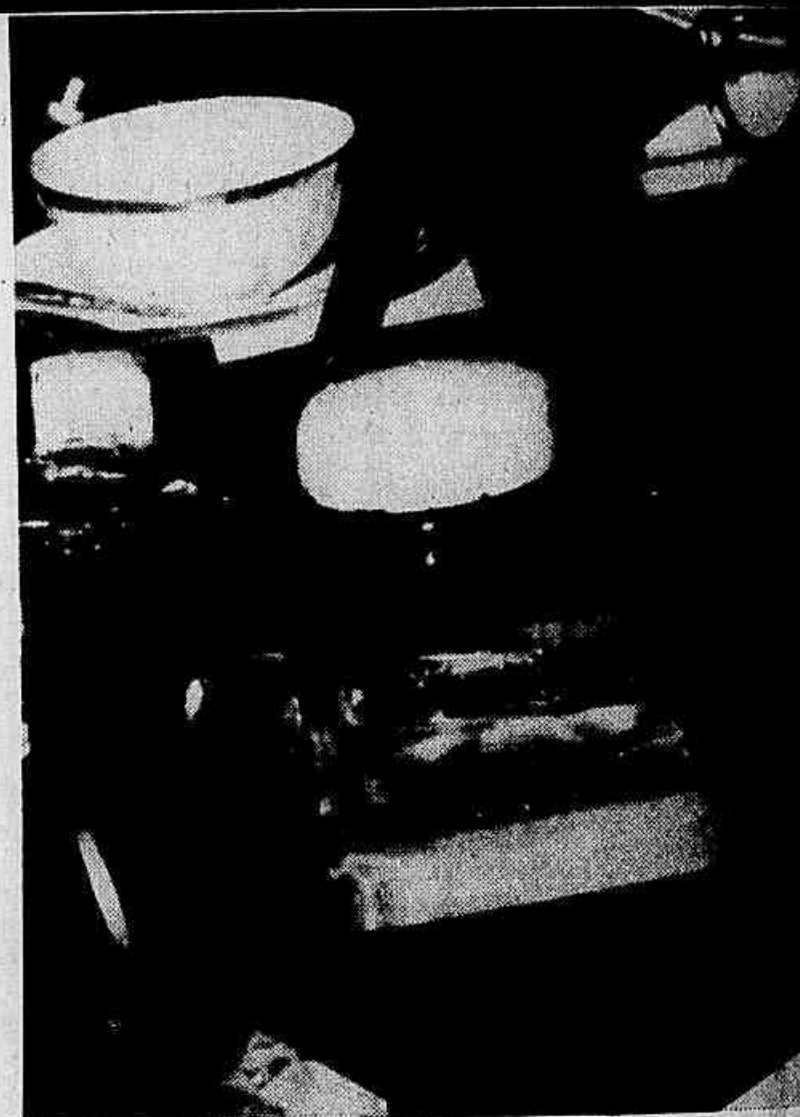
AFIRMA ROJAS, HOMEM FORTE DA ARGENTINA:

— NÃO ATIRAMOS AO PRATA OS RESTOS DE EVA PERON

Texto e fotos de LUIZ MENEZES

Especial para a REVISTA DA SEMANA

O VICE-PRESIDENTE CONTA, AO REPÓRTER DA
«REVISTA DA SEMANA» FATOS RELATIVOS À ÚL-
TIMA REVOLUÇÃO ★ REFORMA, PARA MELHOR,
DOS ACORDOS COMERCIAIS COM O BRASIL
★ APENAS VINTE E SETE FUZILADOS, E DEZESSETE
MIL PRESOS POLÍTICOS ★ O CASO MOROSOV
E AS LIGAÇÕES ENTRE PERONISTAS E COMU-
NISTAS ★ A FORTUNA DO EX-PRESIDENTE PERON



COM dois marinheiros à porta e 17 oficiais de gabinete por vencer, a reportagem localizou após três dias de trabalho incessante, o vice-presidente argentino ISAAC F. ROJAS, «homem forte» da República vizinha.

Atável e muito conversador, o contra-almirante Rojas não esconde uma personalidade vigorosa, de homem-ação, apesar da sua pequena estatura e de um modo todo pessoal de tratar com as pessoas. Rojas é «morocho», sendo sua tez igual à dos índios das zonas glaciais, e seus olhos amendoados, denunciando a origem racial. Conta-se que o pai de Rojas é filho de índios. De um relance fitou-nos por cima dos óculos e após cordial cumprimento mergulhou o olhar no questionário que lhe apresentáramos no dia anterior, através de seu coordenador, capitão de fragata Fritz Simons.

Depois de breve saudação ao Brasil, e as referências tradicionais às belezas do Rio de Janeiro, entrecortava a leitura das perguntas com uma alusão toda especial ao almirante Renato Guillobel, a quem considera um grande administrador. Perguntou, então, se a obra do conjunto residencial para o pessoal da armada, em Bonsucesso, já estava concluída. Disse-nos que Guillobel lhe mostrara o plano da monumental obra (que se arrasta pouco a pouco) e lhe dera detalhes do que pretendia fazer em benefício da marinhagem.

— «O sr. me perdoe, mas estou lendo suas perguntas pela primeira vez, sabe?»

O repórter fitou o questionário e viu então algumas das perguntas assinaladas com um lápis vermelho.

— «Admito que muitas dessas perguntas sejam desnecessárias» — afirmou. Explicamos que tudo o que ali estava contido, nada mais representava do que uma resposta ou melhor, um desmentido, a tudo o que no Brasil se falava a seu respeito e da Argentina. Sorrindo e olhando de soslaio para seu oficial ajudante, um jovem tenente da marinha, e para seu assessor, um capitão de mar-e-guerra que não conseguimos identificar, concluiu:

— «Fala-se muito mal da minha pessoa no Brasil?»

— «O sr. não sabe? ...»

— «Sim. Já tomei conhecimento de alguma coisa...»

Rojas impressiona à primeira vista, pela leveza de seu modo personalista. Não nos olha de frente. Prefere o gesto caído de cabeça, onde só os olhos procuram esmiuçar o interlocutor. Austero no falar, e muito atento no ouvir, quis antes de responder às nossas perguntas, saber como estava a situação política brasileira.

Como bom patriota não quis dar detalhes, embora sentisse um imenso desejo de divulgar que as coisas não vão bem neste reino de JK. Mas ante a negativa preferiu perguntar:

— «Como vai o almirante Pena Botto? Aprecio muito êste militar. Conheci-o quando da minha estada no Brasil e acredito ser uma das maiores culturas da marinha brasileira».



— «A sua curiosidade, respondo que o almirante Pena Botto está bem de saúde».

Rojas entendeu que não estávamos ali para falar do Brasil, mas para ouvir respostas às perguntas que tanto interessam aos nossos leitores. De maneira cordial ofereceu-nos um cafêzinho e pediu que ficássemos à vontade. Tomou os óculos e passou às respostas:

P — Verdadeiramente, quantos peronistas foram fuzilados? No Brasil há controvérsias sobre isso.

R — Não sei porque, mas há controvérsias sobre tudo quanto se passa em nosso país. Fuzilamos 27 indivíduos, entre chefes da revolução fracassada e criminosos fichados que se valeram do momento para cometer crimes hediondos. Tudo o que sair dessa cifra é inverídico.

P — Existe conexão dos comunistas com os recentes sucessos de Buenos Aires?

R — Sem dúvida. Os autores do movimento subterrâneo sempre se valeram dessas oportunidades, e nós já encontramos provas de que os mesmos estiveram agregados ao movimento peronista.

P — Acredita o governo que Perón insuflou o movimento, mesmo depois de ter o ex-ditador afirmado que o desaprovava?

R — Sim. Possuímos documentos e cartas que comprovam a interferência de Perón no movimento fracassado. A ele interessa dizer agora que não o provocou, mas nós temos certeza disso, pois havia instruções suas a trabalhadores peronistas para que incendiassem as igrejas, os

quartéis e impuzessem o pânico no seio da massa. Se o movimento soubesse vencedor, ele seria seu «chefe espiritual».

P — Noticiou-se, no Brasil, que o Presidente Aramburu esteve ausente das providências tomadas na ação repressiva.

R — Isso não é verdadeiro. O Presidente estava fora da capital mas, sempre que nos possibilitaram as comunicações, ele tomou conhecimento do que aqui se passava. É óbvio que no seu impedimento eu assumi a presidência, num momento crítico em que se faziam necessárias as providências enérgicas que adotamos. Mas a lei marcial foi assinada pelo Presidente Aramburu, após a minha indicação de que se tornava necessária.

P — No Brasil, alguns elementos peronistas afirmam que o corpo de Eva Perón foi lançado às águas do Rio da Prata. Não cremos nisso, mas poderia desmenti-lo?

R — Isto é uma infâmia. Nós somos cristãos e não seríamos capazes de uma coisa dessas. O corpo da sra. Eva Perón acha-se num lugar digno de uma cristã.

Insistimos para que nos dissesse onde estavam os restos de Evita, ou pelo menos localizasse seu destino, ao que redarguiu:

— «Infelizmente não lhe posso prestar essa informação, porque nos traria uma série de incômodos, com peronistas a cultuá-los, e a provocar desordens. Quando chegar o momento oportuno, diremos».

Com essa resposta o inteligente almirante Rojas deu uma nova luz à

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 28 DE JULHO e 3 DE AGOSTO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O clima da semana não lhe favorecerá nem as razões nem os projetos. No seu caso, os empreendimentos devem ser adiados para uma oportunidade melhor. As viagens e as mudanças, no entanto, estarão favorecidas.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A não ser o cuidado que deverá dispensar à saúde, no curso da semana entrante, nada de especial temos a recomendar ao leitor. O novo período será bom para seus negócios e lhe dará chance nas relações.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Assuma o comando da ação em que se envolver, exija e imponha. Suas opiniões e seu ponto de vista serão aceitos, tal a intensidade do seu magnetismo na vigência da semana em pauta.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor se sentirá tomado de um forte desejo de ação. Quererá fazer algo de novo ou de extraordinário. Não conseguirá nada que não seja superficial. Os influxos reinantes não o ajudarão.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — O clima da semana será salutar ao que empreender e, conseqüentemente, à satisfação dos desejos. Seja justo, porém, equilibrando bem os atos. A justiça o espreitará bem de perto. O leitor pagará no ato o mal que fizer.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os influxos mais fortes da semana incidirão sobre sua vida sentimental, favorecendo-a extraordinariamente. Os casamentos, os noivados e as reconciliações estarão muito bem amparados.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Muitas promessas lhe serão feitas durante a semana. Não espere o cumprimento de nenhuma delas. O terreno em que pisará será falso e escorregadio. A paisagem será uma ilusão.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Todas as realizações da semana serão favoráveis ao leitor. Sua posição em face dos astros será excepcional. Não cruze os braços, porém. Vá ao encontro da sorte, certo de que ela lhe premiará largamente, os esforços.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O novo período, no seu caso, será de tranquilidade, de paz e de bonança. O trabalho profissional será bem recompensado e atendidas as aspirações. Bons negócios nos três últimos do período.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A vida social e a sentimental vão ser perturbadas por acontecimentos inesperados e de certa violência, Uranus em dissonância com seu astro, provocará tais acontecimentos. Precavenha-se, pois.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os astros favorecerão seus pedidos e suas pretensões amorosas. Os setores de concurso do seu horóscopo estarão bem aspectados no curso da semana. Aproveite bem a boa oportunidade.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Com excessivo apetite sob todos os pontos de vista, o leitor estará exposto a desilusões, mesmo porque, fraca como se anuncia, a semana não lhe proporcionará grandes coisas. O comedimento se impõe.

OS NOMES DA SEMANA

Julho, 28	—	Aristides	—	Anita.
" 29	—	Agripino	—	Euda.
" 30	—	Claudionor	—	Auta.
" 31	—	Augusto	—	Clarice.
Agosto, 1	—	Horácio	—	Virgínia.
" 2	—	Estêvão	—	Ester.
" 3	—	Geraldo	—	Lícia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho, 28	5° 21' 32"	(Signo do Leão)
" 29	6° 18' 54"	" " "
" 30	7° 16' 16"	" " "
" 31	8° 13' 40"	" " "
Agosto, 1	9° 11' 05"	" " "
" 2	10° 8' 31"	" " "
" 3	11° 5' 58"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

— NÃO ATIRAMOS AO PRATA OS RESTOS...

controvertida questão. Seria muito mais fácil para ele desconversar ou simplesmente dizer que o cadáver da extinta dama fôra dado a um lugar cristão, e nada mais informar. Dizer que no momento isso não era permissível, traz a responsabilidade de no futuro prestar contas. Há pessoas em Buenos Aires, dizendo-se com boas informações, que nos garantem que ter sido cremado o corpo e lançado nas águas do Rio da Prata. Um co-terrido cronista patricio afirma que viu a ata das cinco testemunhas que assistiram à incineração do corpo com uma riqueza impressionante de detalhes. Mas Rojas diz que não. Admite que seu sentimento cristão não lhe permitia executar tal profanação.

P — Há unidade nas forças armadas argentinas?

R — Absoluta. Compomos um conselho de governo onde todos estão acordes. A prova dessa unidade não poderia ser melhor do que a dada em junho último, por ocasião do levante peronista. Estamos coesos e pensamos como se fôssemos um só cérebro.

P — Dizem no Brasil que os peronistas não querem mais Perón no governo, mas não concordam com os atuais detentores do poder. Isso é verdade?

R — Acredito que sim. Que eles não nos queiram mais no poder não é novidade. Sabem o que representa a nossa tarefa de salvar a pátria. Também tivemos informações de que elementos de destaque nas hostes peronistas — agora proscritos — estão contra a volta de Perón ao governo, condenando-o em muitas atitudes. Por isso acho que também eles não querem mais Perón.

Nesse ponto também insistimos. Perguntamos-lhe se não eram «argentinitas» ao invés de «peronistas». Por que subsistir o nome do ex-ditador, se não lhe cultuam mais a memória política? Rojas admirou-se da citação «argentinitas» e frisou:

— «Nós somos os argentinitas. Nós estamos aqui para salvar a Argentina; não eles».

P — Que política o governo argentino terá no futuro com relação ao Brasil, principalmente no setor comercial?

R — A melhor possível. Queremos ao Brasil como o nosso melhor amigo do Continente. Emprestamos-lhe tanto valor que estamos estudando a reforma, para melhor, de todos os nossos acordos comerciais e tratados. Esperamos igualmente boa acolhida não só do Brasil como de todos os países do concêntrico hemisfério.

P — Quando haverá eleições na Argentina?

R — Disse o Presidente Aramburu, em recente discurso, que em fins de 1957 convocaremos as eleições.

P — E nesse caso venceriam os peronistas?

R — De forma alguma. Perón não volta mais à Argentina.

Fazendo questão de frizar, repetiu:

— «Perón no vuelve más!»...

P — Está o governo argentino interessado na introdução de capitais estrangeiros no país?

R — Sim. Muito interessado estamos, desde que venham para se sujeitar às leis do país e com as melhores intenções. Nós lhe daremos todas as garantias.

P — Quantos presos políticos existem na Argentina? No Brasil se anuncia que sobem a mais de cem mil.

R — Li numa revista canadense que possuímos mais de 260 mil presos políticos. Mas onde guardariamos toda essa gente? Se isso fôsse realidade, aqui mesmo, em meu gabinete, teria uma centena deles, porque não temos prisão para todo mundo. Isso não é verdade. Detidos e sendo julgados reunimos creio que uns 17 mil. Nada mais que isso.

P — Quando serão fornecidos os salvo-condutos para que os exilados políticos abandonem o país?

R — Já estamos concluindo os primeiros «vistos». Em verdade Tanco e outros já foram liberados. Existem muitos presos políticos e de acordo com a praxe do direito internacional, temos o máximo empenho em fazê-los sair imediatamente do país.

P — Quanto soma a fortuna de Juan Perón? Ser-lhe-ão confiscados todos os bens?

R — Nós só confiscamos seus bens, alienados à Mercedes-Benz. Exatamente quanto soma seu «patrimônio», ignoramos. Sabemos que alcança quantias astronômicas; mas o que está no exterior, em bancos particulares, e o que conseguiu levar na mala, quando saiu do país, é ainda incalculável.

P — Quais as verdadeiras razões da expulsão do capitão Morosov adido naval russo?

R — O capitão Morosov não se portou como um diplomata. Nossas autoridades de chancelaria concluíram pela expulsão daquele militar por estarem certas de que suas atitudes fugiam às de um diplomata no exercício de suas funções.

Como insistíssemos nas verdadeiras razões, Rojas preferiu sorrir e sair pela tangente, afirmando: — «Verdadeiramente não estou inteirado de tudo. Quem tratou do assunto não fui eu...»

P — Será fechado o Partido Comunista na Argentina?

R — ? !

A nossa última pergunta ficou sem resposta. Negou-se a responder-nos. É notório que a ingerência de peronistas e comunistas na Argentina forçou Morosov a estreitar ligações com os partidos de Stalin no país vizinho. Por certo, o Partido Comunista em pleno vigor legalista está com seus dias contados.

Rojas nessa mesma tarde comparecia ao banquete da «camaradagem». E dado o adiantado da hora encerrou a entrevista. Já estávamos satisfeitos com a amabilidade do «condestável» argentino e nos despedimos. Temos a certeza de que cumprimos nossa missão ao trazer aos leitores respostas às perguntas que mais se fazem no Brasil sobre a Argentina. Contradições a essas respostas, tergiversações e uma cuidada apreciação política sobre a Argentina de hoje, seriam assunto para outra oportunidade.

VIVER PERIGOSAMENTE

Fernando LÔBO

◆ Estou diante do moço. Moço de bom coração mas inteiramente fora da lei. Ser fora da lei é ser essa espécie de ladrão pequeno, sem possibilidades para um ministério, sem maior jeito senão esse vulgar de bater uma carteira aqui, outra acolá. O conceito de ladrão fornecido pela polícia nos incomoda. Os outros todos — os dos automóveis, os das areias monásticas, os dos furtos altos — esses estão todos soltos, vestindo casaca quando é dia de posse. Mas vai daí que não quero falar dos ladrões importantes, pois sendo muitos, são fortes, poderosos e sem o menor escrúpulo para nos mandar ver sol quadrado. Quero falar daquele ladrão pequeno, que pelas noites à dentro gosta de beber um bom uísque, de fumar um cigarro americano e exibir o terno mais limpo, de calça mais vincada que qualquer dos «dez mais elegantes». É ele que está no meu pensamento, pois há bem pouco comigo esteve, num ponto qualquer. Fala da vida com alegria e chegou mesmo a dizer que eu e ele vivíamos perigosamente. Cheguei a não entender a frase, mas depois concordei mesmo que esses homens, como nós os simples, vivemos e passamos pela vida mais que perigosamente. Disse com calma — quando a noite já ia grande — que teria que ir embora, pois São Paulo o esperava. Era dia de um grande prêmio, daqueles que as mulheres de cabeça oca, usam chapéus enormes, desfilam como «vedettes» e de cavalo que é bom nada sabem. O meu amigo ladrão não ia ali para isso, nem para ver as mulheres paulistas e cariocas, nem jogar nas patas do animal cavalo. Ia trabalhar e trabalhar bem, pois na hora em que os quatrocentão, batem os dedos naquele grito de final de pista de «dá-lhe», os braços levantados facilitam o movimento para a pequenina supressão da carteira. E foi o que fez o amigo ladrão. Quando voltou, soltou esta frase tão histórica quanto muitas que estão pelos rodapés das estátuas: «Meu caro Lôbo, estou muito preocupado com a situação nacional. Bati perto de 80 carteiras e ao todo não somei 20 mil cruzeiros... e havia muito retrato de criança». Ele sabe que todos nós, deste país enorme, estamos preocupados com a situação nacional e o pior é que vivemos muito mais que perigosamente.



A RESPEITO DE ARARA

O sr. Carlos Machado faz de tudo uma saída para marcar publicidade. Agora os seus cronistas amestrados estão fazendo alarde sobre uma suposta arara que fugiu de seu apartamento. Certamente, a arara, um bicho de bom gosto, achou ruim a companhia de seu dono que usa um perfume forte, para entontecer leões e não araras. Mas será que a arara fugiu mesmo ou chegou um pouco tarde de volta? A arara sempre sai, logo depois que o «rei» sai.

ROTEIRINHO

Rose Avril a coisa mais esperada de agosto no «La Cremaillere» — Nasceu uma nova «boite» — ou está nascendo — chamada «Fiesta». O pessoal tem grana forte e é bem capaz de dar um tombo no «Sacha's». Tarde — Eloína resolveu ser Eloína mesmo. Diz Stanislau: quem tem mania de dois nomes é Carlos Machado — Zilco Ribeiro declarou ao Mr. Eco: nunca farei um «show» onde estiver presente esse senhor Machado. Zilco o de bom gosto — Enquanto isso o grande Silveira Sampaio vai fazer bonito, mostrando seu espetáculo limpo, sem pernas de fora nem ofertas na mesa,

ali no Copacabana Palace, que já há muito merecia uma direção artística de bom nível. Sampaio, depois, irá a Europa — No antigo «Perroquet» nasceu uma «boite» de nome difícil. — Uma noite boa: ver e ouvir Fafá Lemos no seu «Key Bar». — Ribamar, Helena de Lima, Catulo de Paulo e as noites correm com eles ali no «Jirau» — Mas vale ver muito o nosso «Bola Sete» no «Bacará».

O PLAZA

Lúcio Alves fez do Bar do Plaza o que fez Caymmi no «36», chamou gente. De repente, mais que de repente, José Augusto resolveu seguir rumos novos. É contra

a publicidade, acha que já ganhou a parada e vai daí que o Bar do Plaza vai ficar vazio, pois sem um cantor, uma atração mesmo, ninguém está disposto a pagar cem pratas por uma dose de uísque que qualquer figura normal toma na veia.



Zilco Ribeiro



CARLA NELL, moça bonita da noite, merecendo destaque maior nos «shows» onde tem aparecido.



ALMA FLORA EM PORTUGAL

♦ OS ADMIRADORES de Alma Flora já devem ter sentido a sua ausência de nossos palcos. É que a talentosa artista portuguesa, que passou entre nós tantos anos, encontra-se já há algum tempo de volta a Portugal, em temporada artística que ainda estender-se-á por alguns meses. Ali, em Lisboa e em outras cidades lusitanas, vem colhendo novos triunfos na sua séria carreira teatral, interpretando toda uma extensa e profunda galeria de personagens os mais variados. Alma Flora, que é queridíssima dos fãs de teatro do Brasil, está certamente fazendo falta aos nossos bons espetáculos teatrais.



POEIRA DE ESTRELAS 1956

♦ NO MUNICIPAL, dentro em pouco, e a exemplo do que aconteceu no ano passado, teremos um grandioso espetáculo: a «Poeira de Estrelas 1956», organizado e dirigido por Dulcina de Moraes, com música de Francisco Mignone e coreografia de Vaslav Veltschek. A récita, cujo produto reverterá em benefício da Fundação Brasileira de Teatro, está despertando grande interesse, tantos os nomes de prestígio em nossos círculos artísticos que nela tomarão parte. Na foto, os organizadores e principais responsáveis de «Poeira de Estrelas 1956» combinam planos.

A SEMANA



ÁLVARO LINS
Viva Lafaiete Pinto!



MARTINE CAROL
Samba au Salgueirô



PASCOAL
De volta à terra



AMÁLIA
Veio rever alguém

NACIONAIS

PREFEITURA, COMÉRCIO e povo de Teresópolis festejaram, irmanados, o 65º aniversário da elevação da cidade a sede de município. Fêz-se uma ótima Exposição Agro-Industrial, que atraiu a atenção de muitos visitantes. Por outro lado, a notícia de que a variante Rio-Teresópolis (que faz parte da estrada Rio-Bahia) será em breve atacada gerou um ambiente de alegria geral. Só uma pessoa ficou esquecida, em todas essas comemorações: a Imperatriz Teresa Cristina, patrona da cidade...

EM APENAS um mês, nessa cidade do Rio de Janeiro, foram furtados quinze automóveis, dos quais nove terminaram por ser restituídos aos donos. Dizer-se que o Rio era chamado até há pouco de «mui leal e nobre...»

MARTIM FRANCISCO, que foi técnico do América e agora dirige o Vasco, quando esteve na Alemanha deitou entrevista aos jornais, onde, entre outras coisas, dizia várias frases profundamente ofensivas aos jogadores negros. O rapaz, além de ser perito em quebras de compromissos, é também racista.

FALA-SE MUITO, ainda, na posse de Álvaro Lins na Academia de Letras, na cadeira que pertenceu ao senhor «Lafaiete Pinto», como várias vezes afirmou o próprio mortal... Há os que preferem substituir os dois «ss» de «posse» por dois «rr»... Emílio de Menezes deveria ter ficado contente, se vivo fosse.

DRUMMOND DE ANDRADE, tratando do Dicionário da Academia de Letras, que dessa vez parece que vai mesmo sair, e oferecendo alguns verbetes ao mesmo, assim define a palavra **Candidato**: «indivíduo, geralmente escritor, que expede 39 cartas iguais e faz 39 visitas sem esperança de usque, na esperança de também vir a recebê-las».

O PRESIDENTE JK concedeu, afinal, o aumento dos salários mínimos aos operários brasileiros: no Rio, o salário mínimo será de Cr\$ 3.800; em São Paulo, de 3.700; é no Piauí e no Rio Grande do Norte que o salário mínimo alcançou nível mais baixo: 1.250 cruzeiros.

O NOVO Canto do Rio encaçapou, logo de saída, Fluminense e Flamengo. Se a coisa continuar nesse pé, o time de Niterói vai dar muito o que fazer, aos grandes do futebol carioca.

REGINA GONDIM, filha de Gondim Neto, catedrático de Direito Civil, neta de Gondim Filho, catedrático de Direito Civil, seguindo a praxe da família, venceu o concurso para o preen-

chimento da vaga de Catedrático de Direito Civil da Universidade de Niterói. É jovem, bonita e competente.

VIEIRA DE MELO, depois que pronunciou seu discurso na Câmara sobre a confusão feita por alguns entre interesses nacionais e interesses norte-americanos, já está sendo chamado de comunista, pelos jornais do vendido Chateaubriand. Há ou não há, aquela confusão?

PASCOAL CARLOS MAGNO foi removido de Milão, onde desempenhava as funções de Cônsul, para a Secretaria de Estado. Pascoal faz muita falta no Brasil, seja benvindo.

AMÁLIA RODRIGUES chegou ao Rio, incógnita, praticamente. Dizem que veio rever seu amor brasileiro, conhecido homem de negócios.

BOB HOPE virá ao Rio de Janeiro, e até filmará por essas bandas, segundo afirma Elsa Maxwell. Será a segunda vez que o conhecida artista visitará um país sul-americano.

DICK FARNEY, convidado para ser o vocalista da orquestra de Tommy Dorsey, embarcará esses dias para os Estados Unidos, seguindo assim os passos de Cauby Peixoto e de Leny Eversong.

MARTINE CAROL visitou a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, e foi saudada em francês por um sobrinho do presidente da Escola. Dizem que Martine guardou excelente impressão da turma do Salgueirô.

ALEXANDRE FADUL possuía um auto-retrato de Rafael (?); emprestou-o a um amigo, italiano, entendido em arte. Resultado: o «amigo» mandou a tela para a Itália, afirmando tê-lo comprado, por 25 mil cruzeiros, de Fadul. Se a tela for legítima (hipótese aceitável), valerá no mínimo cinco milhões de dólares.

DIZZY GILLESPIE, inventor do «Be bop», parece que virá ao Rio, com seus dezoito amaluçados músicos negros. Tapem os ouvidos, quando eles chegarem.

DURANTE a preliminar do jogo Canto do Rio x Fluminense, um jogador cantorriense, zangado com a arbitragem, tirou da boca do juiz o apito, e ofereceu-o a um torcedor, na arquibancada. O melhor é que o homenzinho aceitou, pulou a vala, entrou em campo, apitou o jogo, direitinho, até ao fim.

EM REVISTA



DE LIGUORO
E' melhor desistir



ROSSELLINI
Será mesmo boato?



KIM NOVAK
Noiva na Itália?



EDWARD DE KENT
Totalmente biruta

INTERNACIONAIS

RINA DE LIGUORO, ex-estrela do cinema mudo, protagonista da primeira versão de «Quo Vadis», resolvera tentar a carreira pianística, para a qual desde a mocidade se preparara, e que havia trocado pelo cinema. Há pouco, num concerto em Roma, teve o dissabor de ser assistida por apenas setenta pessoas. Resultado, enforcou o ofício. Viverá mesmo, daqui por diante, de recordações.

★
GEORGES ISARLO, conhecido crítico de arte, em seu último livro, «Os Independentes na Pintura Antiga», afirmou que a «Gioconda», retratada por Leonardo, era... um homem! A situação está dando o que falar, nos meios competentes.

★
LOUIS ARMSTRONG, que não faz muito se exibiu em Aggra, na Costa do Ouro, com seu fabuloso instrumento, o «trumpet», quase provocava uma rebelião entre os indígenas que o escutavam, os quais ficaram excitadíssimos com a música diabólica do «jazz».

★
POUCA GENTE sabe que Kim Novak, que alcançou grande popularidade após o último Festival de Cannes, ficou noiva com o conde Mario Bandini, cineasta italiano, e que tenciona casar-se tão logo possa.

★
CHAMA-SE MEDI o filho de Cécile Aubry e de Si Brahim El Glaui, filho mais velho do pachá de Marrakesch. O casamento de Cécile com o filho de um «inimigo da França» estragou totalmente sua carreira cinematográfica.

GIOVANNI PAPINI faleceu aos 75 anos, em Florença, cego, surdo e paraplético. Seu livro «O Diabo» causou grande celeuma de natureza religiosa, e foi pôsto no índice. Parece, porém, que Satanaz não chegará a conhecer, pessoalmente, o seu «biógrafo»: Papini recebeu a extrema-unção, antes de morrer...

★
ROBERTO ROSSELLINI afirmou não passarem de boatos sem qualquer fundamento os rumores de que ele e Ingrid Bergman andam estremecidos, pensando no divórcio. E nós que já estávamos exultantes com a «chance»...

★
HUMPHREY BOGART, que antes de se casar com Lauren Bacall, tinha sido casado três vezes, na quarta parece ter acertado em cheio: já está casado há vinte anos, e dizem ser um dos maridos mais fiéis de Hollywood.

★
MARLENE DIETRICH é a protagonista de «Montecarlo», de Vittorio de Sica. Quatorze vestidos são usados pela velhinha estrela no filme, que já está sendo rodado, em Mônaco, país da moda.

★
WILLIAM GRIFFIN, norte-americano, camareiro secreto de espada e capa (que será isso?) de Sua Santidade o Papa Pio XII, partiu dos Estados Unidos a fim de prestar seu turno anual de serviços nos aposentos pontifícios.

★
A MODA masculina passa por grave crise: não é que na Itália o alfaiate Carleto di Bugnano confeccionou uns trajes baseados nas vestimentas dos negros Mau-Mau? Na Inglaterra é que o traje não vai pegar...

★
UMA NOVIDADE em matéria de máquinas de escrever é a que foi exposta há pouco na Feira de Paris. Tem 2252 caracteres, num teclado que recorda um imenso tear. Escusado explicar que serve para a grafia da língua chinesa.

★
O DUQUE de Kent, Edward Georges Nicolas Patrik, primo do príncipe Philippe de Edimburgo, filho da Rainha Marina, da Grécia, é a ovelha negra da família. Sua atitude negligente, por ocasião do enterro de George VI da Inglaterra lhe valeu uma reprimenda pública da Rainha Mary; seus desastres de automóvel (três até agora) motivaram um decreto de Elizabeth, proibindo-o de andar em carros sozinho. O duque, que tem apenas vinte anos, possui sete grandes paixões: o namôro, os automóveis de corrida, o esquí, a dança, Wagner, a caça e a álgebra.

A semaninha

... São horas de escrever ao papai!
A falta de assunto destaquei várias ocorrências que os jornais registraram a semana finda:

“Concretiza-se a homenagem a Sir Alexander Fleming” mas...
“Os doentes tomam água em vez de penicilina”. E enquanto...
“Em São Paulo uma fábrica produzia linguiça com carne de gato”, “Um barraqueiro (no Rio) vendia quiabos a preços duplicados”. “Assaltando a Atlantic em três minutos”, “Aperta-se o cêrco em torno dos ladrões de automóveis”...

PAPAI: Estas coisas frescas
Que lhe mando cá de cima,
São notícias pitorescas
Dosadas em fraca rima.

Vai ser homenageado
Um grande descobridor;
Já foi feito o “batizado”
Ao milagroso “bolor”!
Não descendemos de ingleses,
Mas eu notei várias vezes
Ser água, água da tina,
Quando doente, há dois meses,
Tomava penicilina...

Seja franco, seja exato,
Porventura foi real
Desaparecer-lhe o gato?
Se pretende o animal
Vá comprar linguiça a jato!

Quando amanhã fôr à feira
Aos quiabos (que eu odeio)
Cuidado com a roubalheira,
Esteja sempre com receio,
Embora a gente não queira
Vem de lá com o saco cheio...

Não sei se vá... ou se fique
Nesta cidade divina.
Assaltaram a Atlantic,
Vai subir a gasolina;
E meu carro, coisa fina,
Nunca mais lhe pus a vista,
Encostei-o numa esquina
E... “cadê” o vigarista?...

Por hoje vou terminar...
Receba, papai Gonçalves,
Um abraço muito “kar”
De seu filho

SANTOS ALVES

A PIADA DA SEMANA



MICHA — «Schweitzer Illustrierte Zeitung»

S

IM, era minha sobrinha, fui eu quem a ensinou. Porém, ela me traiu miseravelmente.

Tudo aquilo era-me particularmente penoso. Parecia-me que eu é quem era traidor, por permitir que Zuane assim falasse, diante de Fedele. Ela, porém, virara-se para o lado de fora de uma janela, e observava ao longe, ao menos aparentemente. Os que nos observassem da sala ao lado, por exemplo, bem poderiam imaginar que a jovem observava a lua ou as estrelas. Meu Deus! Porque se abstinaria em ficar ali? Toquei-lhe de

leve o ombro. Ela olhou para mim, fez um sinal ligeiro com a cabeça, com a mesma muda energia que manifestara momentos antes.

Zuane se calara por momentos, talvez na esperança de que eu fôsse interrogá-lo. Depois, recomeçou:

— Essa moça, antigamente, era-me muito cara. Hoje já não a estimo, porém.

Interrompi-o, oferecendo-me para acompanhá-lo de volta até sua casa, pois a senhora Lisette decerto já estaria preocupada com a sua demora. As horas se tinham passado quase imperceptivelmente.

— Sim, sim, respondeu ele, sem se deter. Deixe-me porém que lhe diga antes: tôdas as misérias por que pode um homem passar, na terra, eu já as passei, durante doze anos seguidos, para que essa moça se tornasse uma verdadeira artista. Ela o tinha prometido, desde a infância, primeiro a Deus, depois à Virgem (pois os artistas são piedosos), finalmente a mim. E de fato se tornou uma famosa cantora. Morria eu de fome, e de alegria, senhor, com seus progressos e com seus triunfos. Pois bem: apareceu um dia à sua frente um homem, jovem, rico, belo, um desconhecido que nada sabia de arte, e diz-lhe, sem mais reboços:

— «Casar-me-ei contigo, porém, deverás abandonar o canto, o teatro, a glória, enfim!»

E então, esquecendo-se de suas promessas, ela parte meu velho coração, a fim de se casar com esse homem. Mas não foi só! Ainda tem mais!

— O senhor sabe, meu caro Zuane, que já é tarde? gritei-lhe, quase, incapaz que estava de deter a torrente de suas palavras.

— Ainda tem mais, e vou contar-lhe: seu marido morreu ao cabo de algum tempo, pois lá em cima, nas nuvens, o senhor sabe, existe um Deus justiceiro...

A jovem, com as mãos unidas, não mais se conteve:

— Oh! Deus, tudo menos isso!

Tenho pudor de contar o que então se passou. Aliás, muito poucos saberiam narrar o que houve. Sei que Zuane lançou um grito, que pessoas acorreram, que houve um movimento inusitado no salão, e que o cego foi levado para longe por mãos solícitas. Fedele, entretanto, suplicou-me que a acompanhasse, rapidamente, pois desejava ficar ao ar livre, no silêncio e na companhia de um amigo.

A tempestade de neve tinha passado, porém o frio era intenso ainda. A neve turbilhonava no cimo dos montes afastados. Caminhamos em silêncio em direção ao fundo do jardim, contemplando a lua e o horizonte, ao longe, entre duas montanhas prateadas, aqui e ali pontilhada com alguns lindos pinheiros cobertos de neve. Pouco além da graciosa «villa» do engenheiro C..., o frio diminuiu de intensidade. Minha companheira diminuiu seu passo.

— Desculpe-me, disse-me então, se lhe causei tantos aborrecimentos. Foi essa, também, a primeira, e a última vez que isso acontece, pois o senhor nunca mais me verá. Amanhã, ainda espero um grande favor de sua parte, e então nunca mais o senhor há de sequer ouvir meu nome. Nunca mais. Meu nome de batismo é Fedele. E, na verdade, apenas posso ser fiel.

Ao pronunciar essa última frase, sua voz adquiriu certo tom soturno, como se as palavras escondessem algum trágico designio. Vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas. «O senhor nunca mais me verá. Nunca mais há de sequer ouvir meu nome». Porque falaria assim? Que tencionava fazer a estranha jovem?

Devia sofrer muito, aquela pobre alma delicada, que eu adivinhava tão pura! Com seu rosto e sua voz, com a ternura de seu estranho nome, parecia-me dessas criaturas por quem nos apaixonamos em sonho.

— Foi ele quem me deu esse nome, Fedele. O senhor compreendeu, não, que ele é meu pai? O pobre não teve coragem de dizer. Não digo que não tenha cometido também meus erros, isso não. É verdade que eu prometera a Deus e a Virgem tornar-me uma grande cantora. Meu pobre pai! Talvez tivesse pôsto demasiada fé na minha promessa. Não posso porém julgá-lo. É o seu mal, e o meu também, que tenha com relação à música tão intenso sentimento. Não guardo contra ele nenhum ressentimento... Apenas, não pude...

Conteve-se, recordando as duas palavras que a tinham ofendido, havia pouco. Faltava-lhe a voz.

— Foi por demais injusto. Pois ele, meu querido espôso, gostava de meu pai, a despeito de tudo, e foi mesmo quem me aconselhou uma aproximação com meu velho pai. Apenas, não gostava que eu cantasse em teatros. Meu pai pensava que, após minha viuvez, eu voltasse a cantar. Foi-me porém impossível. É preciso que continue obedecendo ainda a meu marido. E, de hoje em diante, perdi toda a esperança em ser perdoada por meu pai. Até mesmo a jóia que era de minha mãe, e que lhe ofereci ao término do concerto de nada serviu para aplacar-lhe a cólera. Eu já o esperava. Porém, resolvi tentar pela última vez. Agora, peço que amanhã diga tudo a Lisette...

— Pode dispor de mim até quando quiser, acrescentei.

— Antes de tudo, dê a Lisette meus agradecimentos. Sei que fez o possível para ajudar-me. Diga-lhe que só não lhe escrevi porque não podia e que nem mesmo sei se ainda poderei escrever de novo. Tudo o que tenho, porém, é seu. Meus recursos, e meus documentos, estão em Milão, nas mãos do advogado Benvenuti, rua Santo André, 23. Quer tomar nota, por favor?

Anôtei o enderêço em meu caderno, mas meu coração batia forte. Sentia que escrevia qualquer coisa de sinistro, que marcava, por assim dizer, o término de uma existência, o fim de uma criatura doce e bela, jovem, amorosa, e acima de tudo, cheia de indulgência para com o fanático que em vão buscara escravizá-la.

— Pronto, disse-lhe eu, fechando minha caderneta.

Chegáramos ao fim de um bosque, de onde partia a pequenina senda que levava ao lago de águas tranquilas.

— Desejaria ir até ao lago, disse, em voz calma. Parecia que estava tudo arranjado, e até começou a me falar de um de meus livros, onde eu tratara de lago semelhante. A idéia de nos dirigirmos a tal local, após conversa tão cheia de mistério, perturbou-me de tal modo, que não desejei cumpri-la de jeito algum. Fedele sorriu.

F E D E L E

— Voltemos, então.

Após alguns passos em silêncio, começou a cantar baixinho:

Ah! que nunca no inferno

Seja eu condenada ao fogo eterno!

Senti-me feliz. Já me arrependia inclusive de ter por instantes que fôsse dado crédito a um possível suicídio de Fedele. Estava quase a lhe dizer isto mas não tinha coragem. Ela se calara. Passando pela «villa» de C..., disse-me que seu marido chamava-se Vida, e que ela ocultara o sobrenome, a fim de que seu pai, tomando conhecimento dêle, não abandonasse as carreiras San Bernardino.

Chegamos enfim à aldeiazinha, branca aos raios da lua, e deserta. Já com os pés na soleira do hotel Brocco, perguntei-lhe:

— A senhora parte?

— Amanhã de madrugada.

— E porque? E para onde?

Hesitou, para afinal dizer:

— Não dirá nada a ninguém? Pois bem: vou a Marselha, onde mora minha irmã.

Olhei-a, estendi-lhe a mão sem poder falar. Ela me deu a sua.

— Talvez eu entre para um convento.

Julgamos ouvir frases soltas, no hotel.

— Amanhã, disse-me apressadamente, não venha despedir-se de mim. Seus amigos são perversos. Já se divertiram bastante, hoje, à minha custa. E sobretudo não diga nada a ninguém. São coisas que só nós devemos saber. Nós, venezianos, somos estranhos, não?

Apertei-lhe a mão fortemente nas minhas. Foi nosso mudo adeus.

— Afinal, disse-me, na manhã seguinte a senhora Prina, cheia de ironia, os versos que nos faltavam, para a canção foram lembrados...

— Que versos?

— Ora, meu caro... E se pôs a declamar, em voz alta:

Meus dentes se cerram

Quando quero falar-te.

E digo: as coisas acontecem...

Era verdade. O verso tinha sido lembrado. «São coisas que só nós devemos saber». Calei-me, porém, recusando-me a reconhecer, na frase banal daquela melindrosa, as últimas palavras que ficaram de Fedele.

— F I M —

LE



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Ilustração de RAMÓN

Especial para a Revista da Semana — Copyright Keystone e Pierre Horay

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ Kapitza é um famoso cientista russo, ex-aluno de Rutheford na Inglaterra, para onde se encaminhara, fugindo à Revolução Russa. Voltando à pátria a fim de tomar parte num Congresso de Física, dali nunca mais voltou, após uma bizarra entrevista com Joseph Stalin, que o incumbiu de preparar a defesa da Rússia, no que se refere a armamentos atômicos. Toda uma grande equipe está à sua disposição, equipe que o próprio Kapitza recrutou através de uma imensa viagem pelas principais penitenciárias do Estado. Talvez cômico da tremenda responsabilidade que pesa sobre seus ombros, o físico escreve a Einstein, seu grande amigo, uma carta que é quase que uma explicação antecipada do que iria fazer, e da parte de responsabilidade que lhe tocara, se acaso inventasse algum engenho que viesse a contribuir, de algum modo para o mal da raça humana.

(Continuação do número anterior)

Já Kapitza sabe que se há de fazer tudo, na União Soviética, para deformar a verdade, e para apresentá-la de maneira enganosa. Do outro lado das fronteiras, porém, não falta quem saiba tirar conclusões, muito melhor do que os outros.

— De nós, russos, não de fazer um retrato idílico, a menos que, muito ao contrário, nos enviem logo para o inferno. A verdade, como sempre, está no meio. Um dia, talvez, ela venha a ser descoberta pelo mundo inteiro...

UMA TROIKA...

A carta que Kapitza escreveu para Einstein justificar-se-ia se só tivesse aquelas poucas linhas. O físico sabe que, de então por diante, manter uma correspondência com o estrangeiro será cada vez mais difícil para um russo, mesmo da categoria de um Kapitza. A medida em que o «caso» fôr se aprofundando, mais e mais Kapitza e sua equipe hão de ser vigiados.

Vale a pena dizer de sua profunda admiração por não ter Einstein publicado imediatamente sua fórmula, julgando que ela talvez trouxesse apenas a desgraça à humanidade? Vale a pena lembrar outros gestos heróicos de tantos outros pioneiros, como Niels Bohr, Rutheford ou Max Planck? Ora, Einstein deve saber de tudo isso...

E, sem mais refletir, Kapitza escreve num jato:

— Será que terminaremos na situação dos aprendizes de feiticeiro de que falou Goethe, que desencadearam forças que não estavam aptos ainda a dominar?

Mais uma vez Kapitza detém-se. Físico, sabe, perfeitamente, que não há força na natureza que não possa vir a ser domesticada. Não é preciso falar a respeito com Einstein. Mas se esse, há trinta anos passados, quando no mundo não existia, ainda, ditadura alguma, experimentara tantos escrúpulos, quais não deviam ser os de Kapitza, que iria trabalhar precisamente para o mais feroz dos regimes de força? Como dizê-lo a Einstein? Kapitza afinal derrubou o obstáculo:

— Como russo, devo dizer: posso acaso subir numa troika, cujos cavalos não estejam bem seguros? Deverei descer dela, se outros tomarem lugar, sobretudo crianças? E se os cavalos, na estrada, se irritarem, como farei para abandonar, com vida, a carruagem? Aqui me vigia com crescentes cuidados. Porém, a viagem não depende somente de mim. Não de encontrar alguém para substituir-me, se acaso fôr necessário... E se a viatura se dirigir para o abismo, com um de nós tendo as rédeas às mãos...

A carta de Kapitza endereçada a Einstein, deixa entrever várias vacilações e interrupções em sua redação. Certas ocasiões, a pausa foi longa e as margens estão tomadas por aqueles pequeninos desenhos tão peculiares a Kapitza. Levou vários dias para escrevê-la. É bem um vício, esse que possui de levar dias, semanas, para escrever uma carta. Depois

de terminadas, mete-as no bolso, para subitamente enviá-las, mesmo sem lê-las mais. Pode igualmente (segundo disse o professor Ioffe), terminar uma missiva, e em seguida rasgá-la...

— Não sei (afirma ainda Ioffe) se a carta chegou a ser dirigida a Einstein. Sei que, antes de devolvê-la discretamente a seu autor, tive-a, durante um dia inteiro em meu bolso, seguindo as instruções de Kapitza. Estávamos então em Koutchoug, e se a carta acaso tivesse caído em mãos da polícia...

UMA ESTRANHA ASSOCIAÇÃO MUSICAL

Stanislas Redens leva ao peito as insígnias de tchequista honorário. Fôra outrora, na Transcaucásia, o superior de Beria. Hoje, é o auxiliar de Iajov. Na mocidade, atuando num teatro de Riga, aprendeu algumas noções da arte das dissimulações e transfigurações. Desde há cinco anos, sob o nome de Auguste Berens, conselheiro de legação, prepara ele o regresso à União Soviética do físico Kapitza.

É ainda Redens, mas sob o nome de Serge Barkov, conselheiro de legação, que parte em 1937 para Londres e Paris, como adido cultural. Em pouco tempo é recebido pelo professor Langevin, e mormente pelo casal Joliot-Curie, que lhe dispensa carinhosa amizade, hospedando-se por quatro dias. Barkov desenha muito bem, e faz diversos esboços do casal famoso, em várias atitudes: na biblioteca, no laboratório, curvado sobre o microscópio...

Desenha sempre. Em casa do professor Nevill Mott, encontra-se com certo doutor Klaus Fuchs. Não chegam a entabular amizade, porém através de Barkov, Fuchs passa a conhecer os comunistas.

Em fins de outubro, Barkov, de novo Redens, dá contas de sua missão ao camarada Jdanov. Não é, certamente, um especialista em isótopos e prótons, porém sabe, com precisão, de que recursos dispõem os cientistas estrangeiros, e de onde lhes vêm os meios. Conhece seus laboratórios, seu equipamento, a intensidade de seu trabalho. E tudo isto interessa profundamente a Jdanov. As inúmeras notas recolhidas permitirão, outrorram, que se estabeleçam novos contactos, que novas fontes de informação venham a ser descobertas.

A 12 de dezembro de 1937, elege-se o primeiro Soviet Supremo, composto de 1.200 membros. Exatamente um mês mais tarde, o Parlamento está constituído, com um Presidium de 41 membros, sendo que Stalin como secretário geral do partido, Jdanov e Beria como chefes regionais. Está formado o governo, igualmente, do qual não faz parte o vice-presidente Vlas Tchoubari.

Durante quatro dias, incessantemente, Jdanov pede a Tchoubari a fabulosa importância de 320 milhões de rublos. Ingenuamente, o vice-presidente deseja saber para quê? Stalin o convoca à sua presença. Beria vem unir-se aos dois. De um momento para outro, Tchoubari desaparece misteriosamente, alguns dias depois. Ao menos, tem um consolo: foi o primeiro do extenso número de vítimas exigidas pela missão enorme. Pouco depois, Nicolas Vosnessensky terá a mesma sorte. De qualquer modo, no início era ele o chefe do plano, em toda a União Soviética.

A 21 de janeiro, aniversário da morte de Lenine, grandes comemorações são efetuadas. As 18 horas e 50 minutos, hora da morte de Lenine, a solenidade começa no Teatro Bolshoi. No entanto, às 18 horas, o Presidium se reúne. Cada membro foi convocado pessoalmente. Todos estão presentes, ao contrário do que acontece corriqueiramente, quando faltam geralmente de 8 a 12 membros. Ao soar o gongo, o presidente Kalinin passa a palavra ao camarada Jdanov, o qual, afirma, tem uma comunicação importantíssima a fazer.

Jdanov levanta-se. De hábito, os oradores conservam-se sentados, em seus lugares.

— Peço que não se tomem notas, durante essa minha comunicação.

As dactilógrafas tinham sido dispensadas desde o dia anterior. Jdanov começou, com voz pausada:

— Temos que realizar uma obra grandiosa. A direção ficará entregue ao Partido, exclusivamente. Essa autoridade é-lhe dada pelo próprio povo. As finalidades que se desejam obter são supremas. Eis as bases dessa operação sem similar.

— ALÔ! É DA GARAGEM! AQUI FALA HORENKO. A REUNIÃO TERMINOU. TENHO AINDA BASTANTE



Expõe seu programa em quatro pontos, tal como Ugarov estabele-
cera havia meses. Depois, Beria tomou a palavra, dando a conhecer suas
famosas «nove regras». Vosnessensky novamente faz uso da palavra:

— No registro especial, os senhores poderão após ver 43 inscrições
novas. Para a execução do plano, são previstas 189 operações. A tarefa
de cada uma será comunicada, em tempo, por essa direção. Mão de
obra e fundos virão do fundo especial. Não faremos contas, nem faturas,
nem nada que possa ventilar a grandiosidade da operação.

Depois que o novo planificador Vosnessensky acaba de falar, Idanov
ergue-se, por sua vez, e passa a fazer novas advertências. Recomenda
a máxima discreção. É inútil dizer que aquela missão deve ficar imersa
no mais fundo segredo. Nenhuma palavra deve ser dita a quem quer
que seja. As três comunicações lidas há pouco, diante da assembléia,
tomarão de ora em diante o nome de Ukase 3. E é tudo.

Beria ainda acrescenta:

— Até essa reunião deve ser considerada como se não tivesse existido.

A conferência durou quatorze minutos exatamente. Ainda faltam trinta
e seis para o início das festividades comemorativas ao décimo terceiro
aniversário do falecimento de Lenine. Para chegar ao teatro, quinze mi-
nutos de caminhada são precisos. Um passeio tranquilizador, após a no-

tícia sensacional, pensou a camarada Ana Horenko, membro do Presi-
dium, não deve ser muito ruim. Telefonará para a garagem, dispensando
o automóvel.

— Alô? É da garagem? Aqui fala Horenko. A reunião terminou. Tenho
ainda bastante tempo. Não preciso do automóvel, pois irei a pé:

Alguém lhe toca no ombro.

— Acompanhe-me, por favor.

É Beria. Honrenko está presa. Não devia ter dito nada a quem quer
que fôsse, sobre a reunião. Mesmo sem intenção de prejudicar, a falta
é imperdoável.

No dia seguinte, o marido de Ana Horenko deseja saber, da polícia,
notícias sobre sua esposa. Também ele desaparece.

As três crianças filhas de ambos são ainda muito pequeninos para se
inquietarem com a sorte dos pais. E isso lhes salva a vida.

— Que pretende esse rapaz do velho?

Eis a pergunta que todos os dias se formulam os prisioneiros da O.
K.B. 13, quando vêem entrar na casa de Magdessiev um homem de cerca
de 30 anos, de talhe médio, vestido elegantemente.

(Continua no próximo número)

TEMPO. NÃO PRECISO DE AUTOMÓVEL. ALGUÉM LHE TOCA NO OMBRO: "ACOMPANHE-ME, POR FAVOR."



(Desenho de ADIR)

A PLANTA

◆ O parapeito da sacada é tão estreito que a lata se encosta à parede do edifício, num equilíbrio instável. Qualquer dia despenca na cabeça de um transeunte, mas não há outro lugar onde possa viver uma planta naquele prédio sem tanque, sem área, sem nada que não esteja debaixo de teto. Ali recebe sol, ar fresco, chuva, e quando há seca, das mãos que a plantaram, o caneco d'água salvador. Assim vive, entre cimento e asfalto, banida de seu meio aquela flor, milagre de perseverança e ardor de vida. Fico a admirar a motina planta lá no alto plantada. Ela é bem um símbolo de nossas pobres tendências contrariadas pela necessidade de subsistir, primária condição a satisfazer na vida, e a que sacrificamos tudo, a vida integral que devia ser pela vida concedida de todo dia.

◆ A dona daquela planta antes deveria ser fazendeira. Viver na natureza, vigiando o madurar das frutas no pomar, o crescer dos legumes na horta, o desabrochar das rosas no jardim. Mas não; cá está na cidade, bloqueada pelo edifício e alogando no peito murcho o ansiar dos ares largos do campo. E quantas camponesas não sonham, nas longas e escuras noites do interior pontilhadas das luzes humildes dos vagalumes, com as luzes espalhafatosas do «neon» e a atmosfera das «boites», que não conhecem, mas adivinham, com o sentido das coisas que nos dão as nossas aspirações mais profundas?

Está tudo disposto de tal maneira que dificilmente somos o que desejaríamos ser. Há uma idéia fixa de liberdade, difusa e apregoada, mas docilmente estendemos o braço ao tronco, e nos atamos. A natureza, porém, corre por outras veias que não corre o interesse dos homens. E' no sangue, é na seiva, no âmago de animais e vegetais, sem vir cá fora saber se é preto com preto, branco com branco, ou se é asfalto e não terra fresca onde lançar semente. E fica tudo assim, campo de sobra a cavaleiros que queiram consertar «tortos» e desfazer «agravos».

◆ O melhor é mesmo se dar um jeito, se é que não adianta lutar. Se gostamos de planta e vivemos na cidade, e se vivendo na cidade moramos numa casa onde não haja pedaço a céu descoberto, plantemos a nossa planta numa lata, e a coloquemos à janela. Se cair lá emboixo e matar alguém, o Código Penal está cheio de artigos que nos eximam do mal que fazemos sem o tencionar. Ademais, ele é omissivo quanto a esse mal que nos faz uma organização social que frustra as nossas vocações. E se aproveita a alguém a manutenção desse estado de coisas, há intenção clara de a outrem prejudicar. Mas a isso o Código fecha os olhos, e se cala.

ARNAUD PIERRE

É ASSIM A NOVA

RESUMO

Sabe-se agora que, para renunciar ao noivado com o piloto da RAF, foram feitas concessões à Princesa Margaret, facilitando-lhe uma vida social mais intensa e menos controlada pelo protocolo do palácio real. Sempre que necessário, Margaret comparece às solenidades oficiais e sabe dar conta de uma tarefa da qual é incumbida, com dignidade e louvor. Mas, fora desses compromissos, ela quer ser — e começa a ser — uma jovem como qualquer outra, que vai às compras e paga do próprio bolso o que lhe apraz, que frequenta cinemas e teatros com rapazes e moças de suas relações, que participa de festinhas em apartamentos, por motivo de um aniversário ou coisa ainda mais trivial. Entremetidos, vão reduzindo de número os rapazes de nobreza que podem ser candidatos à mão da Princesa. Reduz-se o número porque eles, desiludidos de cair nas graças de Margaret, fazem outros compromissos nupciais, casam-se de uma vez, e não há quem os substitua... Daí se conclui que, dentro de mais alguns anos, a irmã da rainha da Inglaterra não terá mais candidatos à sua mão (dentro das fórmulas protocolares). Poderá então casar-se com um homem que não seja nobre? Nesse caso, por que se terá sacrificado, ainda moça, em relação a Peter Townsend? Evidentemente, havia outro obstáculo, a condição de divorciado... Mas não esqueçamos — e quem mais deve ter o pensamento fixo a esse respeito é a Princesa — que a mocidade está passando... passando... e que uma vez passada, não volta mais!

Por FRED DOERFLINGER

Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA, pela I.N.S.



♦ **LONDRES, julho de 1956** — Afinal, a princesa Margaret libertou-se das amarras reais e decidiu estabelecer por ela mesma a sua carreira de princesa. Isso poderá ter escandalizado a milhões de britânicos, terá, quem sabe, feito voltar para a Inglaterra, os olhares surpresos do resto do mundo, mas nada fez demovê-la do seu firme propósito: viver, viver o que lhe cabe viver e mais nada.

— A princesa sabe que cada dia que passa, não voltará jamais, confidenciou-me uma de suas camareiras. E' exato que todo o dia é a véspera de um dia imediato e que há sempre um volumoso «stock» de dias para serem vividos. Mas o dia de amanhã já nos custará mais vinte e quatro horas, e a mocidade não tem preço... Envelhecem tão depressa as princesas autênticas, como as de um concurso de beleza. E Margaret é uma jovem inteligente, que não quer, amanhã, passar pelas ruas, sob os olhares piedosos de seus súditos: Ali vai a princesa solteirona... Pois se no seu livro do destino estiver escrito que ela não deverá casar-se, pelo menos envelhecerá, vivida. Tendo recordações felizes. Sem o vazio da maioria das solteironas e sem, com isso, ter maculado o nome da família...

Nos últimos oito meses, a princesa tem tido várias e importantes incumbências reais, incluindo-se entre elas, uma excursão à África, planejada para os próximos meses de setembro e outubro, e uma visita à Suécia.

— A princesa gosta de viajar, embora não seja das pessoas que passam melhor em mar alto. Mesmo quando se transporta de avião, seus nervos são afetados e ela passa mal do estômago. Quando vai acompanhada da Rainha-Mãe, tem uma enfermeira às ordens, que a conhece muito na intimidade, mas, sem essa companhia, a princesa não é muito fácil de aturar. Não chega a ser voluntariosa; é, contudo, dona de seus caprichos e não se deixa levar pelo que mesmo os seus amigos mais fortes, lhe recomendam. Tem sempre opinião própria.

Na Inglaterra, a princesa tem substituído por várias vezes, ao príncipe Felipe, na recepção dos cadetes oficiais em Sandhurst. Ela recebe os cumprimentos como legítima representante da família real. Desta última vez, concede graus acadêmicos e faz visitas às dependências do estabelecimento de ensino, por própria conta. A princesa não desagradam as tarefas oficiais. Há quem afirme que ela estaria em condições de substituir a irmã no trono inglês, porém, ela, pensa de outro modo:

— A princesa jamais exerceria o governo porque lhe falta acima de tudo a vontade de



A nova princesa Margaret é assim, dança com o 1º cavalheiro que lhe pede a vez num salão... Aqui está nos braços do major Raymond Seymour, por ocasião do «show» anual «Red Hat Ball», recentemente realizado na capital londrina, em benefício do Christ Church United Clubs.

PRINCESA MARGARET

(Terceiro de uma série de quatro artigos)

PRINCESA

Ocidentais em princípios de 1950: eram mais ou menos insignificantes. Não iam além de uma festinha de pequena importância, da inauguração de uma nova ala de qualquer edifício, ou da plantação de uma árvore. Só para essas atribuições de reduzida monta, é que Margaret comparecia, em primeiro plano, porque, do contrário, sua aparição fazia-se sempre como uma «atração suplementar», em companhia de sua real irmã ou de sua mãe. Diziam seus íntimos:

— Ela não estava ainda suficientemente amadurecida até colocar o dever acima das diversões, e a consciência de sua posição tão delicada, acima de seu espírito alegre e folgazão. Margaret não passava de uma jovem disposta a se divertir, sem saber se a nação estava ameaçada de nova invasão ou se melhor fôra deixar-se ficar em casa...

Quando era apenas uma garôta de quinze anos, ao entrar em um teatro acompanhada da Rainha-Mãe, um guarda viu-se obrigado a chamá-la (à mãe) para dizer-lhe, em ar cortês mas intransigente:

— Estou receioso que a presença de menores não seja permitida neste recinto...

E já então, com quinze primaveras, Margaret se aborrecia, sonhando com a sua emancipação!

Os funcionários da Côrte que organizaram o programa de suas apresentações de Estado quando vinha de completar dezoito anos, admitiram em bons termos que «a princesa era algo difícil». Nunca se podia esperar uma determinada atitude, porque a moça mudava de pensamento, no penúltimo minuto. Algumas vezes negava-se a comparecer, sob a alegação fútil de um resfriado ou uma dor de cabeça de última hora. Certa ocasião, os patrocinadores da cerimônia de batismo de um barco, no estaleiro do Támesis, foram informados pela manhã terrível de frio e chuva, que a princesa «tinha um resfriado súbito e por isso não podia comparecer à cerimônia. Mas imaginem a cara desses senhores quando vieram a saber que na mesma noite, Margaret havia assistido a um espetáculo público! Uns ficaram enfurecidos e outros, com esse senso de humor britânico tão característico, sorriram:

— Por que não lhe ofereceram uma aspirina? Será que o Palácio já não compra um remédio tão barato para evitar certas desconsiderações?

— Foi uma enfermidade de pura conveniência — manifestou outro — e foi uma recuperação ainda mais rápida e admirável...

Contudo, no ano passado, Margaret demonstrou o que pode fazer. E descobriu, também, o que é em verdade uma excursão real. O governador da Jamaica, Sir Hugh Foot, informou que um de seus momentos mais embaraçosos ocorreu quando pediu à esposa que «apagasse o rádio». Mas logo após, certificava-se de que o barulho desafinado que lhe chegava aos ouvidos, não era do rádio e sim da princesa, que estava tomando banho...

— Confesso que me senti vexado e muito constrangido, embora Margaret não tivesse conhecimento da minha «gaffe». Depois, o ambiente era de tanta intimidade e camaradagem, que minha mulher sentiu-se com coragem para contar o episódio, à mesa do jantar. E quem mais riu, foi a princesa... Mas no dia seguinte, ela voltava a ser a Cantora de Banheiro. Dessa vez, resolvi elogiar a sua voz, a sua afinação e até a música sua preferida... Ela, porém, disse-me que não acreditava em nenhum de meus elogios. E confessou que se não fôsse princesa mas tivesse de viver da sua profissão de can-

Não mais recordações (aparentes) de Peter Townsend, mas uma jovem que está na idade de encontrar noivo e em apuros porque terá de obrigatoriamente encontrá-lo entre meia dúzia de candidatos titulares, sem o quê, nada feito, senhor coração!

fazê-lo — ouvi certa vez de uma dama de honra de Margaret. Mas dama de honra, simbolicamente, porque vez alguma a princesa se apresenta em cerimônias — salvo as oficiais — acompanhada de damas de honra. Ela costuma dizer que ainda não está tão velha a ponto de exigir que a acompanhem, para não se perder no caminho...

Essa maior freqüência da princesa em seus compromissos oficiais, ela a adotou só depois de ter demonstrado sua dedicação ao dever e às regras estabelecidas pela Igreja Anglicana — que desaprova o matrimônio de pessoas di-

vorciadas — e quando foi rematado seu prolongado romance com o divorciado «as» da Real Força Aérea, Peter Townsend. Até essa época, Margaret não era, dentro dos cânones da etiqueta britânica, julgada suficientemente adestrada para qualquer representação de caráter oficial. Foi preciso que ela renunciasse ao amor, e desse assim uma prova de estar mesmo resolvida ao sacrifício pela pátria, para que a pátria lhe confiasse uma dessas responsabilidades.

Anteriormente, suas obrigações públicas — exceção aberta para sua viagem pelas Índias

MARGARET

tora, não poderia usar o vestido que então lhe cobria o rosto bem feito...

Cada vez mais asoberbada de serviço, com as grandes e intermináveis tarefas do Estado e da família, a rainha Elizabeth resolveu depositar maior confiança na irmã. Porém, só agora, depois que se revelou a nova Margaret...

Seu interesse pelo teatro, pelos artistas no palco e na vida particular, é bem conhecido. Margaret mostrou-se encantada com o plano de alguns amigos para encenarem uma peça intitulada «A Jovem Inglaterra». Ela deveria ser apresentada em espetáculos de caridade. Contudo, quando soube que a peça brincava (ou melhor, fazia críticas navalhantes...) às jovens que trabalham, não permitiu que os planos fôssem adiante.

— Não sei que graça pode ter uma platéia composta de gente muito bem instalada, a rir-se à custa dos que precisam trabalhar para comer. — E com essas palavras, Margaret fez malograr um acontecimento que já nessa altura provocava entusiásticas exclamações dos cronistas mundanos.

No último dia 28 de junho, Margaret foi empossada como presidente do Colégio Universitário de North Staffordshire, e ali outorgou diversos graus aos estudantes graduados. Mais tarde, assistiu a um baile oferecido pela União de Estudantes.

Novamente houve escandalosos comentários: — Que tipo de princesa é a nossa, de mistura com os rapazes mais plebeus, nem sempre bem educados, só porque ganharam um diploma? O que pensa Margaret do dia de amanhã? Não está vendo que a Grã-Bretanha terá os seus ali-cerces muitas vezes seculares, abalados com essas liberalidades?

Ela, porém, ligou pouca importância aos disse-que-disse. E promoveu, por conta própria, outra festa, com os mesmos fins de caridade, mas sem intervenção de artistas teatrais:

— A princesa quer tanto aos artistas que não os deseja ver aproveitados para molestar a uma classe, seja qual for.

Na manhã seguinte, às nove horas, Margaret saltava de um táxi amarelo, discretamente, à porta do Colégio Universitário e ia assistir a uma aula. Mostrava, assim, sua solidariedade com os estudantes, evitando que surgisse alguma greve geral, em sinal de protesto...

Fora de suas visitas normais às fábricas, tarefa que a princesa assiduamente desempenha, ela inspecionou, em junho último, o Centro Radioquímico da Autoridade de Energia Atômica, em Amersham, Buckinghamshire. Depois de um percurso de quatro horas pelas bases de investigação atômica de Harwell, a imprensa britânica informou que Margaret havia surpreendido aos cientistas com seus conhecimentos, senão profundos, pelo menos razoáveis e sensatos, dos progressos nucleares.

Nem todos os deveres são igualmente graves e sérios para a alegre princesa. Durante uma visita feita este ano aos estúdios de televisão da BBC, ela ajudou os artistas a cantar, em cântico, a melodia «Lizzie Borden», passou pelas instalações, examinou toda a classe de equipamentos e aparelhos e perguntou ao seu acom-



E este é o novo capitão Peter Townsend, procurando esquecer o romance, em Madri, onde foi praticar o seu esporte favorito, a equitação. O capitão da RAF participou do Grande Prêmio Internacional Ponce de Leon, mas perdeu para um jóquei italiano...

panhante se as câmaras não estariam registrando todos os seus movimentos...

Contudo, os tele-espectadores, aparentemente como o desejava a «nova» Margaret, viram apenas dois «flashes» em que ela aparecia, sentada correta e muito calma, no seu palanque real.

Conta-se uma boa anedota com relação à nova Margaret. Certo dia, sua mãe a advertiu de que estava sendo insistentemente citada pelos cronistas mundanos, e que a televisão pa-

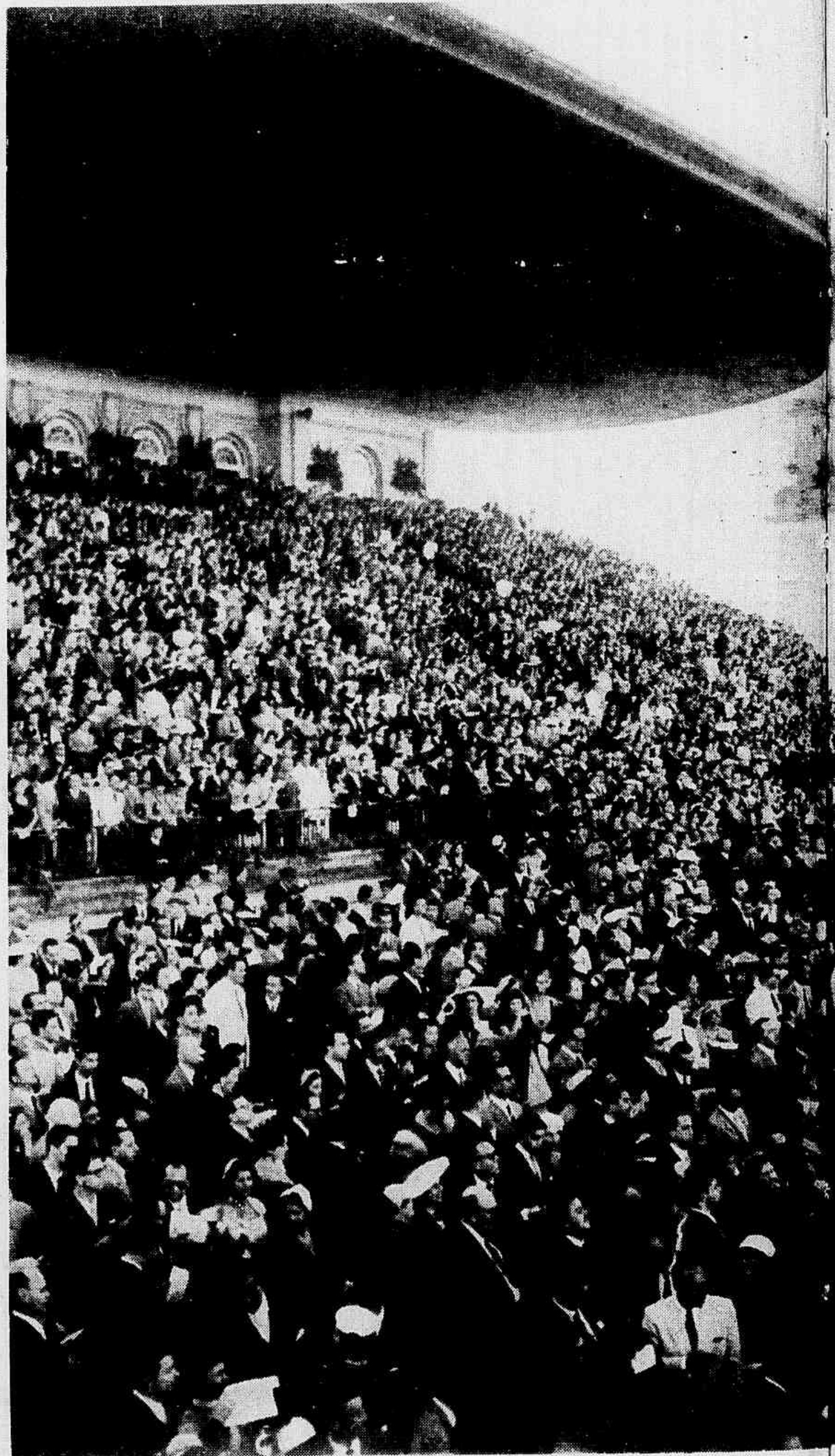
recia estar sempre a serviço de Margaret, tão consecutivamente a fotografava...

— Sendo assim — rebateu a princesa — não terei a menor dúvida em reclamar meus salários da BBC... Não gosto de trabalhar de graça, a menos que o faça para me distrair...

E enquanto Margaret disfarça o seu verdadeiro estado de alma, Peter distrai-se por outros lados. Se eles se encontrarem, acidentalmente, em uma festa, em uma peléja desportiva, em um teatro — o que acontecerá?

(Continua no próximo número)

O TURFE EM GRANDE GALA



O GRANDE PRÊMIO
BRASIL DE 1956



▼ *Aproxima-se a semana do Grande Prêmio Brasil, o maior acontecimento turfista do País. Com a dotação de um milhão e oitocentos mil ao vencedor, a importante prova domina desde já todos os setores da vida social da metrópole e alhures. As emoções da grande carreira aliam-se às do "Sweepstake" de vinte milhões. A semana entrante será de festas no Hipódromo da Gávea, com reuniões nos dias 2, 4 e 5 — Grande Prêmio Brasil. E no dia 7 o esplendor da corrida noturna de gala. Será, como sempre, a maior festa da cidade, a disputa sensacional dos afamados parceiros, a maravilhosa parada de beleza, distinção e bom gosto, um mundo de emoções e encantamento.*



Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

UM LIVRO

AS IDÉIAS DO SR. PAULO DA SILVEIRA

◆ DIPLOMATA, POETA e panfletário, Paulo da Silveira, chegado à casa dos sessenta e tantos anos, resolveu reunir em volume os diversos ensaios que vem publicando na imprensa carioca e paulista. O resultado foi o volume que a José Olympio vem de publicar (1), onde existe muito o que aplaudir, e também muito o que refugar.

Parece-nos, por exemplo, de todo inútil a preocupação de Paulo da Silveira em saber se foi ou não William Shakespeare, o ator do Globe Theatre, e não Francis Bacon, ou Rogers Manners, o verdadeiro autor de «Hamlet», de «Macbeth» e de tantas obras prodigiosas. Para que, efetivamente, perder tempo e gastar tinta a repetir velhos e controvertidos argumentos, que não poderão acrescentar nada, absolutamente nada, em beleza, ao monólogo de «Hamlet», no terceiro ato, ou à despedida e suicídio de «Othello», no último? Mas o senhor Silveira não pensa assim, e chegar a fazer essa interrogação, em má hora, aliás: «Como poderia um inglês soturno, avarento, bebedor de cerveja amarga, freqüentador de tavernas infectas, sem nenhum preparo literário, ter sido o criador de uma tragédia que é uma renda fina de perfídias, um bordado veneziano de angústias e um cavernoso precipício de imprecizações bíblicas?»

Também não podemos compactuar com o sectarismo religioso de Paulo da Silveira, sectarismo que o impeliu a escrever: «Lutero, antes de entregar a alma ao demônio...» e que faz com que desconfie de toda e qualquer solução social que não tenha por base o sentimento religioso, quando afirma: «Enquanto o homem buscar a felicidade dos seus semelhantes em fórmulas sociais, preparadas pelos institutos técnicos, num árido processo burocrático, despido de todo sentimento religioso, nada de positivo será feito, em benefício da humanidade». Mas, se a religião é um salve-se quem puder, é uma troca consciente da vida terrena por outra, de venturas, no céu, e se ao pária da sociedade se garante um lugar no paraíso, em trôco justamente de suas desventuras terrenas, como pode a religião resolver o problema social da humanidade? Dois mil anos de cristianismo já se escoaram, e qual foi o resultado? A última conflagração mundial? O pauperismo em que vivem mergulhados quatro quintos do globo? Positivamente, não podemos acompanhar o senhor Paulo da Silveira em seus arroubos religiosos, arroubos que, de quando em quando, ameaçam transformá-lo num vampiro, num ser doentio, a traduzir-se nessa frase malsã: «E, até hoje, os meus lábios são como duas profanas e insaciáveis sanguessugas colados às feridas de Cristo. Quero sugá-lo todo, até à última gota de seu martírio, para tê-lo completamente absorvido dentro do impuro vaso das minhas carnes». Que será isso? Misticismo, sadismo ou LITERATURA? Esperamos que seja a última...

Não resta dúvida, porém, de que Paulo da Silveira sabe, numa rápida frase, definir um escritor, exaltá-lo ou esmagá-lo a seu bel prazer. Deve ter sido um panfletário terrível, o autor de «Asas e Patas». Para ele, «Baudelaire foi o marido impotente da Poesia», muito embora afirme, algumas páginas adiante, num arroubo de pura literatice, que o poeta francês é «o anjo protetor das minhas terríveis angústias». Não deixa de ser alarmante possuir-se um anjo protetor que seja ao mesmo tempo um marido impotente... Ai está um tema para Sartre, o Sartre de quem afirma Paulo da Silveira ser o existencialismo uma «enfermidade da filosofia».

Aliás, ao existencialismo de Sartre, ateu e anárquico, prefere Paulo da Silveira o pré-existencialismo do dinamarquês Kierkegaard, hoje continuado pelo cristão Gabriel Marcel. Para o velho diplomata, porém, o verdadeiro existencialista, o «desesperado total», não é Kierkegaard, nem Sartre, nem Heidegger ou Marcel: é Shakespeare, é o autor de «Hamlet». Mas... o que será um desesperado total? Porque, ao que parece,

Paulo da Silveira acha que Existencialismo é o mesmo que Desespêro Total. E isso, nem Sartre mesmo chegou a afirmar. Existencialismo é humanismo, e um humanismo não pode ter por escopo o desespêro, mas sim, a salvação. Kierkegaard colocava essa salvação em Deus. Sartre a põe no próprio peito do homem.

Continuemos, porém, a analisar as idéias de Paulo da Silveira. Ele é um homem que, de quando em quando, saindo de detrás da pilha de livros que comumente o abriga, gosta de se mostrar tal qual é, alma arredia a grupinhos literários, enjoada com o mundo fútil da diplomacia, desejando eternamente, como Stendhal, vender a camisa para partir para as Itália da vida. Veja-se a sinceridade, a espontaneidade dessa frase: «Eu, que morei oito anos na Itália e que sofro a campanha de silêncio dos jagunços dos suplementos literários...» Ou essa delícia de desabafo: «Não agüento mais a campanha dessa gente de sorriso de jacaré, pele de capivara e cabeça chata». Cabeça chata, sim senhores. Pois Paulo da Silveira está contra a invasão nortista da Literatura brasileira, contra «os estetas do Vaza-Barris, os romancistas do Ciclo do Amendoim», confessando mesmo que «uns suculentos caldos do padre Antônio Vieira, com um bom azeite de oliva não fariam mal à nossa literatura atualmente muito anêmica devido ao alto preço dos livros e à seca do Nordeste...»

Se lhe fazemos os reparos acima, não nos queira mal, senhor Paulo da Silveira. Nós também amamos a Espanha e desejamos vender a camisa para fugir para a Itália. Admiramos o seu expediente de se disfarçar em homem do povo, em Madrid, e, de gorro basco e alma leve, ir espiar, nos BARRIOS BAJOS da cidade de Felipe II, «as MAJAS insolentes do ESTRAPERLO mercado negro». Nós não tivemos essa coragem, e temos muito menos de metade de sua idade... Também odiamos os «grandes moralistas da carreira diplomática», Blasco Ibañez, concordamos, é um escritor «muito apreciado nos meios bancários internacionais», e amamos, quase tanto como o senhor, o grande autor teatral que escreveu «Macbeth» e a «Tempestade», chama-se William Shakespeare ou Francis Bacon, Rogers Manners ou Olegário Mariano...

(1) — Paulo da Silveira — Ensaios Europeus. Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1956. 290 páginas. Capa de Luís Jardim.

ARTES

APENAS UMA SUGESTÃO

◆ JÁ ESTÃO ficando comuns, no Rio, em locais como o Passeio Público, a Praça Saenz Peña e a Cinelândia, as exposições de quadros ao ar livre. Bem verdade que a terrível qualidade das obras ali exibidas desaconselha, de saída, a aproximação de quantos amam e sabem realmente sentir a Arte da Pintura, arte que o ingênuo Butron, espanhol que viveu aí por fins do século XVI, chamou, não sem razão, de «nobilíssima», num livro hoje ilegível. Se, porém, os entendidos evitam até mesmo passar perto das telas lamentáveis que enchem as tardes cariocas de côres desbaratadas e frouxas, o público, o grande público de funcionários e de burgueses, de operários e de comerciantes, sente-se atraído por elas, parando por alguns instantes à sua frente, como se admirasse, no Louvre, a «Gioconda» de Da Vinci, ou alguma menina aristocrática de Velasquez, no Prado.

Se obras de ínfima categoria ar-

tística conseguem despertar a atenção do povo, porque não o há de fazer uma arte de nível mais elevado?

Foi raciocinando assim, que Carlos Scliar e seus companheiros do Clube de Gravura de Porto Alegre resolveram há alguns anos expor ao ar livre suas produções. Fizeram-no, e não sem êxito. Com o passar do tempo, notaram, cheios de satisfação, que o gosto artístico do homem da rua portoalegrense se apurara, ao contacto quotidiano com obras de arte de categoria mais elevada.

Não seria o caso de nossos pintores — pelo menos os mais corajosos e jovens — substituírem, nas ruas e praças, as exposições de velhos artistas, sem talento e sem independência, por outras, de maior mérito e valor? E' apenas uma sugestão, é verdade, mas alvitre que merece uns momentos de atenção. Afinal, o aluguel das salas está de tal modo caro, e os pintores são em número tão elevado...

JAMES JOYCE



◆ Nasceu em Dublin, Irlanda, em 2 de fevereiro de 1882, de família católica. Estudou com os jesuítas. Aos dezessete anos escreve excelente artigo sobre Hendrik Ibsen, artigo que o próprio autor de «Os Espectros», em carta ao jovem classificou de extraordinário. Aos dezoito anos, perde a fé. Recebendo aos vinte anos o

diploma de conclusão da Universidade, parte para Paris. Em seguida, habita Zurich, Trieste, Roma, Locarno, mas sempre de olhos fitos em Paris, que passa a ser o centro de sua existência. O coração, porém, continua irlandês. Infelizmente, nunca mais Joyce voltou ao país, morrendo em Zurich, cego, em grande miséria, a 13 de janeiro de 1941. Sempre ocupou empregos humildes, que lhe renderam apenas o suficiente para sucumbir de fome.

OBRAS — «Chamber Music», poemas (1907); «Portrait of the Artist as a young man» (traduzido para o português); «Dubliners» (1914); «Ulysses» (1922); «Finnegan's Wake» (1939); uma peça de teatro «The Exiled». Mas sua obra prima é «Ulysses», reconstituição genial da Ilíada, que se passa não na realidade, mas somente no cérebro de seu personagem principal, Leo Bloom. Esse livro imenso (a tradução espanhola tem cerca de 800 páginas) descreve apenas um dia na vida de seus figurantes — mas descreve-o em seus íntimos detalhes, mesmo em seus detalhes imperceptíveis, insignificantes, irritantemente diminutos.



POESIA

PRIMEIRO DISCURSO

*Invoco ao Trismegisto e concedo-me a
[esta fala
Na qual dou-vos os dados do meu pensa-
[mento
De que seremos todos encantados.*

*Por que está em nós a entrega misteriosa
É que pressinto a encantação.*

*Quando tivermos fixado o que é volátil,
Quando o pássaro ceder ao nosso apelo
E houver a aceitação das aves
De que somos iguais porque voamos
Com palavras de amor;
Quando os temores se amainarem
E descerem as aves como as crianças
Então seremos encantados.*

*Dou-vos os dados porque li em mim mesmo
E amaria ver-vos convertidos
Nesta visão de paz. Por isso falo.*

FOED CASTRO CHAMM — (Desenho de Maria Thereza).

GENTE

IONE DE SÁ MOTA E A POESIA



◆ Ione de Sá Mota estreou em livro em 1946, com «Monocórdio», de que se fizeram apenas cinquenta exemplares. Somente em 1954, porém, com a publicação de «Silêncio de Sino», tornou-se ela mais conhecida do público leitor de poesia. Agora, um ano e meio depois, surge o terceiro volume da autora: «Da Posse Pre-

matúra», uma série de sonetos, quinze ao todo. Em espaço tão curto, a poesia de Ione de Sá Mota muito ganhou em profundidade e em ressonância, a ponto de os sonetos «Da Posse Prematura» ofuscarem totalmente os poemas de «Silêncio do Sino», mesmo os melhor realizados, e que são, a nosso ver, «Sono, mera evasão», e «Marinha». Porque, mister é que se diga, «Silêncio de Sino» pareceu-nos livro imaturo, onde aqui e ali, é verdade, consegue luzir um belo verso, ou refulgir uma imagem feliz. Tivesse nele parado a experiência poética de Ione, e sua participação, na atual poesia brasileira, não passaria de discretíssima.

Veio porém «Da Posse Imatura», e com ele, uma brusca mudança no rumo poético da jovem escritora. A palavra valorizou-se, a forma cristalizou-se em sonetos de técnica apurada, a própria essência poética atingiu um grau de maturidade espantosa, se levamos em conta que, não havia muito, Ione fôra capaz de escrever trovas ingênuas como a que segue:

*Se versos há, tão diversos
Cantando o amor mais diletto,
Recebe aqui, nestes versos,
A expansão de meu afeto.*

Dir-se-ia, quase, que a Ione que escreveu «Silêncio de Sino» não foi a mesma que elaborou os sonetos de «Da Posse Prematura», tal a distância estética que entre um e outro livro

medeia. Aliás, a própria escritora tem disto conhecimento, e manifestando-se, em depoimento interessante e valioso, sobre o seu último trabalho, assim diz:

— Esses sonetos «Da Posse Prematura» devem ser uma das minhas raras explosões de ansiedade e insatisfação; podem ser um conflito de sentimentos atordoantes à minha mente, ou talvez não passem do produto de uma frustração amorosa. Podem ser tudo isso ou, então, imaginação apenas, com a única finalidade de superar trabalhos literários anteriores.

«Explosões de ansiedade e insatisfação», ôles o são. E são também, não há como negá-lo, uma superação de anteriores trabalhos literários. Superação que é, para Ione de Sá Mota, um incentivo a novas superações:

— O livro representa, para mim, uma grande responsabilidade: ou supere-o na próxima obra, numa ambição honesta de evolução, ou me resigno a esse ponto de ressonância de meu aprendizado poético.

A escritora sabe que

a palavra essencial exige tempo.

como afirma no soneto de abertura de sua coletânea, e não se apressa em dizê-la, por ansiosa e insatisfeita que esteja, em relação aos livros até agora editados. Aliás, é significativo que ela já anuncie o seu novo volume de poemas, «Lastro-Ternura»: ter-se-á acaso dado a superação da poesia de frustrações e de angústia de «Da Posse Prematura»? Se fôr o caso, não podemos deixar de observar que Ione de Sá Mota, a passos de gigante, caminha, de superação em superação, pela senda da verdadeira poesia, a cada novo livro eclipsando o antigo, não julgando, tal como o conde de Lautréamont,

«rien sur la terre capable de le contenter, et aspirant plus haut».

LIVROS EM DESFILE

«O ESTRANHO», de João Mesquita Valença, é o décimo primeiro dos *Cadernos do Clube de Poesia* de S. Paulo, que já apresentaram nomes como os de Ciro Pimentel, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, entre outros. O autor, que é de Marília, manifesta especial predileção pelo verso decassílabo, que maneja com desembaraço. De quando em quando, utiliza, palavras preciosas («Sua voz ecoou pelos origmas / Em cruzadas de púgeis flores rubras»), recurso ao nosso ver prejudicial. Quase sempre, porém, sua poesia apurada consegue agradar. O poema «Exílio» — que publicaremos num de nossos próximos números — nos pareceu uma pequena obra-prima, em que forma e inspiração se casam perfeitamente (*Cadernos do Clube de Poesia*, São Paulo, 1956, 54 páginas. Desenho do autor, por Darcy Penteado).

PEDRO CALMON acaba de publicar a segunda edição de sua «A Vida de Castro Alves», considerada geralmente a maior e melhor biografia do conhecido romântico baiano. Não é somente o relato biográfico de um dos maiores poetas do Brasil: é também um vasto painel, em que se focaliza, por vezes minuciosamente, o panorama literário nacional, de meados do século 19 até ao fim de seu terceiro quartel (Livreria José Olympio Editôra, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1956. 352 páginas).

RUGGERO JACOBBI é o autor de «A Expressão Dramática», série de ensaios pouco extensos sobre teatro, música, poesia, os mais diversos temas. Particularmente interessantes os dois últimos, «Caderno Secreto», impressões sobre Ludmila Pitoeff, Pirandello, Sacha Guitry, etc., e «Horizontes do Teatro». O livro é o segundo volume da «Biblioteca de Divulgação Cultural», do Instituto Nacional de Livro (I.N.L., Rio de Janeiro, 1956. 198 páginas).

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Lia o Código Civil para polir o estilo:
 - Henri Barbusse?
 - Henri Beyle?
 - Henri Rousseau?
- 2—O «Schanameh» é:
 - perfume oriental?
 - rio do Épiro?
 - coletânea de contos persas?
- 3—Os Janízaros eram soldados:
 - egípcios?
 - otômanos?
 - circassianos?
- 4—«La Mare au Diable» foi escrito por:
 - Lautréamont?
 - Sartre?
 - George Sand?
- 5—Afirmam que escreveu as peças atribuídas a Shakespeare:
 - Roger Bacon?
 - Francis Bacon?
 - Lord Baconfield?
- 6—Fra Gondicário é personagem de:
 - Fogazzaro?
 - Lamartine?
 - Álvares de Azevedo?
- 7—O município brasileiro que mais produz mel é:
 - Campos?
 - Limeira?
 - Catanduva?
- 8—Dizem ter inventado o alfabeto:
 - Dido?
 - Cadmo?
 - Enéias?
- 9—«I Vespri Siciliani» é ópera de:
 - Cimabue?
 - Verdi?
 - Tagliabue?
- 10—Quem é Cid Ben Hamete:
 - historiador mouro do século X?
 - sultão de Granada?
 - Personagem do Quixote?
- 11—Geléia real é termo familiar aos:
 - apicultores?
 - Orquidófilos?
 - columbófilos?
- 12—O pássaro Quetzal figura no emblema de:
 - Equador?
 - Guatemala?
 - Honduras?
- 13—«Souvent pour s'amuser les gens des équipages...» — assim começa célebre poema de:
 - Rimbaud?
 - Heredia?
 - Baudelaire?
- 14—Matou-se ao ser apeado do poder:
 - Balmaceda?
 - Nero?
 - Getúlio Vargas?
- 15—Quantas colinas célebres possui Roma:
 - seis?
 - cem?
 - sete?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Henri Beyle; 2 — coletânea de contos persas; 3 — otômanos; 4 — George Sand; 5 — Francis Bacon; 6 — Álvares de Azevedo; 7 — Limeira; 8 — Cadmo; 9 — Cadmo; 10 — personagem do Quixote; 11 — aos apicultores; 12 — Guatemala; 13 — Baudelaire; 14 — todos três se mataram por idêntico motivo; 15 — sete.

MUITO VIVO E BEM HUMORADO

PRONUNCIA-SE ALAOR PRATA:

O DECANO DOS EX-PREFEITOS

♦ Mineiro de Uberaba, aos 16 anos forma-se Alaor Prata em engenharia civil na capital paulista. O primeiro emprego na Cia. Mogiana não consegue interessá-lo por mais de algumas semanas. Regressando aos pagos, surpresa agradável lhe reserva um amigo de infância — o sempre bem lembrado Segismundo: Uma viagem maravilhosa à Índia distante, com incursões pela Europa e Oriente Médio, a fim de comprar zebus para sua fazenda de criação.

Tôdas as despesas pagas, um ordenado de 10 contos mensais — e como única obrigação: administrar as finanças durante a viagem...

Após 10 meses de perambulações, retorno da «caravana» ao porto de Santos, com o apreciável saldo de uma dúzia de zebus esfomeados e outra de indianos idem, idem...

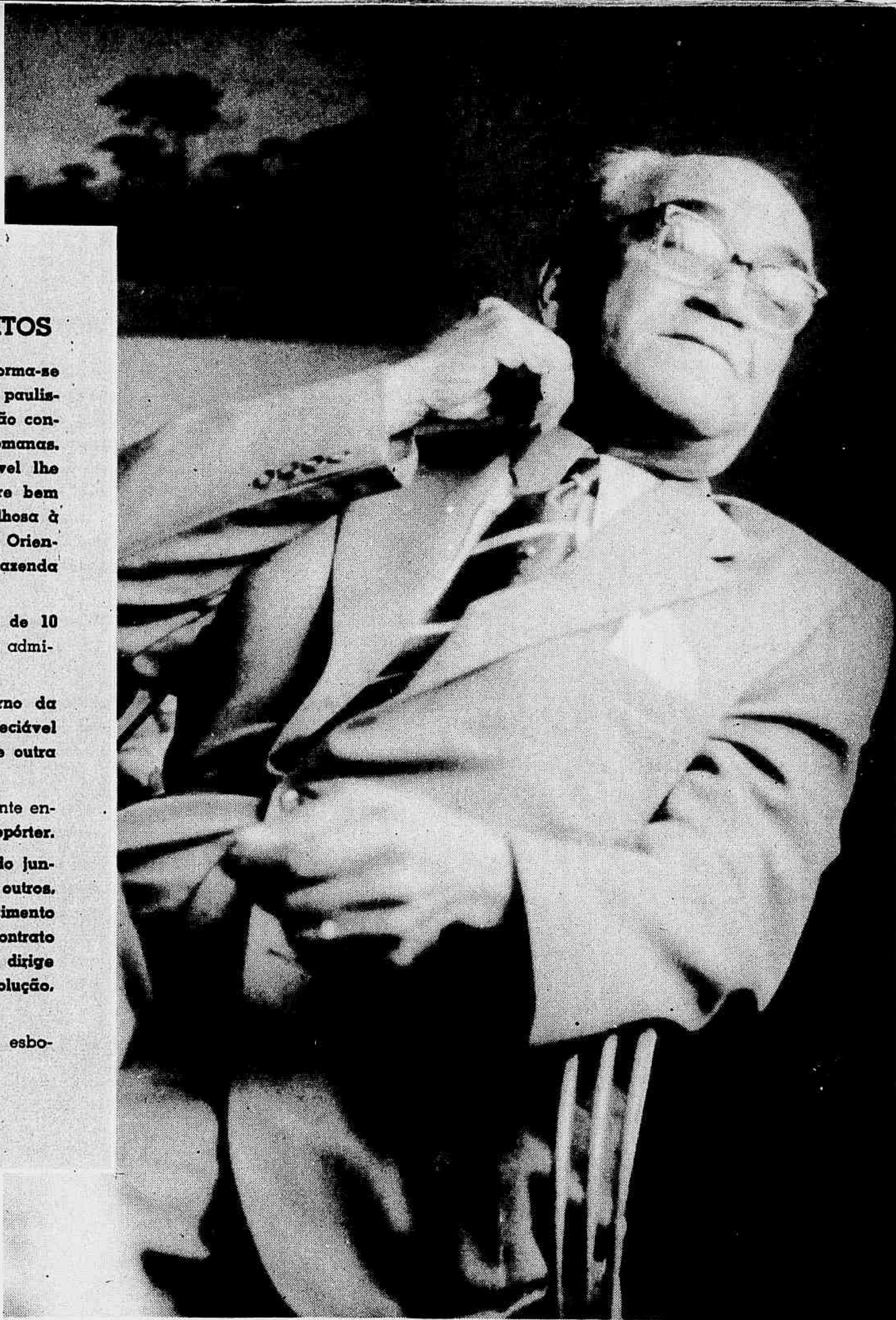
— Era amigos como Segismundo que a gente encontrava nos bons tempos... — explica ao repórter.

Ingressa na política e vem eleito deputado juntamente com Bernardes, João Mangabeira e outros, em 1909. Arbitra na Comissão de Reconhecimento as pendengas do Estado do Rio e relata o contrato da Light em 1915. Convidado por Bernardes dirige a P.D.F. sob tremenda oposição. Até a Revolução, mantém-se nas fileiras do velho P.R.M.

— Abandonei a vida pública quando se esboçava a escuridão de 30...

E nunca mais quis saber de política.

«Sei que vou surpreender a muita gente com a notícia de que AINDA estou vivo... — comenta bem humorado o dr. Alaor Prata, que durante quatro anos do governo Artur Bernardes ocupou o posto de prefeito do Distrito Federal.



NÃO ACREDITO NA AUTONOMIA DO DISTRITO FEDERAL

Reportagem de W. GUARNIERI

A MATURIDADE POLÍTICA E AS PROMESSAS DOS POLÍTICOS... ★ O RIO, AO TEMPO DO GOVERNO BERNARDES ★ OS PRIMEIROS ÔNIBUS E O DESMONTE DO CASTELO ★ DESMENTINDO A NOTÍCIA DO FALECIMENTO DO HOMEM QUE GANHOU UM TÚNEL

NÃO HÁ PROBLEMAS "GRANDES" NEM "PEQUENOS" PARA UMA PREFEITURA. HÁ APENAS "PRO-

-SEI que vou surpreender a muita gente com a notícia de que **ainda** estou vivo.

Foi assim, bem humorado, que nos recebeu o decano dos ex-prefeitos do Distrito Federal — Dr. Alaor Prata — em seu espaçoso e confortável apartamento de Copacabana.

Referia-se ele à «glosa» de um vespertino carioca sobre a notícia de outro jornal que mencionara, dias antes, o seu nome na cerimônia da «votação da Autonomia do Distrito». Ao ler a nota, Alaor Prata telefonou para a redação do jornal «glosador»:

— **Aqui fala um ex-defunto...**

Depois de nos relatar o curioso diálogo mantido com um dos redatores de plantão, termina por confessar-se desiludido do seu intento:

— Não creio que me tenham acreditado...

—

Apesar de seus 74 anos, mostra o dr. Alaor Prata uma vitalidade excelente. Rememora com exuberância de detalhes certas passagens dos seus anos de mocidade, e o faz num ritmo acelerado de palestra, mantendo o interlocutor preso, como se o fato narrado, naquele instante houvesse ocorrido.

NÃO ACREDITA NA AUTONOMIA...

Prudente em suas manifestações, diz-nos não estar em condições de poder apreciar e julgar a atual realidade brasileira. Retirado da vida pública há mais de dois decênios, prefere a tranquilidade do anonimato, limitando-se a impressões ligeiras e a divagar sobre os feitos de sua administração municipal, durante o Governo Bernardes, de 1922 a 1926.

Mesmo assim, é possível consignar o seu ponto de vista com relação ao debatido tema da Autonomia do Distrito Federal, recentemente votada pela Câmara dos Deputados:

— Não acredito que a Autonomia venha resolver os problemas do Distrito...

«A coexistência de dois governos não me parece — pela prática que a experiência me ensinou — solução satisfatória, pelas naturais divergências que possivelmente irão ocorrer».

MATURIDADE POLÍTICA

— Apesar da esplêndida e tão apregoada **maturidade política** dos eleitores da Capital da República ainda é muito duvidoso que eles venham a «escolher bem» o seu futuro prefeito...

«Vários fatores ocorrem para confundi-los. A pletera de candidatos, e as indefectíveis «promessas» a que a maioria dos políticos brasileiros parece não querer se despregar — irão dificultar em muito o pronunciamento sensato dos eleitores».

«NÃO HÁ GRANDES PROBLEMAS»...

Depois de estabelecer um paralelo entre os problemas que encontrou ao assumir o governo da cidade em 1922, com a situação atual da Prefeitura do Distrito Federal, frisa:

— Não conheço «grandes» nem «pequenos» problemas para resolver... Há problemas, apenas. E terão que ser resolvidos com os recursos de que o atual prefeito, ou os futuros dispõem, no momento. Não adianta formular «planos de salvação» quando não se dispõe de recursos para executá-los».

«O Negrão de Lima, felizmente para ele, pode governar sem ser obrigado a cumprir contratos excorchantes como aconteceu comigo»...

O DESMONTE DO CASTELO

Refere o dr. Alaor Prata o que foram os anos de sua administração à frente da Prefeitura carioca. Braço direito do Presidente Artur Bernardes, não escapou à tremenda oposição que então se fazia ao ex-Presidente. Do ex-prefeito Carlos Sampaio recebeu o erário municipal com pesados encargos:

— Deixou-me ele o antigo Morro do Castelo com o desmonte ainda em meio; e a obrigação do cumprimento de um contrato a que não poderia fugir.

«Pouco restava para as obras que o Rio naquela época estava a exigir. Contava a Municipalidade com uma arrecadação de 64 mil contos no início da minha gestão e o funcionalismo absorvia cerca de 50%. Quando saí em 26 a Receita havia melhorado para 135 mil contos».

INTRODUTOR DOS ÔNIBUS

Para as gerações mais moças há de parecer que uma das obras iniciadas por Alaor Prata seja o túnel que leva o seu nome, conhecido também como «Túnel Velho» que liga a cidade ao bairro de Copacabana.

— O túnel já existia. Apenas, durante a minha gestão, determinei a sua remodelação e consequente alargamento objetivando encurtar o caminho para o distante bairro.

«Os ônibus sim. Estes foram inaugurados a título precário durante o meu governo. Os primeiros coletivos que trafegavam foram os mesmos utilizados no recinto da Exposição do Centenário. Críticas atrozes sofri, na época, também pela interpretação tendenciosa que deram aos requisitos essenciais exigidos por mim para concessão da licença de trânsito aos novos veículos».



Construiu o Pronto Socorro e alargou o Túnel que hoje tem o seu nome. Na sua gestão, foram inaugurados os primeiros ônibus do Rio.

OUTRAS REALIZAÇÕES

Enumerando a seguir as realizações de sua administração, refere-se o dr. Alaor Prata em particular ao trabalho estofante de conter as ressacas periódicas das praias do Flamengo e Copacabana.

— O início da atual Cinelândia, com a construção do Edifício «Odeon», marcou o fim do antigo Convento da Ajuda, cujo muro de limitação se estendia até o prédio onde funcionava o Conselho Municipal. O saneamento da Lagoa Rodrigo de Freitas, a construção do Hospital do Pronto Socorro, a terminação da Avenida Maracanã e ainda algumas obras de calçamento em ruas do subúrbio e da zona rural, foram as principais realizações do governo Bernardes no Distrito Federal.

A ESCURIDÃO DE 30

Amigo particular de Artur Bernardes, investiu-se Alaor Prata, como deputado, por ocasião também em que o antigo presidente chegava pela primeira vez ao Rio, na Legislatura de 1909.

— Depois de cumprida a missão que me confiara o amigo, conservei-me ainda nas lides políticas do antigo P.R.M. até que a Revolução de 1930 veio abalar a minha confiança nos homens que acabavam de se investir no poder.

«Atendendo a um especial convite de Olegário Maciel, na época presidente de Minas, fui representá-lo na posse do dr. Getúlio Vargas. O que vi e pude sentir na ocasião transmiti aos meus amigos de lá. Se por aquela ocasião se tivesse ao menos concluído o esboço de um plano de reação — reação no sentido moral — muita coisa do que estava por vir talvez ficasse sustada. Mas, ao que parece minhas palavras de advertência não mereceram a devida consideração. Já naquela época era costume dizer-se que o «Brasil vivia à beira do abismo...» todavia, minha impressão era de que estávamos à beira da escuridão... profecia que a fatalidade incumbiu-se de mostrar a sociedade».

INDECISÃO SOBRE UM LIVRO

Buscando elementos para confrontar cifras relativas ao orçamento da P.D.F. durante a sua gestão, não pôde o dr. Alaor Prata esconder os originais de um livro há longos anos em preparo (uns 30 anos talvez...) — cujo conteúdo registra «recordações da vida pública» do antigo prefeito.

De extraordinário, para o repórter que teve oportunidade de manusear os originais, nota-se a perfeita regularidade do talhe de letra, manuscritas todas as 400 páginas em letra de imprensa, em alinhamento rigoroso, com emendas cuidadosamente aplicadas nos intervalos precisos:

— Ainda não me decidi a publicá-lo... — confessa meio encabulado — Anda tudo tão caro ultimamente...

LÉPIDO E EMPERTIGADO

Dando por finda a nossa missão, acompanhamos o dr. Alaor Prata no trajeto até a Av. Copacabana, onde pretendia tomar um lotação em direção à cidade.

Andar lépido, empertigado, cruza sem hesitação a rua Barata Ribeiro num ponto de grande movimentação de veículos. Apressa-se numa rápida carreira para se desviar de um ônibus que lhe raspa os calcanhares e ainda comenta bem humorado...

— Ah! No meu tempo, podia-se ler o jornal, calmamente, ao atravessar uma rua... Para desviar-se dos raros bondes de burros e dos «velozes» tilburis, não era preciso tanta prática como hoje...

BLEMAS", QUE PRECISAM SER RESOLVIDOS COM OS RECURSOS DE QUE DISPÕE A MUNICIPALIDADE.



«O Negrão (felizmente para ele) não é obrigado a cumprir nenhum contrato exorbitante como aconteceu comigo... «Era o desmonte do Castelo».



JUNDIAI

36

**VIAGENS
POR DIA**

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 65
Fones 34-2399 e 36-6402
Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30
até 21,30 hrs.
de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-4

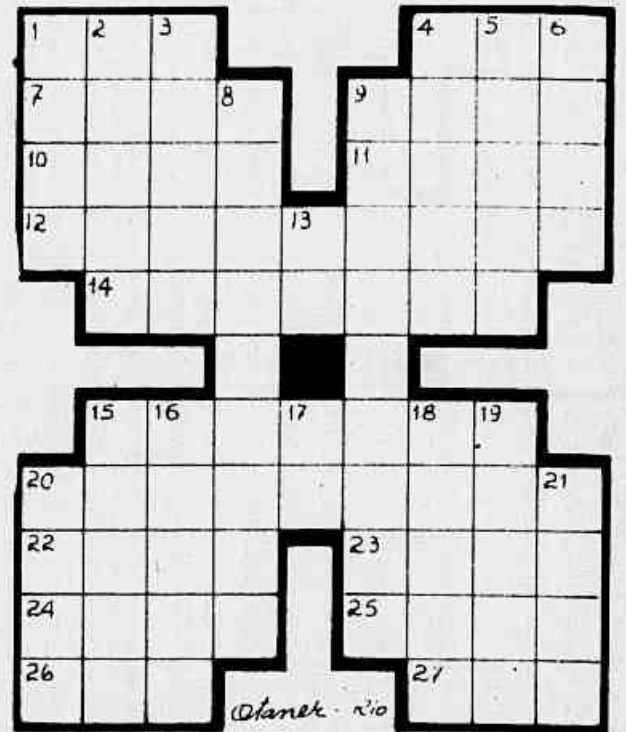
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 129

PARA VETERANOS

HORIZONTALS: — 1. Árvore silvestre do Brasil — 4. Goteira — 7. Nome de mulher — 9. Prefixo que dá idéia de beleza — 10. Agastar-se — 11. Mococoró — 12. Enrolar as folhas de tabaco, formando molhos — 14. Prevenção que serve para assegurar a validade de um ato jurídico (pl.) — 15. Que é de pequena estatura (falando-se de animais) — 20. Ataque súbito — 22. Pede — 23. Espécie de mármore — 24. Nome que o Mosa recebe na Holanda, antes de se lançar no delta do Reno — 25. Espalhou-se — 26. Povoação da Áustria — 27. Árvore de Angola.

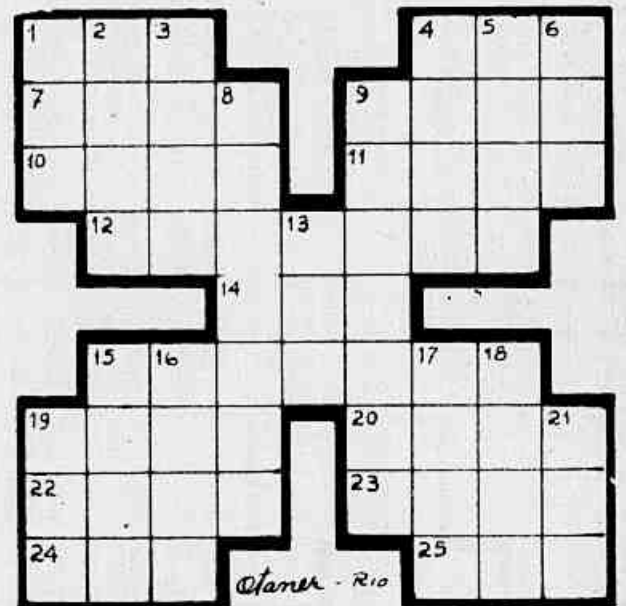
VERTICAIS: — 1. Execute — 2. Pessoa velha, que não morre facilmente — 3. Marinheiro — 4. Reveste de aço (a ferramenta) — 5. Bebida refrigerante do Norte (pl.) — 6. Ligar — 7. Matutos — 9. Derriço — 13. Símbolo do elemento químico de peso atômico 144,27 — 15. Latir — 16. Plantio de nozeiras — 17. Hospedaria oficial na China — 18. Cantos — 19. Aborreceu — 20. Expediente — 21. Nome de uma cidade imaginária, quilombo ou coito de negros fugidos.



PARA NOVATOS

HORIZONTALS: — 1. Pedra do altar — 4. Vazia — 7. Fita estreita de pano — 9. Frade — 10. Afeição profunda — 11. Mãe-d'água — 12. Manha, artil — 14. Bebedeira — 15. Do verbo aviar — 19. Ligar — 20. Querem bem — 22. Pescoço, regaço — 23. Meta, fim — 24. Lavra — 25. Ente, criatura.

VERTICAIS: — 1. Pinha — 2. Verso — 3. Argolas — 4. Rezai — 5. Substância produzida pelas abelhas — 6. Camareira — 8. Que pratica artes ou travessuras — 9. Permaneceram — 13. Única — 15. Comediante — 16. Escavação longa para escoamento de águas — 17. Aranha amazônica (pl.) — 18. Fluxo e refluxo das águas do mar — 19. Mau cheiro — 21. Oceano.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 128

PARA VETERANOS

HORIZONTALS: panamás — filogenia — aviso — Acri — osso — Read — coio — Mond — fita — aloe — alar — triple — acarioses — amossar.

VERTICAIS: pi — alara — novidadeiro — agi — mesocéfalos — anoso — si — fiar — acoo — cerol — sinta — mata — notam — ilesa — aros — pis — cá — Er.

PARA NOVATOS

HORIZONTALS: amar — saca — serenar — al — solene — rim — latas — mor — rer — miram — Sir — ataram — oi — cevaram — asas — Lima.

VERTICAIS: arar — as — rés — selar — anetes — canário — ares — rol — limites — morava — raras — maca — mar — rima — mal — mi.

ITINERÁRIO DO BRASIL

COM D. Luís de Melo e Silva — que obtivera a Capitania do Maranhão — embarcou para o Brasil, em 1554, o alentejano João Rodrigues Palha. Dos cinco navios que formavam a expedição — naufragada no litoral maranhense — apenas uma caravela e um escalor em que se comprimiam dezoito pessoas conseguiram enfilar pelas Antilhas e chegar à ilha de S. Domingos.

Entre os que se salvaram estava João Rodrigues Palha. Ignora-se como conseguiu transportar-se à Bahia, onde casou com Mécia de Lemos e passou a trabalhar no Engenho de Beraldo Pimentel, que era em Nossa Senhora da Piedade de Matoim.

Dos sete filhos que teve, o segundo — nascido em 20 de dezembro de 1564 — foi frei Vicente do Salvador (Vicente Rodrigues Palha), precursor de grandes historiadores nacionais: Capistrano de Abreu, Varnhagen, João Ribeiro, Rocha Pombo...

Batizado na Sé da Cidade do Salvador quatro anos depois, no Engenho aprendeu as primeiras letras. Em seguida, no Colégio dos jesuítas e com seu tio Jorge de Pina — cônego da Sé, chantre e professor — completou os estudos necessários à formatura em Coimbra.



NÓ INTERIOR dos mosteiros e conventos, nasceu a História no Brasil. Frei Vicente do Salvador, franciscano, foi o antepassado de historiadores como Capistrano, Varnhagen, J. Ribeiro e R. Pombo.

O PRIMEIRO HISTORIADOR BRASILEIRO

EDUARDO TOURINHO

Ao redor de 1597 — doutor em teologia e cânones — voltou do Reino à terra natal. Na Cidade do Salvador, foi cônego, vigário geral e governador do Bispado, de que era então titular D. Antônio Barreiros. Mas tão pouco ambicioso se mostrava, que a 27 de janeiro de 1599 — num voto de eterna pobreza — tomou o hábito de S. Francisco. No ano seguinte professou e foi mandado para Pernambuco, de onde — no afã de cristianizar índios — passou-se à Paraíba.

Acompanhando o custódio frei Leonardo de Jesus, veio frei Vicente do Salvador ao Rio de Janeiro, onde a 4 de junho de 1608 assistiu ao lançamento da pedra fundamental do Convento de Santo Antônio que — inacabado embora — tornou-se a morada dos capuchos desde 7 de fevereiro de 1615.

Em 1612 e na Cidade do Salvador, soube frei Vicente ter sido eleito Guardiã do Convento de Pernambuco. Dois anos mais tarde, era elevado a Custódio. Completado o triênio, seguiu para Portugal levando a CRÔNICA DA CUSTÓDIA DO BRASIL, que escrevera e desejava ver impressa — o que só ocorreu em 1887, mais de dois séculos depois do desaparecimento do autor.

Em Évora, conheceu a Manuel Saverim de Faria, chantre da Sé, autor das NOTÍCIAS DE PORTUGAL, biógrafo de Camões e de João de Barros. No seu convívio, teria iniciado a primeira História do Brasil escrita por brasileiro. De-

nominando-a «um tratado de cousas» da nossa terra, dedicara-a ao amigo luso — que se comprometera a fazê-la imprimir no Reino.

Na Lisboa de 1619, viu-se eleito Guardiã do Convento da Bahia. Regressando ao Brasil não assumiu, entretanto, o cargo. Para assistir a inauguração do Convento de S. Antônio, dois anos depois voltou novamente ao Rio. De retorno à Bahia, foi aprisionado pelos holandeses que, então, dominavam a Cidade do Salvador.

Reconquistada a liberdade, a 20 de dezembro de 1627 teria concluído a HISTÓRIA. Enriqueceu-a, depois, com muitas adições que inútilmente enviou ao chantre da Sé de Évora. Em 1630 e pela terceira vez, foi eleito Guardiã da casa da Bahia. Teria sido a 20 de dezembro de 1638 que — para Rio Branco — cerrou para sempre os olhos. Teria, então, sessenta e três anos.

Para compor a HISTÓRIA que ele chamou «tratado», frei Vicente valeu-se de Gandavo, de Herrera, de João de Barros, de Diogo do Couto, dos DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL, das CARTAS ANUAS dos jesuítas, da papelada oficial que lhe caiu sob as vistas, das tradições que recolheu por onde passou.

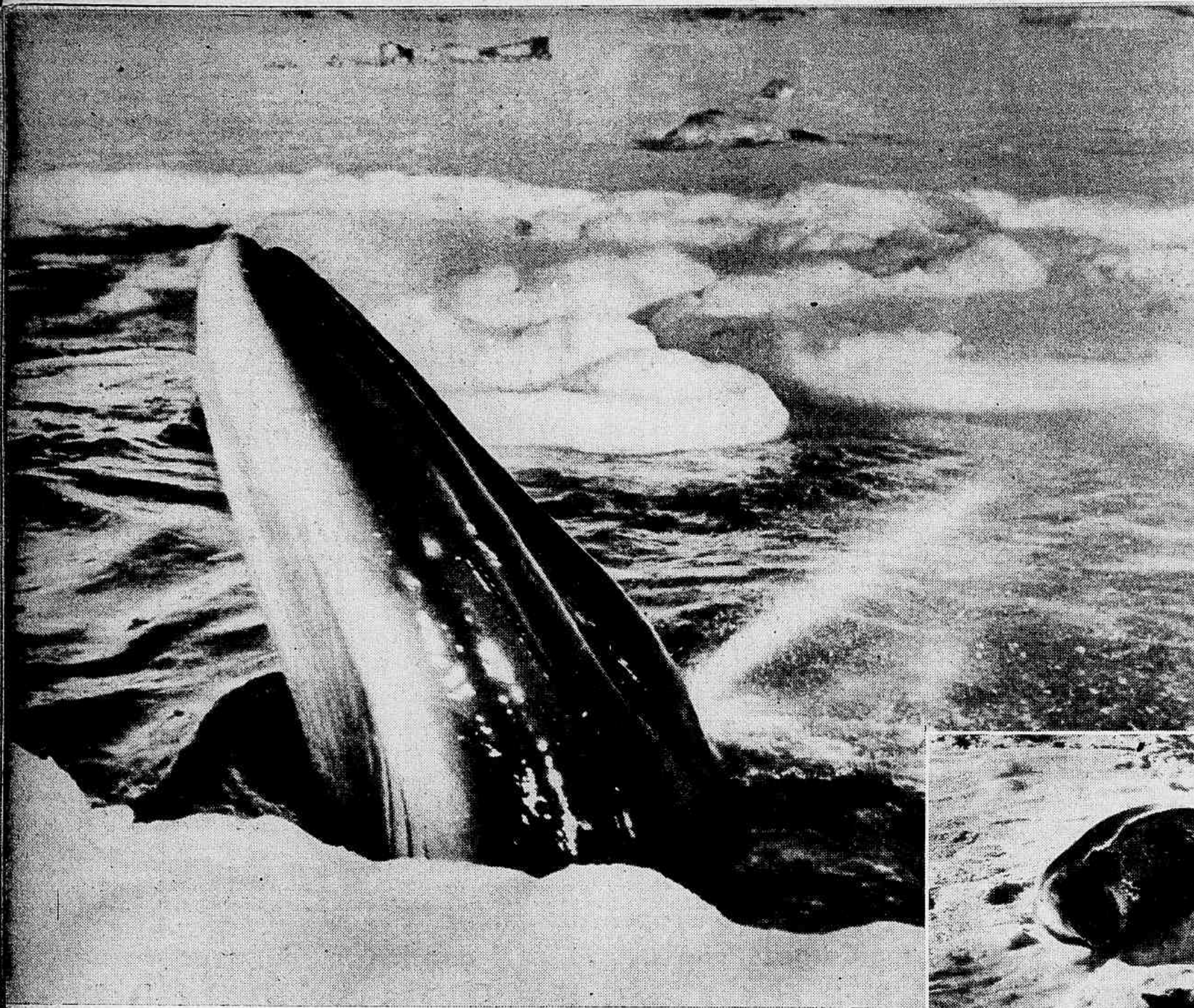
Versado em línguas e a par da cultura da época, escrevendo revela frei Vicente do Salvador doses de humor e esgrime ironias. Como ocorreu com a CRÔNICA, ficou a HISTÓRIA ignorada por largo tempo. Em 1857, João Francisco Lisboa encontra — na Torre do Tombo — com o capítulo que Varnhagem, no ano seguinte, pu-

blicou na «Revista» do Instituto Histórico. Em 1872, o próprio Varnhagem depara com a obra. Na segunda edição de sua grande HISTÓRIA GERAL DO BRASIL noticia fatos até então desconhecidos para nós sob uma cautelosa referência a um F.V. de S. Em 1881, o livreiro João Martins Ribeiro — entre alfarrábios doados à Biblioteca Nacional — ofereceu uma cópia da HISTÓRIA de frei Vicente do Salvador. Cinco anos depois — com precioso prefácio e luminosos «Prolegômenos» de Capistrano de Abreu — o primeiro capítulo da obra apareceu no «Diário Oficial» de 23 de julho. Em 1889, completa-se a publicação através do volume treze dos ANAIS da Biblioteca Nacional.

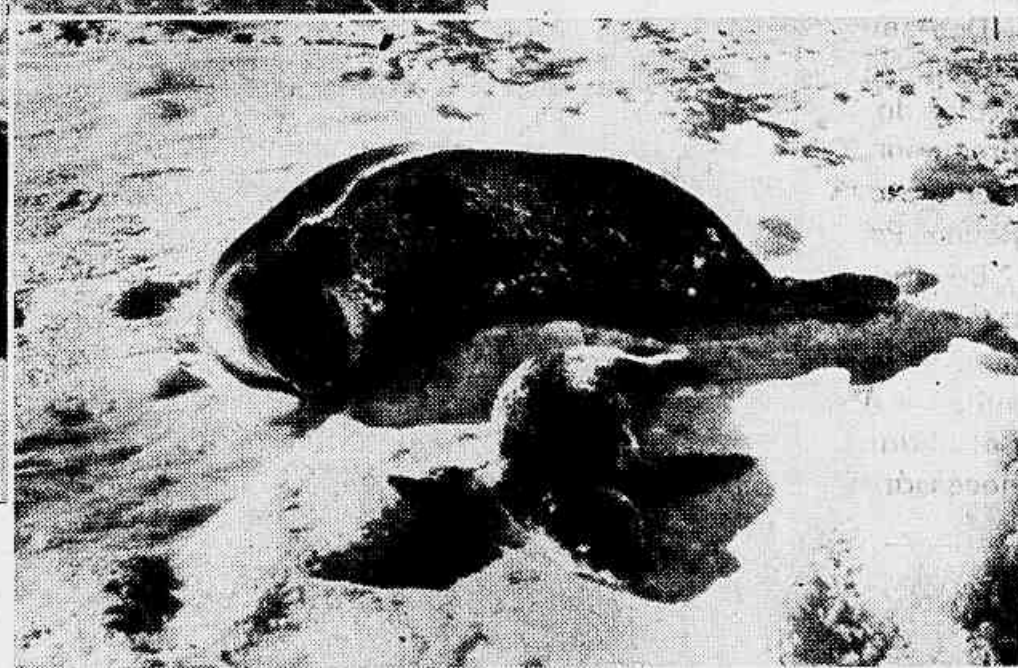
No prólogo, disse mestre Capistrano que a HISTÓRIA havia de adquirir muitos amigos e leitores. Definindo-a, escreveu: — «Frei Vicente do Salvador representa a reação contra a tendência dominante: o Brasil representa para ele mais do que uma expressão geográfica: uma expressão histórica e social... Salientou-lhe o tom popular e a feição quase folclórica e, nestas sóbrias palavras, ressaltou-lhe os méritos: — «Vê-se o Brasil tal qual era a realidade. Aparece o branco, aparece o índio, aparece o negro... Informações por que suspirávamos e que não esperávamos encontrar, ele as oferece às mãos cheias, ora num traço fugitivo, ora demoradamente».

E porque era a reação contra a tendência dominante, a HISTÓRIA — tal a Bela-Adormecida — por tanto tempo dormiu na Torre do Tombo.

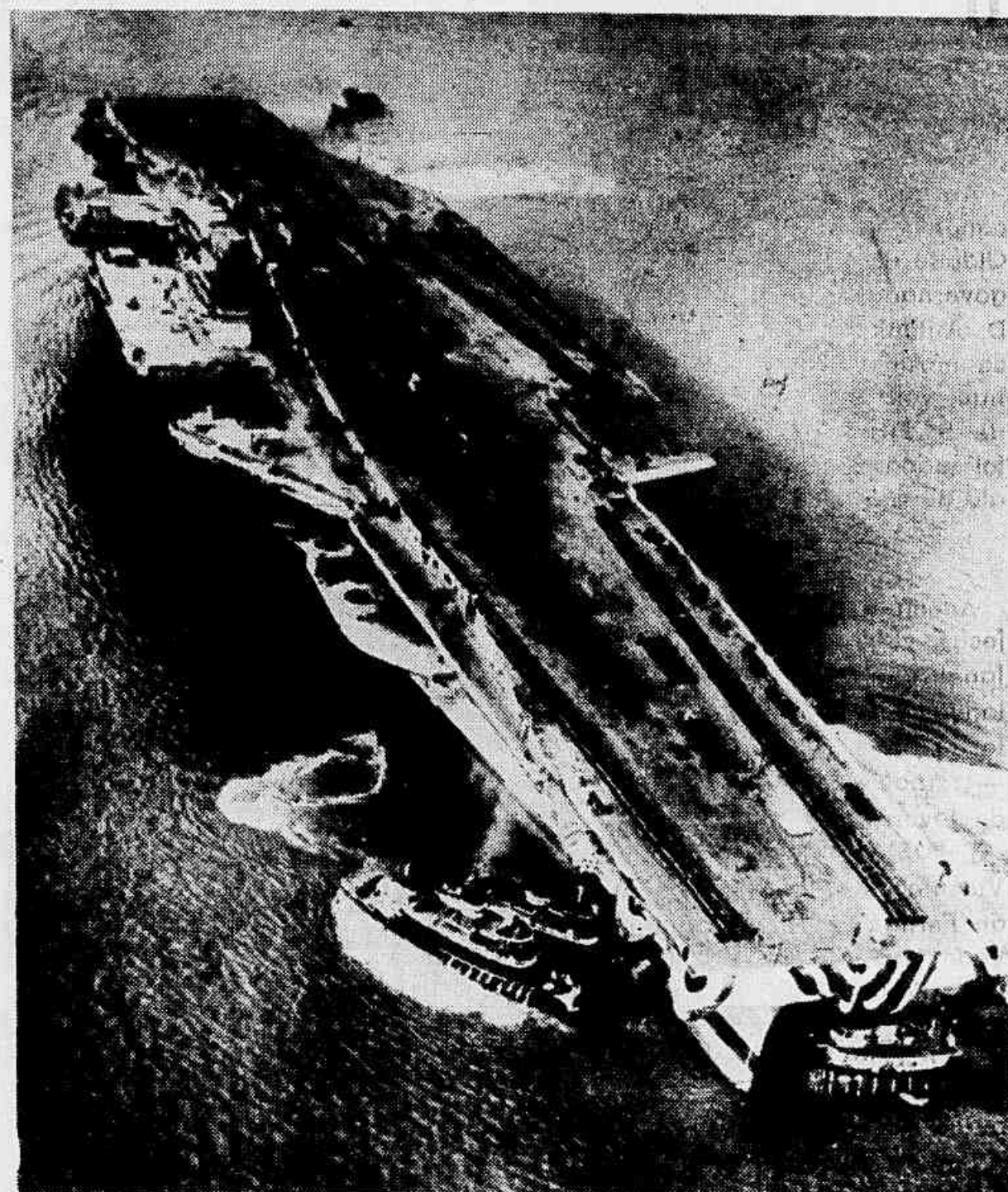
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



DIVERSAS BALEIAS que se aventuraram demasiado a dentro de uma região coberta de gelo, na Antártida, terminaram prisioneiras dos imensos blocos. Constituem um espetáculo formidável para as multidões de focas impassíveis que se quedam tranqüilamente a observar os cetáceos presos.



NAS ELEIÇÕES há pouco efetuadas na Itália, o número de abstenções foi diminuído. Aqui vemos o ator Aldo Fabrizi, meio indeciso, diante da urna.



O PORTA-AVIÕES «Forrestal», um dos maiores dos EE.UU., quando realizava manobras no Pacífico. Seis vasos idênticos estão em construção.

ESSE VELHOTE de ar mefistofélico (à direita) é Nubar Gulbenkian, denominado o «Rei do Petróleo». Sua fortuna é praticamente incalculável. Aparece, com a mulher, à porta da igreja em que vem de ser realizado o enlace matrimonial de seu neto Mikael Gulbenkian.



DIZENDO TER SIDO representada, nua, na decoração que o pintor Philips Pavai executou para um cabaré de Las Vegas, a vedete Sandra Giles o agrediu a bofetadas, no mesmo dia da inauguração da casa. Diz Sandra ter pousado para êle de maiô.



CONTRA AS DETERMINAÇÕES do próprio filme, Pat Nerney, marido de Jane Powell, conta à esposa o fim de «Les Diaboliques», de Clouzot, num verdadeiro ato de «amigo da onça». Qualquer dia estoura por essas bandas a notícia do divórcio do casal.



MIGUEL RAMIREZ, é o nome dêste pescador cubano, que serviu de modelo ao célebre Hemingway para o protagonista de «O Velho e o Mar». Agora, Ramirez está acionando o conhecido escritor ianque.



METADE DOS FILHOTES tidos por Lady Pixie, uma cadela extraordinária, aqui aparece, tomando leite num dispositivo todo especial. A outra metade mama no original, quer dizer, na própria cadela...

QUE É UM ADVENTISTA DO 7º DIA?

Por ARTHUR S. MAXWELL,

Redator Chefe de «Signs of the Times», periódico dos Adventistas do 7º Dia nos EE.UU. — Especial para Revista da Semana — Copyright U. Press

OS ADVENTISTAS não ensinam ao povo que somente a obediência aos dez mandamentos de Deus poderá levar à salvação. Não: a salvação somente é conseguida pela Graça. E a Graça é a fé no sacrifício supremo de Cristo. Ninguém pode lutar sozinho na batalha do céu. Não entrará no Paraíso por suas próprias forças. Não há humildade, nem penitência, nem caridade, que possa substituir a Graça Divina. **Todavia a fé, sem obras, é morte.**

A observação dos mandamentos é o resultado evidente da salvação. Mas é uma questão de amor, não de conduta subordinada a preceitos jurídicos. «Quem me ama (disse Jesus) deve observar meus mandamentos» (João, 14-15).

Quanto à volta de Cristo ao mundo, os Adventistas possuem idéias próprias. A palavra «Adventista» já indica a importância por nós emprestada ao retorno de Jesus à terra. De nosso estudo da Bíblia, concluímos não somente que Jesus Cristo voltará, mas que o tempo é chegado de Sua Volta. Acreditam todos os Adventistas que Ele virá em pessoa, exatamente como já veio da primeira vez (Atos dos Apóstolos, 1-11).

A vinda ao mundo de Cristo, pela segunda vez, será uma espécie de clímax de toda uma sequência de estupendos acontecimentos políticos e religiosos, que envolverão a população inteira do globo terrestre, e que há de marcar talvez o seu fim, ou o fim de um período.

Naquele dia, quando «O Senhor em pessoa descer à Terra vindo dos Céus, com a Voz do Arcanjo e as trombetas de Deus», as sepulturas de todas as criaturas de Deus abrir-se-ão, ressuscitarão os «mortos em Cristo», e todos os legítimos Cristãos, vivos ainda no momento, «serão arrebatados, juntos com os mortos, até as nuvens, e encontrar-se-ão, no espaço, com Deus» (1 Tessalios, 4-16, 17).

Está nas Revelações, acreditam os Adventistas, descrito o efeito que para os não-crentes exercerá essa segunda vinda de Jesus Cristo. Eles serão expulsos de sua presença, apenas para serem destruídos pelo «brilho de Sua chegada» (2 Tessalios, 2-8).

Os Adventistas também acreditam em um «millenium», quer dizer, em um período de mil anos, durante o qual os seguidores de Cristo, ressuscitados ou arrebatados, viverão e reinarão «com Cristo» (Revelação, 20-4). Porém, sabem que tal reino não estará situado na terra, mas no céu. A terra há de restar um vasto deserto, sem habitantes durante todo aquele período.

Porém, ao término do «millenium», pouco a pouco a terra irá readquirindo a sua atividade de antes, com a ressurreição dos mortos, o retorno dos justos ao Paraíso, o estabelecimento da Nova Jerusalém e afinal a execução do Juízo Final, para os não-arrepentidos (Revelação 20).

Depois então, segundo nossa crença, a terra será purificada através do fogo, e recriada, por ordem de Cristo, especialmente para servir de guarda aos Seus Redimidos. «Abrir-se-ão os olhos dos cegos, e as orelhas dos mortos ouvirão» (Isaías, 35-5). «E não mais haverá morte, nem lamentação ou dor, ou tristeza de espécie alguma» (Revelação 21-4). Acabar-se-ão então as penas, e o futuro brilhante do Homem realizar-se-á afinal.

Será o «Ceu na Terra», não apenas para os Adventistas de Sétimo Dia, mas também para todos os verdadeiros Amantes de Deus.

São os sinais dos tempos que levam os Adventistas a acreditar que está próxima a segunda vinda de Cristo ao mundo. Basta atentar para as extraordinárias convulsões de ordem político-sociais, econômica e religiosa por que vêm passando os povos; basta rememorar a invenção da horripilante bomba de hidrogênio. Nunca, como agora, o medo avassalou em tão grande escala os corações humanos, fazendo com que todas as nações do mundo temessem — a guerra, a inflação o aniquilamento atômico. Esse medo está levando os homens (em sua busca da tranquilidade) a se agruparem em confederações e blocos maciços — tal como a Bíblia tinha profetizado.

O próprio Cristo antevira essa situação, enumerando os sinais de sua segunda peregrinação à Terra: «Haverá na terra convulsões entre as nações, e com perplexidade e medo nos corações, os homens observarão todas as coisas que estão acontecendo: porque o equilíbrio dos céus será sacudido. E então, verá todos o Filho do Homem vindo sobre uma nuvem, com poder e grande glória» (Lucas, 21, 25-27).

Outro sinal certo de que está próxima a Vinda, para os Adventistas, é o grande número de invenções recentes, que terminaram por mudar completamente a vida na face da terra. Esse incrível e inédito acréscimo de conhecimentos já tinha sido apontado (em Daniel, 12-4) como sinal de que «o tempo do fim» estava próximo.

Mais outro sinal, ainda, de proximidade do fim, é o colapso moral tão evidenciado na vida social e política da atualidade. Todos admitem que os sustentáculos morais da Civilização Ocidental estão bichados. E, muito embora nunca tenha havido, ao menos aparentemente, tanta religião, não é menos certo que espiritualmente falando, nossa vida é totalmente falsa, e que nunca tivemos tão pouca piedade. O Apóstolo Paulo dissera que tal ia acontecer, no fim dos tempos (2 Timóteo, 3).

O que não pode ser estabelecido com precisão é a data em que dar-se-á a volta de Jesus ao mundo. Cristo afirmara: «Daquele dia e hora, nenhum homem na Terra e nenhum anjo no Céu saberá: mas apenas meu Pai» (Mateus 24-36). Apenas existe, para a cronologia de tal época, a frase de Marcos: «Quando virdes essas coisas acontecerem, cuidai que é noite».

Com relação ao divórcio, a posição dos Adventistas é, de maneira geral, a mesma da Bíblia, como anunciada por Cristo, ao afirmar: «Quem quer que repudiar sua mulher, a não ser que por adultério, e contrair outro casamento, cometerá adultério: e aquele que desposar a mulher assim abandonada, também cometerá adultério» (Mateus, 19-9). Achamos muito claros esses conceitos, e cremos que ninguém que os não obedeça pode ser considerado como um fiel seguidor da Igreja Cristã.

Nenhum Adventista bebe, ou sequer fuma. Aceitam todos eles a frase de Paulo, segundo a qual «o corpo é o templo do Espírito Santo». Assim sendo, repelem toda e qualquer prática ou hábito que possa de longe que seja ameaçar a santidade e a sinceridade de sua crença. O homem não passa de uma testemunha de Cristo, não está na Terra para divertir-se. Também é preciso que o verdadeiro cristão dê o exemplo de seu comportamento e de sua fé, não apenas aos não-cristãos, como também aos jovens e às crianças.

Até junho de 1952, havia, só nos Estados Unidos, 265 mil Adventistas, batizados como tais. Mas no mundo inteiro, essa cifra deve elevar-se a cerca de 800 mil. Muitos outros cidadãos, que aceitaram os ensinamentos da Igreja Adventista, aguardam ainda o batismo.

Os Adventistas utilizam missionários em todo o mundo. Em 1953, dispenderam na catequese 18.500.000 dólares e empregaram 37 mil pessoas, dezessete mil em serviços evangélicos propriamente ditos, e 20 mil em publicidade, e como colaboradores em obras de educação e sanitárias. Existem no mundo inteiro 197 publicações adventistas, nas mais diferentes línguas.

Paralelamente às suas atividades religiosas, os Adventistas desenvolvem larga atividade médica, possuindo todo um grande sistema de sanatórios, hospitais e clínicas em vários países do mundo. Mais de dois milhões de enfermos se beneficiam, anualmente, dessas atividades.

Os Adventistas se interessam pelo bem-estar social e pelo trabalho justamente recompensado dos trabalhadores. Muitas de suas igrejas possuem Caixas de Benemerência, destinadas não só a suprir com mantimentos os deserdados, como também a apresentar projetos que possam vir a melhorar a vida dos pobres. Desde o fim da guerra, por outro lado, já enviaram os Adventistas, para os desvalidos do mundo inteiro, mil e quinhentas toneladas de roupa, e duas mil de alimentos.

Uma atividade que é também levada a sério de modo todo especial pelos Adventistas é a assistência e a recuperação dos encarcerados. Nas penitenciárias, eles assistem espiritual e materialmente os prisioneiros, e se encarregam de, uma vez cumprida a pena, promover-lhes, já em liberdade, a reintegração na sociedade.

Os Adventistas acreditam, e praticam a liberdade de crença. Lutaram, como verdadeiros campeões da liberdade, contra os reformadores do calendário, ante a Liga das Nações, em 1931, e mesmo após. Defendem intransigentemente a separação da Igreja do Estado. Publicam trimestralmente o «Liberty Magazine», exclusivamente destinado a preservar suas idéias religiosas.

Acreditamos numa vida, após a terrena. Porém sabemos que essa vida virá apenas de Cristo, fonte de vida. Longe de Cristo, ninguém poderá alcançar a vida eterna. O homem, por si mesmo, é mortal. Só Cristo pode transformá-lo num ser imortal. E — diz a Bíblia — a imortalidade apenas será concedida após a segunda vinda de Jesus.

Para os Adventistas, a idéia tão contraditória entre os povos de que os homens, logo após a morte, ou vão para o céu ou para o inferno, não passa de grosseira reminiscência do paganismo. É uma infiltração pagã na teologia cristã. A Bíblia ensina, a esse respeito, que os mortos dominarão até ao dia do retorno ao mundo de Jesus Cristo, como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Então, mas apenas, então, os justos serão recompensados, e os maus, aniquilados.

A seguir: Que é um Metodista?

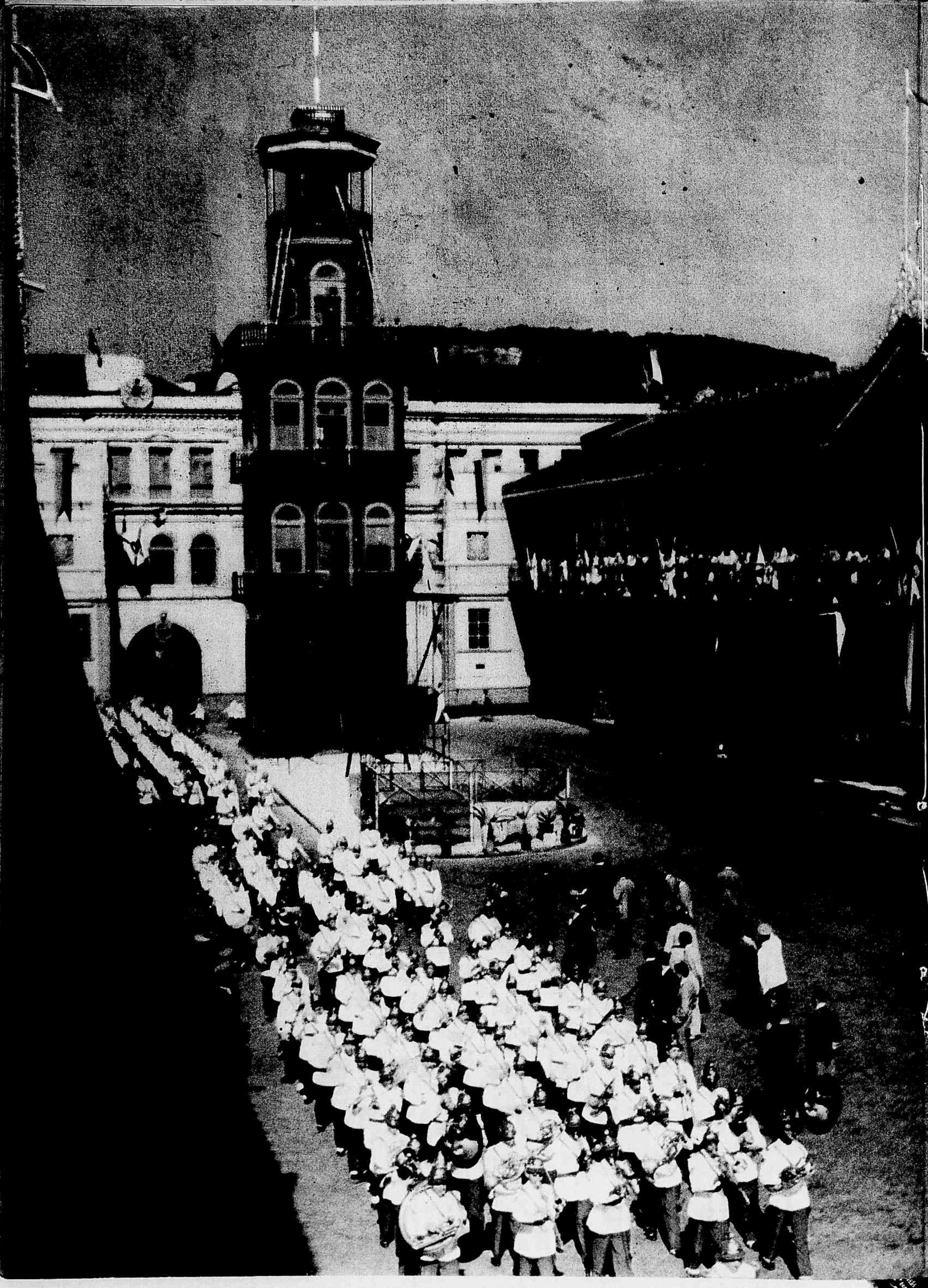
CEM ANOS



NO PÁTIO do Quartel, sito à Praça da República, os Bombeiros, em uniforme de gala, prestam continência à bandeira da unidade.

LUTANDO CONTRA O FOGO

O CORPO DE BOMBEIROS DO RIO DE JANEIRO, FUNDADO EM 1856, COMEMORA EM JULHO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO ★ O QUE TEM SIDO, ATRAVÉS DOS ANOS, ESSA CORPORAÇÃO MODELAR



CEM ANOS LUTANDO CONTRA O FOGO



INÚMERAS comemorações foram levadas a efeito, a 2 de julho, no Quartel Central do Corpo de Bombeiros. À esquerda, o grande desfile no pátio do quartel. Ao alto demonstrações de eficiência na torre principal.

Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, organização modelar que de há muito conquistou o carinho e a confiança dos cariocas, acaba de completar seu primeiro centenário de existência. Criado a 2 de julho de 1856, por decreto imperial, e em caráter provisório, seu primeiro nome oficial foi: Corpo Provisório de Bombeiros da Corte. O primeiro diretor dos Bombeiros foi o major João Batista de Castro Moraes Antas, nomeado para o cargo a 13 de março de 1857. Foi o major Moraes Antas quem organizou, definitivamente, a corporação, que à época de sua fundação dispunha não só de escassíssimo e destreinado pessoal, como também de material primitivo e pouco numeroso. Basta dizer que se ocorria um incêndio, o transporte das mangueiras, escadas e demais materiais para debelá-lo era feito nas próprias costas dos bombeiros, que não dispunham sequer de um veículo pesado para locomover-se. E note-se que os incêndios há cem anos atrás, costumavam ser terríveis, pois as casas unidas umas às outras sem qualquer previdência, e o material de que eram feitas — quase todas de madeira, facilmente combustível —, facilitavam incrivelmente a propagação das chamas, que às vezes consumiam quarteirões inteiros. Foi apenas em 1860, quase cinco anos após a fundação, que o Corpo de Bombeiros deixou de ser provisório, para, sob a denominação de Corpo de Bombeiros da Corte, e com um efetivo de cento e cinquenta homens, desempenhar as suas funções de maneira mais perfeita. De então por diante o aviso de incêndio não mais seria transmitido poeticamente pelos sinos das igrejas, como até então, porém, por intermédio de estações telegráficas, colocadas nos vários lugares da cidade. O Quartel-Central, em instalações modestas ainda, funcionava então no Campo da Aclamação, hoje de Santana. Na última década do século, porém, sob a administração do tenente-coronel Francisco Marcelino de Souza Aguiar, foi iniciada a construção do atual Quartel-General, que já sofreu várias reformas e hoje ocupa imenso

CEM ANOS LUTANDO



BOMBEIROS fazem, para os convidados, uma demonstração de seu preparo físico, utilizando duas grandes «Magyrus».

de granadas e projéteis ali guardados; o incêndio da «boite» Vogue, muito recente ainda; e o maior e mais trágico de todos, que chegou a ser denominado, pelo povo, de «Tragédia de Braço Forte»: a explosão de um depósito de combustível na ilha de Braço Forte, que foi praticamente pelos ares, matando nada menos de dezessete bombeiros. Após o incêndio do «Vogue», viu-se que o Corpo de Bombeiros já estava a necessitar material mais moderno para debelar as chamas. Esse material vem sendo adquirido, embora com as verbas escassas anualmente consignadas à corporação: as escadas «Magyrus» que tanta falta fizeram, no evento, já foram compradas em quantidade apreciável.

Por vários motivos, é profundamente agradável à REVISTA DA SEMANA, que já em 1906 teve o privilégio de saudar o cinquentenário dos Bombeiros, de fazê-lo agora novamente, por ocasião do primeiro centenário da organização modelar que é atualmente dirigida pelo coronel Rafael Souza Aguiar, com eficiência e brilhantismo. (Fotos de A. VIEIRA).

ESSA ESCADA, a mais alta em utilização na América do Sul, pode atingir a uma altura de 45 metros.

quartirão no mesmo Campo de Santana, hoje Praça da República.

Vemos assim como foi lento, embora contínuo, o progresso do Corpo de Bombeiros. De 1913 para cá, todavia, houve uma aceleração no ritmo. Data daquele ano a introdução da primeira unidade de tração, na corporação. Pode-se avaliar o progresso que representava, à época. Hoje, quarenta e três anos após, podemos afirmar que o Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro — órgão subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores —, está perfeitamente equipado para o que der e vier. E isso, é tem sobejas vezes demonstrado, muitas com o sacrifício das vidas de seus componentes — que são mil e quinhentas praças, e cerca de cento e trinta oficiais.

Se quiséssemos mencionar alguns dos grandes incêndios ocorridos no Rio de Janeiro, nos quais a bravura e a competência dos bombeiros se fizeram notar sobremaneira, debelando totalmente as chamas ou contribuindo para que a catástrofe não assumisse proporções maiores, citaríamos o que consumiu o Park Royal, no largo de São Francisco, o intenso, que devorou o Depósito de Material Bélico do Exército, em Deodoro, ameaçando fazer explodir grande quantidade



O UNIFORME de gala, envergado pela Guarda de Honra. Em cem anos, a evolução sofrida foi imensa.

INFORMAÇÃO VARIADA

SPECTATOR

♦ A TV-Tupi vem de alcançar novo sucesso em suas atividades, transmitindo agora em três horários: de 7.30 às 9.30, de 11.30 às 13.30 e à noite. Com essa intensificação de transmissões, os dirigentes do Canal 6 visam principalmente proporcionar divertimento ao público em geral, uma vez que podem satisfazer àqueles que se encontram em casa pela manhã, aos que possuem alguns momentos de folga somente à hora do almoço e também à grande maioria que, depois de um dia cansativo de trabalho, procura repouso e entretenimento em sua própria casa. Os programas são os mais variados, devendo destacar as apresentações matutinas, sempre bastante boas. Nesse horário sucedem-se aulas de ginástica, jornais filmados e comentados, propagando as últimas notícias do Brasil e do mundo, bem como filmes variados, programas humorísticos e sobre culinária.

O trabalho da equipe que compõe e apresenta ao público os jornais logo às primeiras horas da manhã, deve ser ressaltado, uma vez que são esses mesmos elementos, entre eles destacando-se o correto locutor Hilton Gomes, que à noite, são dos últimos a deixar a emissora da Urca, depois de levarem ao público as últimas notícias do dia. As aulas de ginástica alcançaram grande sucesso quando passaram a ser ministradas pela TV. Antes, quando eram apresentadas somente através do rádio, os ouvintes tinham dificuldade em acompanhar os movimentos explicados pelo professor e, em geral, executavam-nos de maneira incorreta, acontecendo que, em vez de concorrerem para manter a sua boa saúde, em geral prejudicavam-na com distensões de músculos, torções, etc. Através do vídeo os alunos ginastas podem seguir com precisão os exercícios executados pelo professor e com isso podem obter ótimos resultados.

No horário do almoço os telespectadores têm oportunidade de acompanhar as peripécias da «Pensão do Salomão», enquanto que as donas de casa têm em Silvia Autuori uma preciosa colaboradora, pois através do seu «O que vamos fazer para o jantar?», sugere sempre pratos apetitosos, inéditos e de fácil execução. Como não podia deixar de ser, em qualquer dos horários em que esteja no ar, a TV-Tupi tem sempre programas adequados, destinados à infância e à mocidade. Analisando essa intensa atividade, podemos dizer que o Canal 6 está realmente fazendo TV, isto é, proporcionando ao público de todas as idades divertimentos sadios, úteis e sempre que possível instrutivos. Está, portanto, de parabéns, a TV-Tupi.

... Para Brício de Abreu, que entre as múltiplas atividades que vem exercendo ultimamente na TV-Tupi, tem em «As máscaras falam», uma ótima apresentação. Brício, homem bastante experiente em assuntos teatrais, procura informar ao telespectador sobre os cartazes exibidos no momento em nossos palcos e o faz com bastante autoridade. Mantém, também, interessantes entrevistas com os principais componentes das companhias teatrais que ora se exibem no Rio. Esse programa de Brício de Abreu é dos mais úteis, pois faltava à TV uma apresen-

Grau dez:

tação do gênero, que visasse orientar o público sobre teatro, pois, como sabemos, muitas vezes esse público deixa de prestigiar as representações por ignorar o assunto de que tratam as peças.

★

... Para a TV-Rio, que contratando para fazer parte do seu elenco teatral a Henriette Morineau, vem de fazer uma excelente aquisição. A ótima artista que de algum tempo para cá vem dando muito do seu talento para o brilhantismo dos espetáculos televisionados, continua destacando-se e um dos seus últimos sucessos foi a interpretação de «Mulheres feias», quando deu oportunidade a que os espectadores que não tiveram ocasião de entrar em contacto com esse seu magnífico trabalho no palco, o conhecessem através do vídeo.

Vamos melhorar?

Abelardo Chacrinha apresenta-se pelo Canal 6 em uma série de programas, os mais variados. No entanto, prejudica bastante essas atuações a maneira apresada de falar do Chacrinha, o que faz com que muito do que ele diz seja perdido pelo espectador, como também o recurso de que lança mão com frequência, lendo tudo o que diz para o público. Vamos melhorar? ★ «Lojinha de música», programa feito através de sugestões de gravações dos últimos sucessos, antes era apresentado por Paulo Soledade e tem agora a substituí-lo o Chamusca, elemento encarregado da seção de discos de algumas das nossas revistas.

O substituto de Paulo, talvez devido à falta de prática em enfrentar as câmaras, parece um pouco embaraçado e conduz o programa sem muito entusiasmo e por vezes dificuldade em se expressar.

Chamusca precisa com urgência corrigir-se desses pequenos senões ou, do contrário, suas atuações tornar-se-ão bastante monótonas.



Angela Maria, durante um dos seus recitais para o Canal 13.

... Para Heloísa Helena, que em «Contando e desenhando» dá às crianças oportunidade de ouvir histórias simples e educativas. Os temas são narrados com muita simplicidade, acompanhados por desenhos adequados, executados no momento por um desenhista cujo nome infelizmente não é mencionado nas apresentações do programa mas que, com traços simples e bastante expressivos, em poucos minutos concretiza os acontecimentos narrados por Heloísa Helena.

★

... Para «Cada um com a sua mania», outra boa produção de Brício de Abreu, para a TV-Tupi. Para os espectadores é sempre interessante entrar em contacto com indivíduos que façam coleção de objetos exóticos ou instrutivos e essas coleções são demonstradas ante as câmaras, com muita habilidade por Brício, que explora bem tudo o que elas apresentam de pitoresco.



Leny Eversong, que deixará por algum tempo os telespectadores do Canal 6, a fim de cumprir um vultoso contrato nos Estados Unidos. Felicidades, Leny.

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

(KISMET)

ELENCO:

O Poeta	Howard Keel
Marsinah	Ann Blyth
Lalume	Dolores Gray
O Califa	Vic Damone
Omar	Monty Wooley
O Visir	Sebastian Cabot
Jawan	Jay C. Flippen
Chefe de Polícia	Mike Mazurki
Hassan-Ben	Jack Elam
Subalterno de Polícia	Ted de Corsia
Princesas de Ababu	Reiko Sato
	Patricia Dunn
	Wonci Lui
Zubbediya	Julie Robinson

★

Argumento de Charles Lederer e Luther Davis
Direção de Vincente Minnelli

★

(Cortesia da Metro-Goldwyn-Mayer)

●



Entim, rico! Fabulosamente rico! E o poeta milionário abria os braços, saudava o sol, a vida, a luz...

CAPÍTULO I

NA antiga cidade de Bagdad existia um pobre poeta cujo estado normal era quase sempre o de um homem faminto. Sabemos que nada tem de extraordinário um poeta com fome. Mas este a que nos referimos, tinha uma formosa filha chamada Marsinah, e quando pai e filha caminhavam juntos pelas ruas, muito atraíam a atenção dos transeuntes.

Viviam ambos em um velho e deplorável estábulo, onde podiam desfrutar mais esperanças, ilusões vãs e sonhos cor-de-rosa que propriamente comestíveis, que fazem bem ao doutor estômago. Ali produzia o poeta seus melhores

versos, e quanto mais fome, mais inspiração! Receiava ele que se porventura viessem dias de abundância, os sonetos e os poematos fossem expulsos do seu cérebro, mas, como é de supor, essa classe de regime — mais versos, menos comida — não era muito agradável e certo dia o nosso trovador decidiu ir à mesquita mais próxima para se apegar às grades, entre os pedintes profissionais. Não tardou a aprender os gestos característicos dos mendigos e seus sistemas peculiares, tão fielmente reproduzidos que o povo o tomava por um esmoler genuíno. Encantado ao ouvir o tilintar das moedas que caíam na palma encardida da sua mão, o poeta oferecia um verso por dádiva e, lógico, uma maldição por negativa. E quando seus compa-

nheiros de nova profissão lhe disseram nas bochechas, com certos ímpetos de revolta, que sua competição era indesejável e que aquele seu lugar era o favorito de Hajj, chefe dos pedintes, o poeta limitou-se — malandro! — a dizer, modestamente, que era primo de Hajj e que, portanto, cabia-lhe o direito de ocupar esse posto...

Certo dia, um tropel de bandoleiros entrou sub-repticiamente na cidade e deteve-se frente à mesquita. O chefe do bando gritou para os mendigos:

— Hei, velhinhos! Qual de vocês é um tal de Hajj?

Os pobres de Bagdad, e não de Paris, apontaram o poeta, que, pressentindo um sério perigo, negou formalmente ser ele o tal. Seus veementes protestos de nada valeram e os bandidos, obedecendo a uma ordem do chefe, aprisionaram o bardo assustado, como todos os bardos e o conduziram ao acampamento que haviam instalado nos arredores da cidade.

Uma vez no deserto, foi o poeta manso levado à presença de Jawan, o cabeça do bando, que era um velho cegueta. No momento, ele entoava uma canção muito em voga e mordiscava uma costeleta de carneiro apetitosa, recém-tirada do forno, enquanto com uma das mãos livre, jogava ao ar várias e reluzentas moedas de ouro que se espalhavam sobre a mesa.

— Aqui o temos, patrãozinho, gritou um dos bandoleiros. Este é o famigerado Hajj, o patifório...

Jawan voltou o rosto para um servente que se distraía aquecendo alguns ferros num brazeiro.

— Estão bem aquecidos, rapazinho? — perguntou.

— Sim, chefe! Já estão quase brancos, respondeu o interpelado.

Não tardou que o poeta desse conta do que o esperava e sem aguardar que o interrogassem, falou:

— Tudo isto é um lamentável erro, meus amigos! Eu não sou, nunca fui Hajj, mas um pobre e mal-aventurado poeta que para saciar sua fome — oh, a fome dos poetas, a fome lendária dos bardos! — pôs-se a pedir esmolas por es-

sas ruas abençoadas de Alá... Sou, apenas, um pobre diabo que nada vale... menos que nada... Um átomo de desventuras, não vêem?

— Esse «cara» está falando demais, exclamou o cabecilha da turma. E voltando-se para o poeta morenório, perguntou-lhe em cheio:

— Eh, mocinho! Fixa-te bem no meu rosto e diz-me lá, ó pária! Conhecês-me? Dá aos dentes, maltrapilho...

— Não conheço ninguém, gemeu o poeta, encolhido a um canto. Além disso... não tenho um cêntimo sequer!

— Pois eu te avivarei a memória grande mariola! Hein? Que achas se te disser que sou nada menos que... Jawan? E agora, mancebo?

— Oh, não! exclamou o poeta sem poder ocultar o espanto.

— Ah! ah! Com que então, memorinha fresca pelo que estou vendo, farçante! replicou Jawan.

— Sim, já ouvi pronunciar esse nome... e ele se me gravou na memória... por ser o nome de um famoso astrônomo...

Jawan, de chicote em punho, deu um golpe no espaço fazendo ressoar um barulho trepidante por todo o acampamento. Eu sou Jawan, o ladrão, como tu bem o sabes...

— Não... não senhor... não sabia... balbuciou o poeta, receioso. Não tenho interesse em nada disso... Amanhã terei esquecido seu nome e sua fisionomia... Por nada deste mundo poderia identificá-lo...

Jawan voltou-se para um de seus homens:

— Amarra-o e descobre-lhe o ventre...

Os braços do poeta imenso foram atados a um madeiro colado às suas espáduas.

— Por que me amarram... Por que? perguntava incessantemente, sem que ninguém lhe desse importância.

— Agora vamos oferecer-te uma decoração no mais belo estilo... Decorar-te-ei o umbigo com um ferro em brasa, está bem? disse o cabecilha esboçando um sorriso feroz.

— Mas... Por que? Em nome de Alá... que mal lhes fiz, meus irmãos, meus amigos, meus protetores?

— Acaso já te esqueceste, tão depressa? Lembra-te quando me jogaste uma maldição, faz uns quinze anos?

— Acredite em mim, senhor Jawan... tartamudeou o poeta verdadeiramente angustiado. Eu só adotei o nome de Hajj hoje pela manhã... juro...

— A mente dêsse sujeitinho atrofiou-se muito cedo, murmurou o cabecilha ao seu lugar-tenente.

— Juro por Alá que jamais meus olhos posaram nos seus, senhor Jawan... Pelas alminhas...

— Isso nada quer dizer. O mal está em que faz quinze anos jogaste uma terrível maldição sobre a minha cabeça... vociferou Jawan alçando o punho e avançando, ameaçador, para o vate. E desde então meu filho foi seqüestrado e não logrei mais encontrá-lo! E talvez morra sem voltar a vê-lo...

— Oh, não! Espero que não aconteça tamanha infelicidade, senhor! murmurou o poeta com certo acento de simpatia e interesse pela desgraça do outro.

— E' preciso encontrar meu filho dentro de poucas semanas, antes que eu morra! Dizem os magos que a tua maldição é o que impede que o encontre...

— Oh, por Alá! exclamou o poeta mais calmo. Isso é o que dizem sempre esses pantomimeiros, não sabes? E qual é o resgate que lhe ofereceste?

— Não me fales de resgate, gritou Jawan enfurecido. Retira a tua maldição! Ou do contrário... ferro em brasa no umbigo do rapaz, meus amigos!

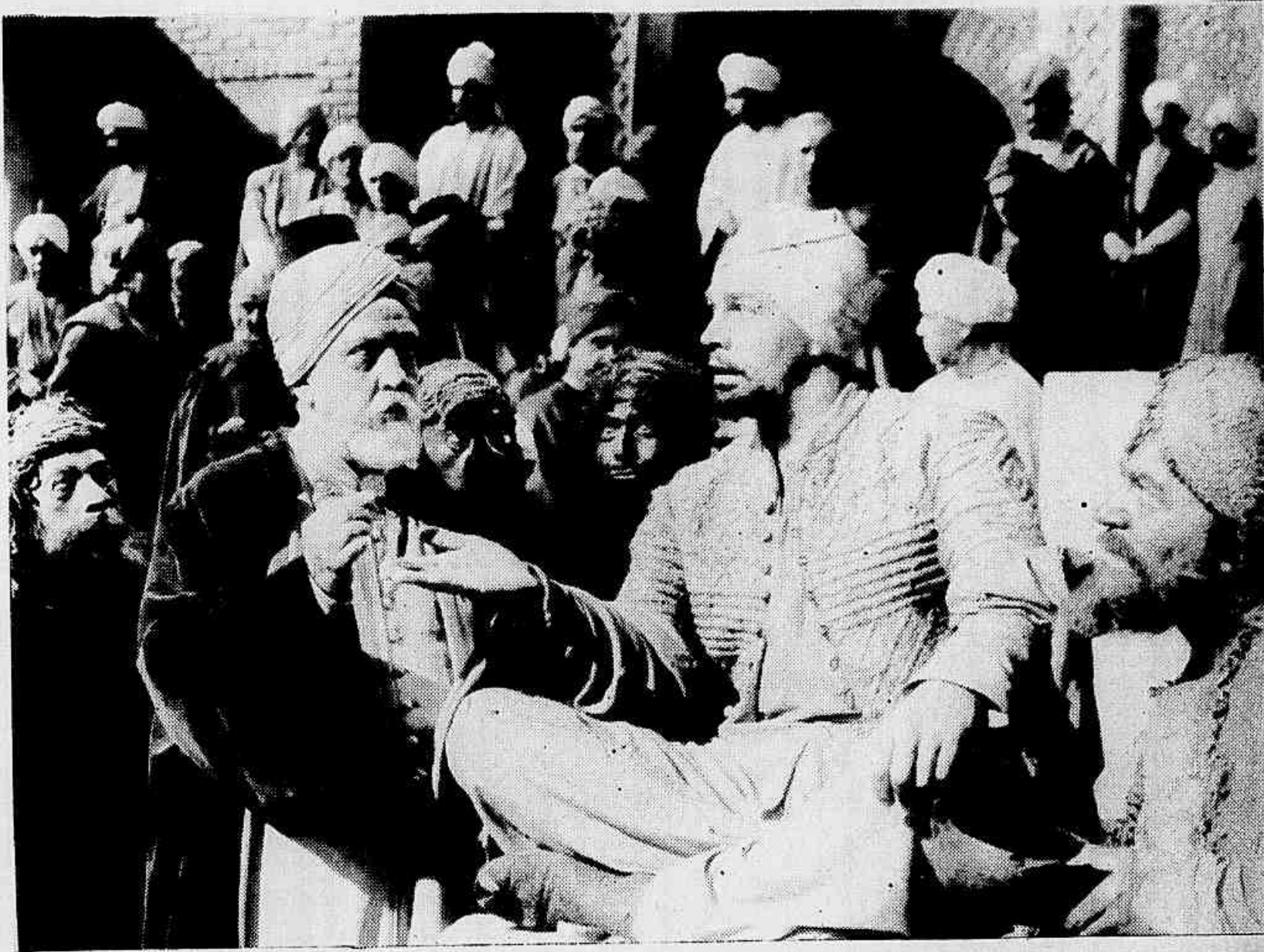
O poeta enclinou-se respeitosamente:

— Claro que retiro, poderoso Jawan! Essa e todas as maldições que desejares, eu as retirarei, se está em minhas mãos fazê-lo... Estou aqui p'ra isso e muito mais! Retirar maldição é comigo... Mas nestas circunstâncias... compreende...

O homem dirigiu um olhar muito significativo para as cordas que lhe apertavam os pulsos.

— Não regateis comigo, miserável, sórdido e bárbaro implorador da caridade pública! Vil auxiliado pela misericórdia do povaréu... Retira essa maldição e quanto antes! Vamos... Que é que há?

A voz do poeta ficou ainda mais calma serena:



Mas que seria do poeta se não devolvesse o filho desaparecido ao grão-vizir? E onde encontrá-lo?

— Grande e poderoso Jawan, gigante dos mares e das montanhas, poderoso e varonil... Mais parece que não me consegues compreender e isso é triste! Qualquer maldição tem que ser retirada espontaneamente. Essa é a lei das maldições... A maldição sai do coração, não da boca... Da boca, só as palavras...

— Queres então dizer, ignara criatura, que se te obrigo, à força, não retiras a maldição com sinceridade, pois não é?

Jamais a voz do poeta foi tão remançosa e sutil:

— Mas se me ofereceis dinheiro... então sim, retiro a maldição espontaneamente! disse, es-

boçando um sorriso e esfregando as mãos de vagarinho...

— Mas... Alá te escutaria, se recebesses dinheiro, vil metal, «grana»?

— Acaso não se dão contribuições às igrejas e mesquitas, grã senhor? Sabeis disso ou queres que te dê explicações mais minuciosas? Hein?

— Tens razão, cretino! rematou Jawan sumamente impressionado e voltando-se para um fâmulos a quem ordenou que entregasse ao poeta uma reluzente moeda de ouro, tão reluzente que chegava a ferir os olhos...

(Continua na página 44)

Sua filha Marsinah estava enamorada do califa jovem e simpático. E o pai corria risco de vida...



CASA BANCÁRIA AGRÍCOLA DA ALTA MOGIANA LTDA.

UM ESTABELECIMENTO QUE HONRA UMA CIDADE



Na sua mesa de trabalho aparece o sr. Alamiro Velludo Salvador, diretor-superintendente da Casa Bancária Agrícola da Alta Mogiana. Na foto abaixo, vista parcial da sede da CASA BANCÁRIA AGRÍCOLA DA ALTA MOGIANA LTDA. — Um estabelecimento a serviço de uma região.



RIBEIRÃO PRÊTO, que ora comemora o seu primeiro centenário, é servida por excelente rede bancária, contando-se entre estes estabelecimentos (16) a Agência do Banco do Brasil e a da Caixa Econômica Estadual e ainda a conceituada **Casa Bancária Agrícola da Alta Mogiana Ltda.**, sita à rua Amador Bueno 395. Seu capital social é de Cr\$ 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil cruzeiros) e tendo como sócios e diretores os srs. dr. Luiz Junqueira Lobato, Joaquim Victor Junqueira Arantes e Alamiro Velludo Salvador, sendo este último diretor-superintendente.

◆ BALANÇO

A **Casa Bancária Agrícola da Alta Mogiana Ltda.**, sucessora da Casa Bancária Caldas Freire & Cia. Ltda., do Rio de Janeiro, realizou seu primeiro balanço em 28-3-56, nesta ocasião o volume total de depósitos ia, em números redondos, à cifra de seis milhões de cruzeiros. Atualmente, ou seja, decorridos apenas três meses, subiram estes depósitos para quinze milhões de cruzeiros, aumentos estes que superaram as próprias expectativas.

◆ FALA O DIRETOR-SUPERINTENDENTE

Em palestra com a reportagem, disse o sr. Alamiro Velludo Salvador: «Temos um programa de expansão que é o de criar um estabelecimento à altura da região, operando de maneira sólida e idônea, maneira única de servir com eficiência a cidade e ao Estado. E' assim que entendemos um banco. Aliás, esperamos para breve sua transformação em banco. Um banco local ou regional, movimentando somente capitais locais, contribui de maneira decisiva para o progresso não só da cidade como também das regiões circunvizinhas». Nossa reportagem palestrou ainda por longo tempo com o sr. Alamiro Velludo Salvador, podendo observar o espírito dinâmico e empreendedor do atual diretor-superintendente da Casa Bancária Agrícola da Alta Mogiana Ltda.

BANDEIRANTES DO CÉU

HÉLIO ABREU

♦ Eu vou contar para você, leitor, a história de um moço paulista. A breve história de Pedro, soldado do general Segadas, combatente do 6º R.I. na memorável campanha da Itália. Ele nasceu aqui mesmo. O ano foi 1924 e não havia garoa para ofuscar o brilho do sol. Seu pai, um operário têxtil; sua mãe, de profissão costureira. Como todo menino brincou, foi à escola, pedalou bicicleta e jogou futebol. Aos 16 anos namorou pela primeira vez. Namôro tímido, amor primeiro. Depois, o emprêgo na fábrica, depois o verde-oliva do Exército, a cidade de Caçapava, o navio-transporte, a terra estrangeira e o alemão pela frente. A tropa paulista foi a primeira a receber o batismo de fogo. De Camaiore em diante o sangue dos heróis se misturou com a lama, tingiu de vermelho a neve e regou de verde-amarelo os campos de batalha. A mocidade de Piratininga avançava sempre. O rugir dos canhões, o matraquear da metralha e a fuzilaria sem fim faziam valer seu preço no sangue da meninada de São Paulo. A morte estava em toda a parte, de braços escancarados tirando daquele inferno para levar aos céus estes novos e gloriosos bandeirantes modernos. E foi em Abetia que a bala inimiga teve o seu encontro com Pedro da Silva Martins. Tudo se passou com a rapidez de um raio: Uma curva de estrada, a emboscada e o tiro na espinha. Quando isso aconteceu brilhava no firmamento a límpida lua italiana, a

guerra estava quase a terminar e era o aniversário de Pedro. Sim, quando isso aconteceu era o aniversário de Pedro, leitor.

Quando o soldado foi socorrido, era tarde. O sol morria distante. Os médicos salvaram-lhe a vida para que vivesse aleijado. E Pedro nunca mais andou. No Rio, o hospital do Exército deu-lhe o que podia. Deu-lhe médicos, plasma, três operações mas não lhe deu vida nas pernas. Da moça paulista que foi sua amada, nunca mais soube. Pedaco de gente, sombra do rapagão que fôra, não quis procurá-la em tanta miséria. Faz pouco tempo, leitor, que conheci Pedro. A cadeira de rodas não lhe dá um aspecto agradável. Apesar disso é altivo e não quer, repele mesmo, que se lhe tenha pena. Não é garganta. Não conta bravatas. De seus feitos de guerra relata apenas, modestamente, o episódio daquela noite em que a bala germânica arrebatou-lhe a espinha e a alma. Prometi-lhe esta crônica. Confesso, leitor, ser o meu único desejo que essa moça paulista que tanto amor soube inspirar ao pracinha do 6º R.I. ponha os olhos neste «flash» e descubra que o seu amado vive. Que não lhe enxergue a atrofia, que o ame ainda e que tenha conhecimento da história do homem que também usava cadeira de rodas e mesmo assim chegou a dirigir a maior nação do mundo: Franklin Delano Roosevelt.



★ NOIVADO — A moça da foto é a srta. Edda Araújo, filha do deputado matogrossense Heronides Araújo e de sua esposa d. Itala Araújo. A filha do deputado acaba de contratar casamento com o sr. Mário Salem, da melhor sociedade paulista.

♦ JANIO NA TERRA. A chegada do governador Jânio Quadros fez com que se movimentasse o caldeirão político de São Paulo. O chefe do executivo paulista, que engordara dez quilos, já os está perdendo, de tanto atender aos «amigos» que lhe vão dar boas vindas. Jânio chegou risonho, otimista e realista. Falou à imprensa sobre tudo que fez e o que lhe foi dado ver. O governador, positivamente, lucrou com a viagem no to-

cante à saúde e trouxe também novas perspectivas para a indústria de Piratininga.

♦ DAGOBERTO INVESTIGA. O deputado Dagoberto Sales (faixa preta no judo e realizador do sistema elétrico do Parapanema) está se saindo muito bem na comissão que lhe deram de investigar ao caso do tório-monazítica e outros minerais estratégicos. O referido parlamentar é um dos bons valores da política paulista e também fortíssimo candidato à Prefeitura da capital.

♦ ARMADILHA. Corre nos círculos garcezistas a notícia (a fonte é excelente) de que certos elementos pertencentes ao governo federal aliaram-se a outros não menos fortes políticos do Estado para fazer «enterrar» as pretensões (sejam quais forem) dos pessedistas paulistas junto ao presidente Kubitschek. Consta mesmo que vários inquéritos surgirão, naturalmente sob encomenda, para «sujar» a todos que tiverem a «ousadia e a petulância» de desejar colaborar de forma mais estreita com o atual presidente. Com isso visam os referidos «lobos» impedir concorrências nas preferências de J.K.

♦ CAFÉ (rubiácea). A carta aberta dirigida pelo sr. Olavo Ferraz ao presidente Kubitschek vem dando o que falar. Com efeito o problema nela abordado, o caso dos cafés finos, tem provocado grandes controvérsias em São Paulo. Para uns o problema é bem diferente da maneira pela qual o encara o governo. Para outros a coisa não passa de pura exploração de pessoas interessadas em «picaretear» os cafeicultores.

♦ INTELIGENTE. A propósito do recente discurso do deputado Luciano Nogueira, disse o sr. Cirilo Júnior: «É

verdade. Este Luciano é mesmo um bicho, é um grande deputado. Quando crescer vai ser bem inteligente».

♦ ELOGIO. Todos aqueles que conhecem o general Porfírio da Paz (incluindo-se aí seus adversários políticos) são unânimes em elogiar a sua conduta à frente do executivo paulista durante a ausência do governador Jânio Quadros. O general, efetivamente, teve uma atuação comedida e não intetrompeu (nem comprometeu) o programa de governo de J. Quadros.

♦ VOLTA BUENO. O sr. Antônio Silvio da Cunha Bueno (pessedista rebelde) já acertou seu relógio com o PSD. Dizem que o conhecido político estará em breve

(novamente) nas hostes do partido de Juscelino.

♦ LAFER MINISTRO. É quase certa a saída do sr. Macedo Soares do Ministério do Exterior. Se isto se der, para o seu lugar irá o deputado Horácio Lafer. O assunto já foi levado a J.K. que o vê com simpatia, uma vez que não seja dele, Juscelino, a iniciativa de alijar Macedo Soares do Ministério.

♦ MAJOR AGRICULTOR. O presidente do PTB paulista, major Newton Santos, é um dos autores de arrojado (e também oportuno) plano de abastecimento. O PTB vem tratando do assunto com muito interesse.

(Continua na pág. 41)



★ BANQUEIRO E J.K. — Na foto aparecem o Presidente Kubitschek e o banqueiro paulista Arnaldo D'Avila Florence. Foi este último quem lançou, em 1951, a candidatura de Juscelino a Presidência.

GENTLEMAN E CAMPEÃO DE TIRO

Alguns dados sôbre o sr. Augusto Graci, conhecido homem de negócios e desportista

NO momento em que Ribeirão Preto comemora o seu 1º Centenário, justo se torna focalizar suas figuras mais importantes no terreno da economia e das finanças, bem como seus políticos e mais ilustres habitantes. Entre êstes últimos conta-se o senhor Augusto Graci, conhecido desportista e industrial. O sr. Augusto Graci é o campeão de tiro de Ribeirão Preto (tiro olímpico) e um dos mais destacados remadores do REGATA RIO PARDO. Casado com a exma. sra. Maria de Lourdes Azevedo Graci, tendo o casal três filhos que são Rose Helena, de oito anos, Ana Lucília, com seis anos e Otto, com cinco.

♦ **AS PEDREIRAS GRACI** — Proprietário das Pedreiras Graci, firma que fornece a totalidade do material empregado no calçamento de Ribeirão Preto (pedra e seus derivados) que, diga-se de passagem é uma das mais bem calçadas cidades do país, é o sr. Augusto Graci um dos maiores entusiastas do progresso da região. As pedreiras foram por êle her-

dadas de seu pai que, felizmente ainda vive e que não perdeu o antigo hábito de visitar diariamente o lugar onde se localizam as pedreiras. O sr. Isaias Graci, apesar de seus 79 anos percorre de bicicleta uma distância superior a três quilômetros, todos os dias, pela manhã e à tarde.

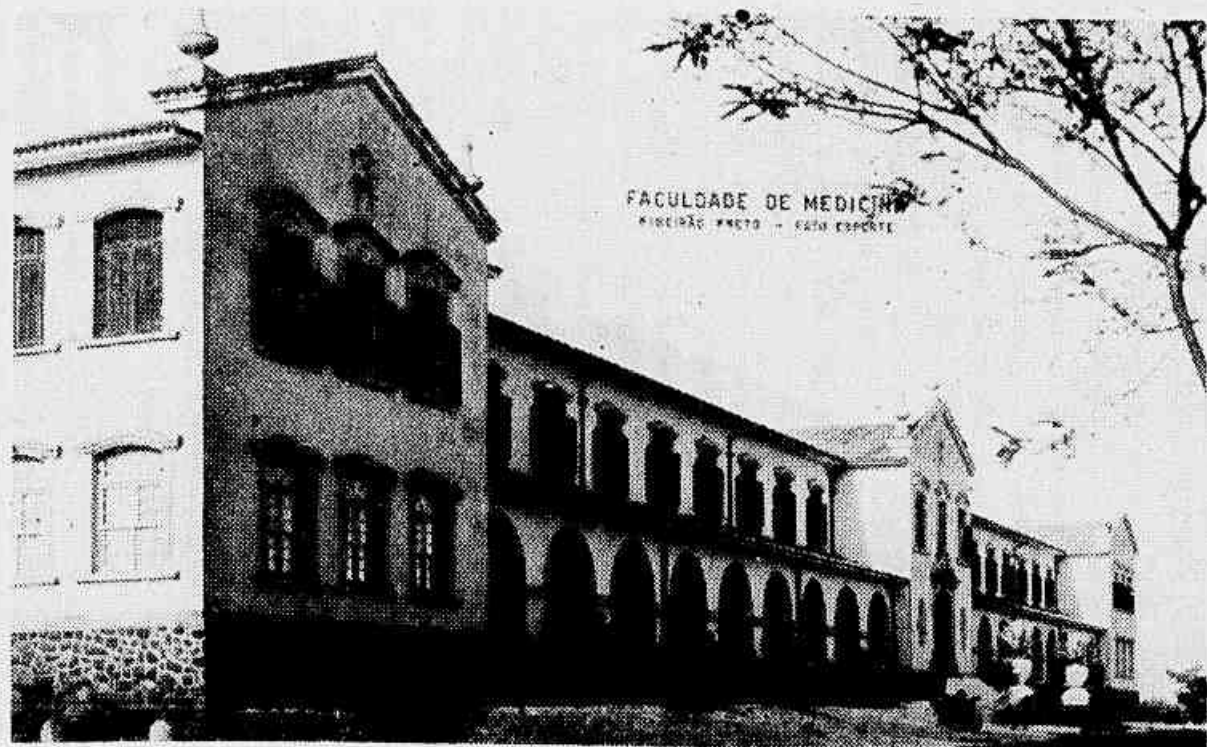
♦ **COLECCIONADOR** — O sr. Augusto Graci detém uma coleção de armas considerada uma das melhores do país, constando da referida coleção uma magnífica SULTCHEN-LARSEM, calibre 22. Aliás, no Brasil existem poucas armas dêste tipo. Desportista insigne, o sr. Augusto Graci não limita suas atividades apenas no terreno do tiro olímpico e da regata, sendo ainda defensor das côres da Sociedade Recreativa Ribeirão Preto. E' pois com prazer que levamos aos nossos leitores um pouco da vida de um dos mais destacados membros da comunidade progressista e hospitaleira que é Ribeirão Preto.



O desportista Augusto Graci mostra a um amigo o funcionamento de uma de suas armas. Graci possui uma das melhores coleções de armas do país.



A família reunida em torno do sr. Augusto Graci. De pé vê-se sua exma. esposa, senhora Maria de Lourdes Azevedo Graci e seus filhos Rosi Helena, Ana Lucília e Otto.



A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, está instalada na fazenda Monte Alegre, outrora propriedade do «rei do café» coronel Francisco Schmidt. Esse é o corpo central do modelar estabelecimento, onde se encontram não somente material moderníssimo como também professores altamente competentes.

FLASH PAULISTA

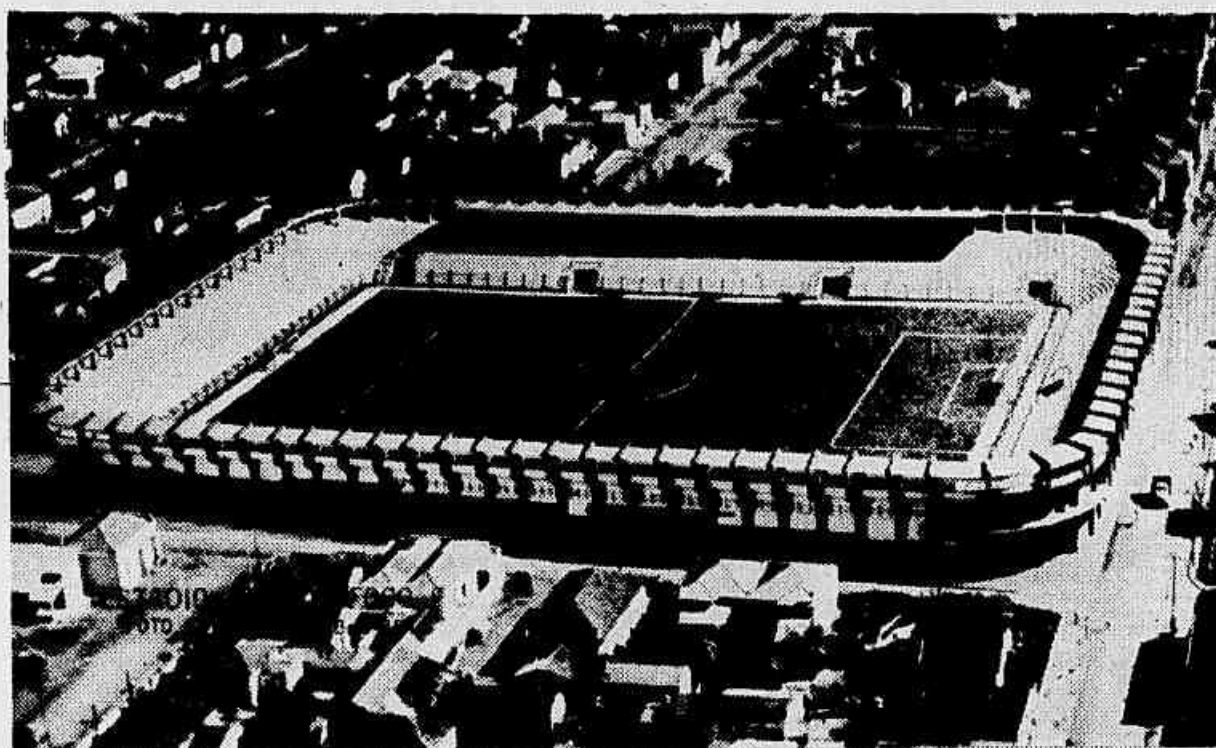
(Cont. da pág. 39)

◆ **FAB.** Impressionou muito bem o gesto do Ministro Fleiuss mandando aviões da FAB ao Paraná com a missão de levantar áreas e realizar estudos do interesse da agricultura. Diversas associações de classe estão telegrafando a S. Ex.^a em agradecimento à sua atenção.

◆ **VIAJANTES.** Da Alemanha chegaram dois engenheiros da Mercedes-Benz, srs. Fritz Cochen e Von Knopp Schwartz. Espera-se para breve o primeiro motor

brasileiro fabricado pela afamada marca germânica.

◆ **RIBEIRÃO PRETO.** Ainda repercute agradavelmente em todo o território paulista e até fora de S. Paulo o eco das comemorações do centenário do grande centro de civilização e trabalho que é Ribeirão Preto. Ao lado dos festejos de caráter cívico e religioso, constituiu acontecimento marcante a presença do Presidente da República e seu discurso amplamente debatido.



Um dos índices do alto progresso de Ribeirão Preto é a grande praça de esportes «Luís Pereira» no bairro da Vila Tibério e sede do Botafogo F.C.



O ABRAÇO do deputado e sorriso de d. Amélia. Ao lado o filho da ilustre dama paulista.

D. AMÉLIA JUNQUEIRA

Uma vida, uma legenda

◆ Não há neste imenso Brasil quem não conheça a sra. Amélia Junqueira, dama paulista da melhor linhagem e alta espírito filantrópico. D. Amélia Junqueira tem seu ilustre nome ligado a todas as boas iniciativas, principalmente àquelas de caridade cristã. Apesar de sua idade — ela está vencendo galhardamente a batalha do tempo — d. Amélia Junqueira é uma mulher dinâmica e empreendedora. Sua bem cuidada Fazenda Santa Amélia, sita em Ribeirão Preto, é uma das mais famosas do Estado de São Paulo, possuindo cafés da melhor qualidade entre eles figurando de 3 para 4 anos (mercado novo) em terras roxas e apuradas. Possui ainda cafezais de (100 mil pés) de 2 a 9 anos e cerca de 50 mil pés de 12 para 30 anos de idade. D. Amélia Junqueira, cujo nome é uma legenda, muito contribuiu para o brilhantismo das festividades do 1º Centenário de Ribeirão Preto.



VISTA PARCIAL de um dos cafezais da «Fazenda Santa Amélia», em Ribeirão Preto. Ali se produz o melhor café paulista.

Máquinas de Costura para fins Industriais

Casa especializada em Máquinas de Costura de Indústria para Malharia, Sacaria e Calçados
Reforma, conserta, compra e vende

OVERLOOK

ROIAL

PREÇOS ESPECIAIS A REVENDEDORES
FAÇA-NOS UMA VISITA SEM COMPROMISSO

Proprietária: DONA ROSA TURCCI VEIGA

RUA BARÃO DE LADARIO, 506

Pegado à Esquina da Rua Oriente — SÃO PAULO



Três bonitas alunas da Academia de Acordeon Mascarenhas de Ribeirão Preto. A arte começa cedo.

ACADEMIA DE ACORDEON MASCARENHAS

SOB a direção da professora Lille Reis, que há mais de 20 anos leciona, existe em Ribeirão Preto a **Academia de Acordeon Mascarenhas**, instituição das mais famosas e conceituadas do país. A professora Lille Reis é diplomada pelo Instituto Nacional de Música da Universidade do Brasil, como professora de piano. Coursou, com grande brilhantismo a Academia Mascarenhas do Rio de Janeiro, tendo mesmo participado do maior concerto mundial de acordeons, ou seja o que foi realizado no Teatro Municipal do Distrito Federal e no qual tomaram parte cerca de mil figuras.

♦ **OUTROS CURSOS** — Sob a direção da professora Lille Reis funcionam ainda cursos de declamação e violão (este último tendo como professor o senhor Orvides Simões). No momento em que a sra. Lille Reis recebeu nossa reportagem achavam-se presentes os seguintes alunos: Pedro Paulo Carvalho, Léa Asséd, Dorinha Guintini, Maria de Lourdes Baruff, Sônia Vera Rizzi, Zilda Colucci Machado, Ana Maria Vallada, Célia Regina Consone Olivito e muitas outras.

E' pois com satisfação que registamos aos leitores de todo o Brasil a excelência desta consagrada casa de arte que é, sem sombra de dúvida, a Academia de Acordeon Mascarenhas, de Ribeirão Preto, cidade que acaba de comemorar o seu primeiro e triunfal centenário.



A professora Lille Reis posa para o nosso fotógrafo tendo a seu lado a aluna Dorinha Guintini.



A professora Lille Reis, diretora da Academia, retribui o doce sorriso da menina-aluna.

A "REVISTA" HA 50 ANOS

29 de julho de 1906

CARTAS DE UM TABAREO

Rio, 4 de julho de 1906.

◆ Querido Compadre

Há certos assumptos que bem podiam ser comparados a muitas grandes arvores, á sombra das quaes fenecem os pequenos arbus-tos; aquelles absorvem os demais. Com o Congresso Pan Americano dá-se o phenomeno. Quem será capaz de desviar a attenção pu-blica desse acontecimento? Que Chronista de bastante topete pa-ra se não referir a elle? Entretanto, uma penca de outros assumptos, qual mais interessante, attrahe a nossa attenção; mas não consegui-mos, por maiores esforços que fa-çamos, desviar-nos do tal Pan, transformado neste caso em Pan demonio, seductor, absorvente. Va-mos entretanto ver se conseguimos alguma cousa fora do tal Congres-so... Qual! não é possível! Elle ahí está a desafiar-nos, a pedir-nos que digamos que fora ficaram, no dia da installação, muitos persona-gens que deveriam ter sido convi-dados e que o não foram, devido ao nosso systema de nada fazer-mos com methodo e ordem, deixan-do tudo ao Deus dará... Nem o em-baixador norte-americano, o sym-pathico sr. Griscom, nem esse, es-pecie de padrinho do Pan, nem es-se, consta-me, foi convidado! Dei-xemos o Congresso.

Grande é a quantidade de as-sumptos que se impõem á inser-ção nesta carta. Como, porém, tra-tal-os, estando aberto o Pan? Quem se lembra mais da revolução em Matto-Grosso; quem falla em ter sido approved pela Camara o convenio de Taubaté? Em qualquer occasião a dissolução da Duma russa seria um assumpto de alto lá com elle. Hoje, porem, quem quer saber que desapareceu mais um caixote do Thezouro; que tem havido diversos incendios, alguns bem interessantes por signal; um contrabando de baralhos... e que morreu o rabino de Jerusalem?... Nada, tudo agora é Pan; e quando se souber que para a sessão inau-gural, os deputados, o sr. Arcebis-po, o embaixador e muita gente grauda, foram comparados ao po-bre Tabareo, isto é que é sorte, seo compadre...

Adeus. Teu BERMUDES.

A CHEGADA DO SR. DR. JOAQUIM NABUCO

Após dilatada ausencia, em afa-nosos trabalhos em prol da Patria, chegou a 17 do cadente a esta ca-pital, acolhido por imponente mani-festação de sympathia popular, o sr. dr. Joaquim Nabuco, o antigo paladino do abolicionismo, e cujo vulto tanto destaque alcançou no estrangeiro representando o gover-no brasileiro. Era uma homenagem ao campeão dos nossos direitos á vasta zona da Guyana brasileira, e ao diplomata que na grande União Americana tanto se tem sa-lientado pelo talento robusto que possui. Deve ter sido grata ao sr. dr. Joaquim Nabuco a recepção que aqui teve, quando de novo pi-sava terra patria.



Viagens "sob medida"...

para maior satisfação dos passageiros!

Constituindo um dos pontos que contribuem para que os benefícios de uma viagem aérea sejam inteiramente desfrutados pelo viajante, o Serviço de Reservas de lugares da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS está confiado a experientes e dedicados funcionários que tudo fazem para apresentar a cada passageiro um roteiro de viagem que corresponda plenamente à sua preferência. Selecionando horários, indicando conexões que poderão ser realizadas em cada escala, sugerindo o regresso por um novo trecho para que o viajante melhor aproveite recreativa ou comercialmente a viagem, e esclarecendo-o em tudo que se relacione ao seu conforto durante o percurso, são informações prestadas prazerosamente pela Seção de Reservas da NACIONAL, concorrendo para que os seus passageiros, ao desembarcarem, repitam a exclamação: «Fixemos uma ótima viagem... uma viagem «sob medida»!

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôlo Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

LIVRO DOS PROBLEMAS
DA ATUALIDADE

TRÊS ENSAIOS

MOACYR MANCIO
DE TOLEDO

O livro contém: A Socialização do Problema Sexual no Brasil. A Regulamentação do Jogo. As leis da Natureza e o Divórcio.

A VENDA A:

Praça da Sé, 247, sala 235
Fone: 36-6294 — São Paulo

Preço: Cr\$ 100,00

(pedidos pelo reembolso postal)

LEIAM

EU SEI TUDO

CR\$ 10,00

Esporte Ilustrado

TÓDAS AS QUARTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

APARTAMENTO EM PETRÓPOLIS

BEM NO CENTRO DA CIDADE! DE FRENTE, 5º ANDAR.

VENDO, ÓTIMO, 3 QUARTOS, SALA E DEPENDÊNCIAS

Cr\$ 830.000,00.

FACILITO METADE EM 12 MESES. ÓTIMO NEGÓCIO

ESCREVER À CAIXA 3441 — RIO, OU FONE 27-8573.

CHÃO DE TERRA PRETA

(Continuação da página 51)

conto e muito quase dois. A do fazendeiro saiu inteirinha, e a do roceiro Macuco, descontadas todas as despesas, deu-lhe para salvar um jornal de cinco mil e quinhentos — não se contando o auxílio da mulher — com sobra de setenta e cinco mil réis.

O fuma produzido com abundância de compensar, mas o trabalhador ficou na mesma. A meação só lhe deu para viver um ano, com jornal um pouquinho melhor que jornal de enxadeiro... Está certo. A mulher e as crianças ficaram doentes, a família teve de comer e o dinheiro ganhou num ano subverteu-se.

O fazendeiro não explorou trabalho de ninguém, com maldade ou com imposição, fez negócio limpo e tratado. Não lhe cabia culpa pelo sucedido; tanto que, vendo o meiro desapontado, sem lucro no bolso e pior de miséria, ficou com dó e lhe deu uns cem mil réis, do seu bolso.

— Mas olhe que este dinheirinho que estou te dando não tem nada com o trato da meação. Trato é trato.

O roceiro Macuco recebeu o dinheiro, com os olhos no chão, sem dizer palavra; por fim, levantou a cabeça e disse:

— E, agora, o que é que eu hei-de-fazer?

— Pois, uai! você continua aí, vai trabalhando de jornal: cinco mil réis a seco. E já pode pegar, amanhã, na corta do fuma, para a soca.

— Pois é, amanhã eu pego.

O trabalhador não disse nada a ninguém, nem permitiu que ninguém lhe dissesse nada. De tarde, foi à bica, amolou a foice e, no outro dia cedo, principiou a cortar as hastes desfolhadas do fuma colhido. O fuma velho, podado em agosto, torna a se enfolhar, de boa soca e serve bem o que dá...

A poda se faz conservando cada pé na altura de três quartos, mais ou menos. A princípio, o roceiro não cortava na medida certa, depois, pegou a toada e a foice ia e vinha, cortando as plantas na mesma altura. O homem, sem se interromper, avançava para a frente, para a direita, para a esquerda, golpeando com braçadas largas. Olhando de longe, parecia um possesso, de foice em punho, matando a torto e a direito. Dir-se-ia que o lavrador enfurecido se vingava da planta. Mas o roceiro Macuco não era homem para destruir os frutos da terra, ele reconstruía a sua obra de lavrador...

Acabou-se a poda. Quanto a última vara caiu, o roceiro parou na orla do campo arrasado, cruzou os braços e, apoiando-se no chão da foice, ficou matutando e contemplando.

A sua frente estende-se o chão preto, a terra limpa, seca, ouriçada: nem um fiapo de capim, nem um olho de bróto espiando; cada pé de fumo podado virou um estrepe agudo. Mas as raízes estão vivas no fundo da terra, esperando que voltem as chuvas criadeiras do tempo das brotas; então, tudo vai outra vez nascer e verdejar, crescer e ocupar a terra érra. A soca vai cumprir a promessa do roceiro Macuco...

De repente a tarde entristeceu.

Pelos ouvidos do roceiro passa zunindo o vento que vem trazendo de longe uma nuvem cor de chumbo. Macuco levanta a cabeça e acompanha com a vista a nuvem escura que vai lenta pelos ares...

A ventania invade os matos, balança os pinheiros duros, fustiga desde a graminha até a perobeira que sobe céu acima, enche o espaço e vai levando, para mostrar mais adiante, a todos os trabalhadores da terra, a nuvem escura cor de chumbo, que prenuncia o tempo fecundo das águas.

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

(Continuação da página 37)

Antes de aceitá-la, o poeta lançou um olhar desdenhoso para o vil metal, por ser pouco, e exclamou com incontido espírito de revolta:

— Em nada mais além dessa miserável moeda avalia teu precioso filho, meu amado patrãozinho?

— Cuidado, amigo, porque se me fazes esgotar a paciência... não sei não! gritou Jawan, o colérico.

— Se for esgotada a tua paciência, jamais haverá esperança de salvar teu filho, declarou o poeta em belo estilo, e em tom cantante.

Aproveitando uma confusão momentânea do bandoleiro, o poetazinho prosseguiu:

— Repara que já a morte começou a roer as tuas entranhas, infeliz! De que te servirá todo o ouro do mundo quando sucumbires por fim?

(E o poeta ainda ignorava a lenda do rei Midas...)

— Tens uma lábia por demais astuta, homem dos demos, disse Jawan. E voltando-se para o criado:

— Dá-lhe outra... Dá-lhe duas... Dá-lhe de uma vez... dez moedas de ouro!

— Não! exclamou o poeta. Por dez, nada feito e a maldiçozinha continua firme. Comigo é assim, nada aquém de cem! Cem moedazinhas de ouro... Serve assim? Acaso não te estou oferecendo a felicidade de voltares a ver teu estremecido filho, além de uma poltrona de molas, confortável e macia, no auditório do Paraíso? Hein? E em quanto avalias tu uma bênção eterna? Baratinha, apesar das cem moedas...

Jawan quedou-se pensativo e estático, enquanto se distraía atirando ao ar as moedas sobre a mesa.

— E encontrarei meu filho hoje mesmo? perguntou.

— Hoje mesmo? Qual! Dentro de uma hora, te garanto, Jawan camarada!

Jawan pôs-se de pé e ordenou que lhe preparassem a melhor montaria. Contra todos os protestos de seus sequazes, anunciou que iria a Bagdad em busca de seu idolatrado filho. Em vão seus cupinchas lhe fizeram ver que se o chefe de polícia o descobrisse, seria degolado sem tardança.

Uma vez sobre a montaria, Jawan voltou-se para o poeta e lá do alto bradou:

— Que tua palavra se cumpra, mendigo Hajj! E apertando as esporas, partiu bruscamente, perdendo-se em pouco numa nuvem de pó.

O poeta sorriu com satisfação e acariciando as moedas de ouro que já estavam em suas mãos, falou em verso — ou não fosse arranjador de rimas! — nestes termos:

O destino joga com o homem

E mistura o mal com o bem, quando o deseja...

Só eu já hoje posso ver o sol

Cara a cara, sem precisar fugir

Posso comer... beber... o que quiser, comprar

E tranqüilo, em uma cama macia, adormecer

Posso a quem me ama, fazer feliz

Porque o destino hoje chamou por mim

E generoso deu-me o seu amor, enfim...

Enquanto Jawan galopava, ao longe, estrada fora, o poeta adormecia tranqüilo, depois de uma lauta ceia regada a bom vinho, generoso e espumante...

(Continua no próximo número)

MÚSICA

BOLIVAR COSTA



O SOPRANO GLORIA DAVY

◆ Finalmente o público carioca teve oportunidade de conhecer de perto a jovem, mas já famosa cantora norte-americana Gloria Davy. A aluna da conhecida «Julliard School of Music» de Nova York revelou-se a notável cantora de câmara que é, por volta de 1953, quando deu recitais nos principais centros artísticos dos Estados Unidos, tendo sido merecedora do prêmio «Marian Anderson». Posteriormente dedicou-se à interpretação da música negra, notadamente de «Negro Spirituals» e da ópera «Porgy and Bess», em cuja figura central obteve calorosos sucessos em Paris, Roma, Milão, e em muitos outros grandes centros musicais da Europa e da América do Norte.

Mas depois de participar do Festival de Música Contemporânea em Veneza no ano de 1954, Gloria Davy retornou à música de câmara, e hoje possui um vasto repertório, constituído principalmente de «lieder», canções clássicas italianas, francesas e inglesas, melodias de autores contemporâneos e canções do folclore negro americano.

Foi o que demonstrou aqui, no Teatro Municipal, em recital patrocinado pela ABC-PRO ARTE. Iniciou magnificamente com canções de Purcell e Rossini, salientando com idêntica intensidade a profundidade quase mística de um e o brilho incandescente do outro. Mas até esta parte não conseguiu causar sobre a plateia a impressão que se esperava. O público aplaudiu com reservas. Entretanto, um Hugo Wolfe e, especialmente um Schumann são autores que sempre servem de ponto de referência para qualquer público aquilatar o valor de um intérprete. «Lebe Wohl» do primeiro e «Widmung» do segundo tiveram de ser bisados no meio do programa!

Cinco canções de Debussy evidenciaram outras tantas qualidades vocais de Gloria Davy, que tão bem soube expressar aquela «charme» de doce maleabilidade inerente ao estilo impressionista. Merece menção especial «Récit et Air de Lia», canção das mais belas do cabedal «debussiano» e que recebeu uma magnífica interpretação.

No último grupo do programa, exclusivamente constituído de composições de autores contemporâneos, ouvimos Gloria Davy em seu plano mais autêntico, em canções de Barber, Camargo Guarnieri e George Gershwin. Naturalmente que aqui predominou o fator instintivo, ou melhor, a pendência vocal para a expressão dos valores musicais de cruzamento, como dizem os musicólogos. Gloria Davy foi entusiasticamente aplaudida nesta parte final do programa, e cantou cinco números extras.

DISCOS

◆ SONATA N° 29 EM SIBEMOL MAIOR, OPUS 106 «HAMMERKLAVIER» E SONATA N° 30 EM MI MAIOR, OPUS 109 — de Beethoven — com o pianista húngaro István Nádas. O termo «hammerklavier» dado por Beethoven ao conjunto de suas três grandes sonatas (opus 101, 106 e 110) não possui um sentido especial a não ser quando distingue a Sonata opus 106 mais por essa denominação do que pela clave ou pela nomenclatura. Composta entre os anos de 1818 e 1819 e dedicada ao Arquiduque Rudolf, a Sonata N° 29 exprime os sofrimentos de uma das fases mais negras da vida do gênio de Bonn — a progressão implacável da surdez. O sentido geral da obra reside num acentuado pessimismo, que parece se transformar em angústia na brandura inquietante do terceiro movimento. Diferentemente do que ocorre com quase todas as obras de Beethoven, esta sonata foge à constante da dramaticidade que caracteriza o autor para se impor como um verdadeiro acidente filosófico de auto-análise. Já a Sonata N° 30, muito embora possua uma forma mais livre e uma técnica que lembra a construção impressionista, não repete a densidade da anterior. A interpretação de István Nádas é de excelente qualidade, podendo mesmo comparar-se às mais perfeitas devidas aos proclamados grandes executantes do famoso ciclo «beethoveniano». A prensagem deste LP de 12 polegadas é de absoluta perfeição técnica. E a duração da gravação, fora do comum (59 minutos!) CLP — 12012 (COPACABANA).

UM NOVO

tratamento

eficaz e rápido
complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e metionina
Caixas com 3 amp - 2cc.



INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
Esc: Rua Santa Luzia 799-13º - fone 220902 - Lab. Alam. São Boaventura 1087-Niterói

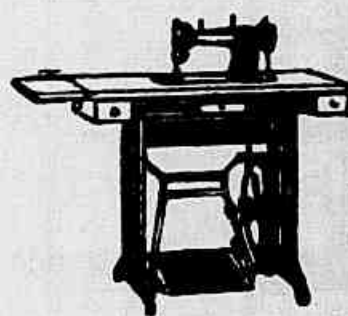
MAQUINAS DE COSTURA EM GERAL

Importações diretas de várias procedências

Motores, Móveis e Acessórios em geral

VENDAS A VISTA E A PRAZO

ATACADO E VAREJO



CASA MOACYR

MOACIR LINDOSO

NOSSO LEMA: VENDER BARATO PARA VENDER BASTANTE

RUA ORIENTE, 267 — FONE: 9-9810 — SÃO PAULO

Representantes exclusivos das máquinas de costura CLIMAX no Brasil.

Aceitam-se representantes para todo o país.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8968

End. Electr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



MARTINE CAROL observou, com evidente interesse, os primitivos instrumentos musicais utilizados no morro. Em determinado instante, chegou mesmo a empunhar um chocalho, passando a agitá-lo, desajeitadamente, às vistas do escritor Aníbal Machado, um dos presentes à festa improvisada.

MARTINE CAROL, CHRIS-

TIAN JACQUE, DIPLOMA-

TAS E INTELECTUAIS FO-

R A M SURPREENDER O

SAMBA EM PLENO BERÇO

NA mesma noite em que desembarcou no Rio de Janeiro, Martine Carol, famosa estrêla do cinema francês que há pouco nos visitou, compareceu a uma batucada, na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, na Tijuca. Trazendo no rosto ainda as marcas da fatigante viagem aérea, Martine acompanhou, cheia de interesse, os cantos e as danças das cabrochas e dos sambistas cariocas, chegando inclusive a ensaiar uns tímidos passos de samba, sob aplausos gerais. Foi pena que, atraída pela presença de Martine, uma imensa multidão tenha comparecido ao morro do Salgueiro, multidão em que se via de tudo, do curioso ao intelectual, passando pelo diplomata e pelo estudante. Tanta era a gente presente, que não foi possível efetuar o ensaio na sede da Escola, e sim num largo terreiro, que pareceu pequeno para a ocasião. Talvez por isso nem tudo tenha corrido às maravilhas, notando-se os atropelos e a desorganização — de resto bem brasileiros — decorrentes da improvisação com que foi realizado o ensaio. Culpa aliás não cabe à Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, que, avisada com apenas vinte e quatro horas de antecedência, não podia ter feito melhor do que fez. De qualquer modo, Martine Carol viu o samba, subiu ao morro, provou até um pequenino cálice de parati, que achou, com toda razão, «três, três fort»...

CAROLINE SU



BIU O MORRO



QUATRO TEMPOS de Caroline, no morro do Salgueiro: à esquerda, admirada, acompanha as evoluções das cabrochas; acima, quando subia a íngreme rampa que leva à Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, acompanhada



O ENSAIO estava marcado para as nove horas, mas só começou às dez, com a chegada de Martine e de sua longa comitiva. Como acontece em ocasiões semelhantes, o morro ficou cheio de "estrangeiros", na proporção de dois para cada sambista... Isso não impediu, contudo, que a batucada se efetuasse, num ambiente de alegria e de cordialidade. Martine, aliás, chamou a atenção dos habitantes do morro pela sua simpatia e beleza, e quando, levada pela mão de um pretinho de seus dez anos, embarafustou pelo terreiro a dentro, numa tentativa de imitar os passos cadenciados das cabrochas do Salgueiro, uma tempestade de aplausos se levantou do morro inteiro. Seu marido, o famoso produtor e diretor cinematográfico Christian Jacque, bem menos assediado pelos curiosos, preferiu manter-se prudentemente à parte das danças e da música. Em certo instante, porém, também não resistiu, e lá se foi, com a esposa, bancar de malandro no meio do pátio... (Fotos de ALBERTO FERREIRA)



do esposo e convidados: em baixo, ao lado do marido Christian Jacque, pouco antes de aderir ao samba; à direita, afinal, quando, ao subir a uma mesa, deixava entrever algumas das qualidades artísticas que a tornaram famosa...



Chão de Terra

Conto de AMADEU DE QUEIROZ

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

(Continuação do número anterior)



noite já dava sinal, e o roceiro Macuco ainda lavrava a terra para a lavoura de meação. A mulher estava ao lado dele e batia enxada também, ajeitando a capina, ajuntando um monte num lugar, outro mais adiante. O menino e a menina trouxeram o fogo para queimar o cisco. O chão estava limpo em derredor, o

céu também estava, a fumaça branca subia das fogueiras, acompanhando a viração.

O roceiro trabalhava calado, reparando; só existia para a enxada e para o silêncio; a vida se lhe concentrava em torno, não tinha olhares distantes... Tudo quanto lhe pertencia estava a seu lado: a mulher, os filhos, o cachorro, o fogo e as galinhas ciscando adiante da sua enxada — seu lar vinha trabalhar com ele, e se espalhava pela terra da sua lavoura.

Macuco suspendia o trabalho, deixava cair, a um lado do peito, o cabo da enxada — amarelo e lustroso como cana do reino — cuspiu na palma da mão — amarela e lustrosa — e olhava o ar... Todos os homens que trabalham a terra, têm o olhar sem vida; os outros não. Uns têm olhar de espanto ou de mistério; outros de indiferença ou desengano; o trabalhador da terra tem o olhar de espera...

Quando o sol se escondia, as galinhas eram as primeiras a se recolherem ao seu mamoeiro, depois, a mulher com as crianças e o cachorro, e por último, o roceiro Macuco. Pela terra, a tarde espalhava as sombras, e os últimos ventos do inverno espalhavam a fumaça branca das fogueiras de cisco.

A mulher acendia a lamparina de querosene, às crianças lavavam os pés na gamela d'água, comias leite com farinha e iam-se deitar na mesma cama, assim como vinham da capina; o roceiro e a mulher, lavavam os pés na mesma água, bebiam uma tigela de café com rapadura e farinha e iam dormir na mesma cama, assim como vinham da terra... O cachorro pulava por cima do fogão, e ninguém ouvia o ressonar do homem nem o rosnar do cão, porque o roceiro cansado tem sono de pedra, e o cachorro magro, esfomeado, não rosna.

Dá a pouco clareava o dia; o roceiro Macuco abria a porta para a luz entrar; as galinhas desciam do mamoeiro; uma neblina rasteira cobria a terra preta da campina. O trabalhador bebia outra tigela de café com rapadura e farinha, batia a pedra, soprava na isca, acendia o cigarro, pegava na enxada e voltava para a terra. Ia sozinho, que os mais ficavam em casa — a mulher e as crianças — cada um com a sua tigela, e o cachorro com um pedaço de angu frio; as galinhas, por sua conta, procuravam o que comer.

O tempo estava firme, o sol subia, rendia o serviço do roceiro, e a mulher mexia o almôço. A menina permanecia de cócoras, ao pé da porta da cozinha, imóvel e calada, depois, se levantava, coçava a cabeça, espreguiçava e ia se acocorar mais adiante. O menino cortava um gomo de mamoeiro para fazer um pito comprido; neste meio um pássaro preto cantava no pinheiro seco, o menino tirava o pito da boca, assobiava, arremedando o passarinho, e os dois ficavam cantando juntos.

No caldeirão de ferro, desde cedinho, já se cozinhava o feijão, e a mulher punha ao lado dele a panela de barro, de fazer arroz. Mexia um pouquinho cada qual, dava uma voltinha,

atizava o fogo, espiava dentro das panelas e ia se encostar à porta do terreiro. Ficava olhando o Chico, parado no meio do terreno preto, descansando um pouco. O marido, com o chapéu de palha rasgado, enfiado na cabeça, a roupa pendurada no corpo, mal comparando, imitava um judas de espantar passarinhos de arrozal... Voltava ao fogão mexia outra vez a panela de arroz, picava as couves e ia buscar os torresmos.

Pouca panela, pouca comida, trabalho pouco — logo o almôço ficava pronto. A mulher dava mais uma voltinha, empilhava três pratos de folha, à beira do fogão, e gritava pelo Chico. E assim que o marido chegava, cada um recebia o seu prato, a sua colher, cada um ia se acocorar num canto da cozinha, e ninguém, dizia uma palavra. A mulher servia o prato seu, dela, e ficava de pé, encostada ao fogão, comendo. O cachorro, sentado sem se mexer, olhava o menino; olhava o prato da menina, depois olhava a menina; por fim, olhava só para a mulher e ficava, com os olhos compridos, esperando.

Os pratos de folha se empilhavam, de novo à beira do fogão; o roceiro Macuco puxava um tomborete, sentava-se, olhava a mulher e dizia:

— Agora, vamos descansar um pouco...

Lá fora, o João-bobo cabeçudo vinha voando com a sua companhia, pousava no mesmo galho da árvore e gritavam simultaneamente, um ao outro: «Curupiro!» «Curupiro!» «Curupiro!» Depois, se achegavam, corpo com corpo e ficavam imóveis, bem juntinhos...

O roceiro Macuco não afrouxou na labutação, nem perdeu a hora do dia, afora os domingos, que tinha de ir à vila buscar mantimentos e querosene, tudo fiado. O fazendeiro respondia pelos seus gastos, é certo, mas precisava ter sempre dinheiro para comprar uma ou outra coisa de necessidade. Então, vendia frangos, ovos, joás, pinhão, fruta e tudo quanto o fazendeiro deixava tirar do mato, sem pagar.

E foi indo nessa toada, até preparar a terra e chegar o tempo da plantação das mudas. Aí ele e a mulher não largaram mais o chão — abrindo cova e plantando, abrindo cova e plantando. Os dois ficaram tão mestres na abertura das covas, que conservavam, entre uma e outra, a distância certinha de cinco a seis palmos, o que era preciso ser feito, por via de ser a terra de boa qualidade.

O plantio pedia muito cuidado: só se aperta, na terra, a raiz e não a haste; portanto, para ajudar, eles ensinaram os filhos, e os filhos plantavam com delicadeza e perfeição, que as mãos das crianças não tinham tamanho nem força para machucar as plantas novas.

O tempo corria bem todos os dias, e assim que o campo ficou plantado, choveu uma chuva mansa, fresca, criadeira, as mudas se firmaram nas covas, as folhas se aprumaram e principiaram a crescer à vista dos olhos.

O roceiro e a mulher redobram de cuidados e de interesse, tratando com enxada a terra da plantação, removendo a areia das covas e qualquer outra coisa que pudesse prejudicar

o desenvolvimento da planta. Os filhos, continuavam aprendendo e ajudando; sabiam apertar as folhas que iam morrendo e secando, na parte inferior dos pés de fumo, e arrancar o mato com as mãos, sem ofender uma folha que fosse.

Tôda a gente pensava só no fumaal, e ninguém viu que o fumaal tomou conta da terra, cresceu, cresceu gordo, mole, viçoso: tinha pé do tamanho de um homem, tinha folha larga, de mais de gêmeo. Nem um pé falhado, nem uma folha praguejada. A terra preta, macia e boa, criava, por igual o fumo, planta que quer força de chão para vingar.

O dono da terra foi ver a lavoura, andou abaixo e acima, espiando aqui e ali; calculou, com uma olhada, o valor da colheita, gostou do que viu mas não disse nada. O roceiro Macuco, que estava junto dele, também olhava e calava. Por fim, ao voltar para a fazenda, o homem disse isto:

— Como é que vai o seu gasto, na vila?

— Vai indo, eu compro só meizinha e mantimento...

— E' isso mesmo. As coisas estão ficando ruins, a gente precisa minguar as despesas...

O fumaal começou a apendoar; as flores tinham pressa de nascer; então, marido e mulher deixavam o trabalho e se recolhiam, esperando que também os botões apontassem logo. E tôdas as manhãzinhas, voltavam juntos, a verificar se o fumaal estava abotoado, até que, um dia, encontraram os primeiros botões nascidos de madrugada. Aí, começou a capação, que é a despona que se faz para os pés se tornarem iguais, e para dar força às folhas.

O pai, a mãe, os filhos, levantavam-se ao romper do dia e iam para a despona; almoçavam e iam para despona; de noite, deitavam-se para dormir, com os dedos doloridos de tanto arrancar um botãozinho tão mole e não mimoso.

E assim, despontaram muitos mil pendões; os dias foram passando, e chegou o tempo da desolha — que é o trabalho de se tirarem os brotos que nascem entre as folhas e a haste — trabalho incessante porque o fumo brota sempre. Enquanto o brôto é novo, se quebra facilmente com os dedos, por isso as mulheres e as crianças ajudam muito; mas é preciso se desolhar com cuidado, para não maltratar as folhas.

As crianças aprenderam o serviço, e cedinho já iam para a lavoura. O fumaal mandou na casa; levou a gente do roceiro para o seio da sua folhagem; governou a bôca e a força da família; mandou em tôda a gente, e tôda a gente lhe mostrava respeito e amizade, porque não parava nem se cansava.

A mulher e o marido já não trabalhavam pensando só no ganho, no lucro prometido; a ambição deles era também a ambição do pai que quer ver os filhos criados; do criador que quer criar o seu gado; do trabalhador que deseja concluir a sua obra. Macuco percorria o fumaal, examinava pé por pé: todos eram irmãos, cresceram juntos, porque a força era igual naquela terra e tanto. E o roceiro quedava, olhan-



Preto

do o chão preto, fincava no chão o dedo grande do pé e remexia, com êle, a terra fôfa, como se fôsse um pouco fossando.

A terra, ao redor das plantas, estava coalhada de borbulhas arrancadas. A mulher e as crianças tosquiavam, tosquiavam, até ficarem com as mãos amortecidas, com um mau jeito nos pulsos, com as unhas descarnadas, doidas, de tanto quebrar o brotinho...

— Corta, gente!

— Dói, mãe...

— Corta, gente!

Dessa maneira foram arrancadas milhares e milhares de borbulhas, até se acabar o ano e começar o outro. Mas antes que viesse a colheita, o meeiro Macuco tratou de construir o rancho, livre de sol e de chuva, com os seus andaimes para a sêca das fôlhas do fumo. O rancho era coisa simples: quatro esteios de pouca altura, um pau de cumieira, uma cobertura de sapé, dos dois lados, até o chão, e dentro, os varais para se estenderem as fôlhas colhidas. Como na fazenda não havia sapé para a cobertura, o fazendeiro mandou cortar no vizinho, e pôs na conta das despesas: a madeira — meia dúzia de varas — foi tirada ali mesmo...

Chegou o mês de maio. As fôlhas da parte inferior dos pés de fumo começaram a amadurecer, tomando uma côr amarelada ao mesmo tempo que a parte de cima — a feição da fôlha — ficava empicocada.

Principiou a colheita. Enquanto o roceiro limpava a cultura — que a colheita se deve fazer no limpo — a mulher apanhava as fôlhas de vez, que as crianças iam transportando para o rancho...

— Mãe, ocê é que nem formiga.

— Ocê é que nem formiga carregadeira...

A colheita se faz aos poucos, e leva tempo — cada pé dá duas, três e mais apanhadas. As fôlhas vão sendo penduradas nos varais do rancho, onde ficam uns cinco dias, para depois se tirar, com todo o cuidado, o talo de cada uma. O talo sai com facilidade, basta dobrar a fôlha sôbre êle mesmo para logo se separar.

Então se faz a torcida, o cordão e, por fim, o rôlo, que se entrega ao fabricante.

O fazendeiro foi passear na roça para ver a colheita e, de certo, gostou porque se mostrou conversado. Aí o Macuco lhe disse que não podia dispensar o auxílio de camarada. O fazendeiro concordou, e resolveu mandar ver por conta da meação, um prático no serviço de torcer e de encordoar o fumo.

Logo depois, veio um prático, trabalhador e diligente. A apanha levou um avanço; as crianças aprenderam, também, a estender e destalar as fôlhas e, dêsse modo, todo o mundo trabalhava em tudo, e tanto trabalharam que, um dia a colheita se acabou, tôdas as folhas foram torcidas, encordoadas, enroladas e entregues ao fabricante.

O fuma! ficou que era vara só...

No mês de julho, o fabricante deu conta do fumo, preparado e enrolado. A quadra era boa; o fazendeiro aproveitou e vendeu bem, num lote só. Mandou tirar as contas do Macuco tanto as da vila, como as da fazenda; descontou as despesas feitas; apurou a rendição e acertaram o trato. A parte que tocou a cada um foi de um

(Continua na página 44)

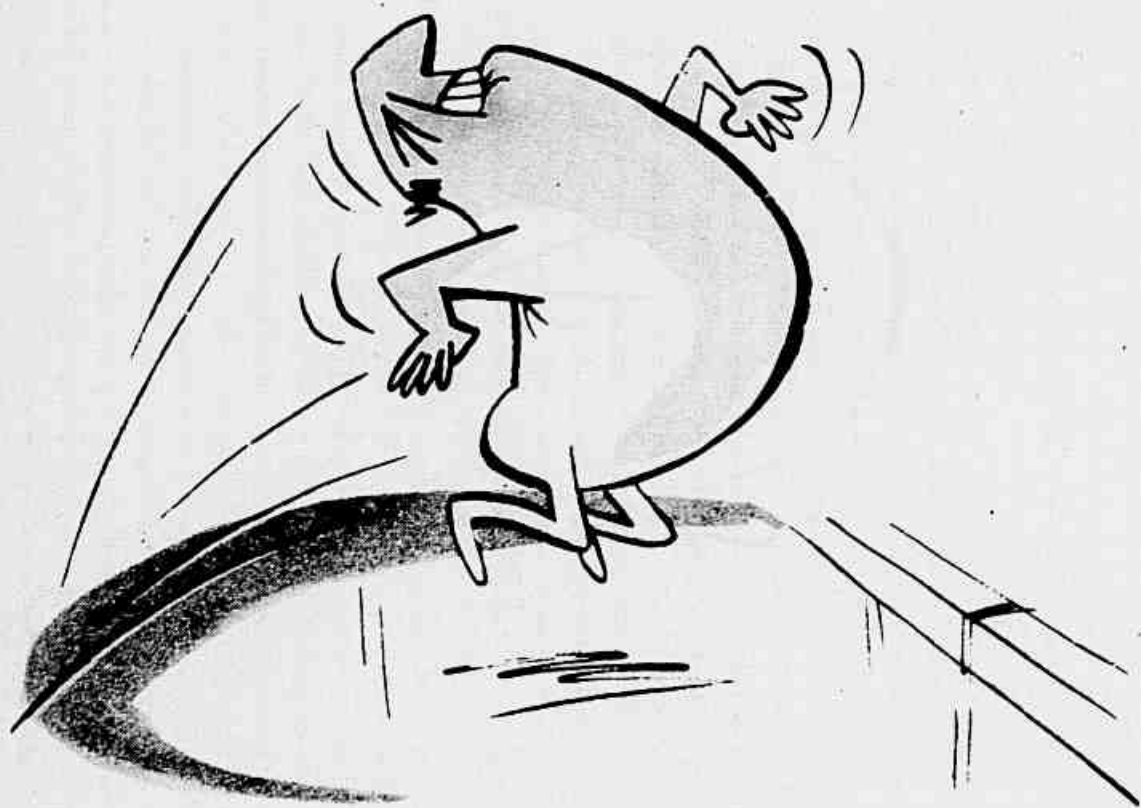


FORTUNA

(agradecendo à P. D. F.) APRESENTA

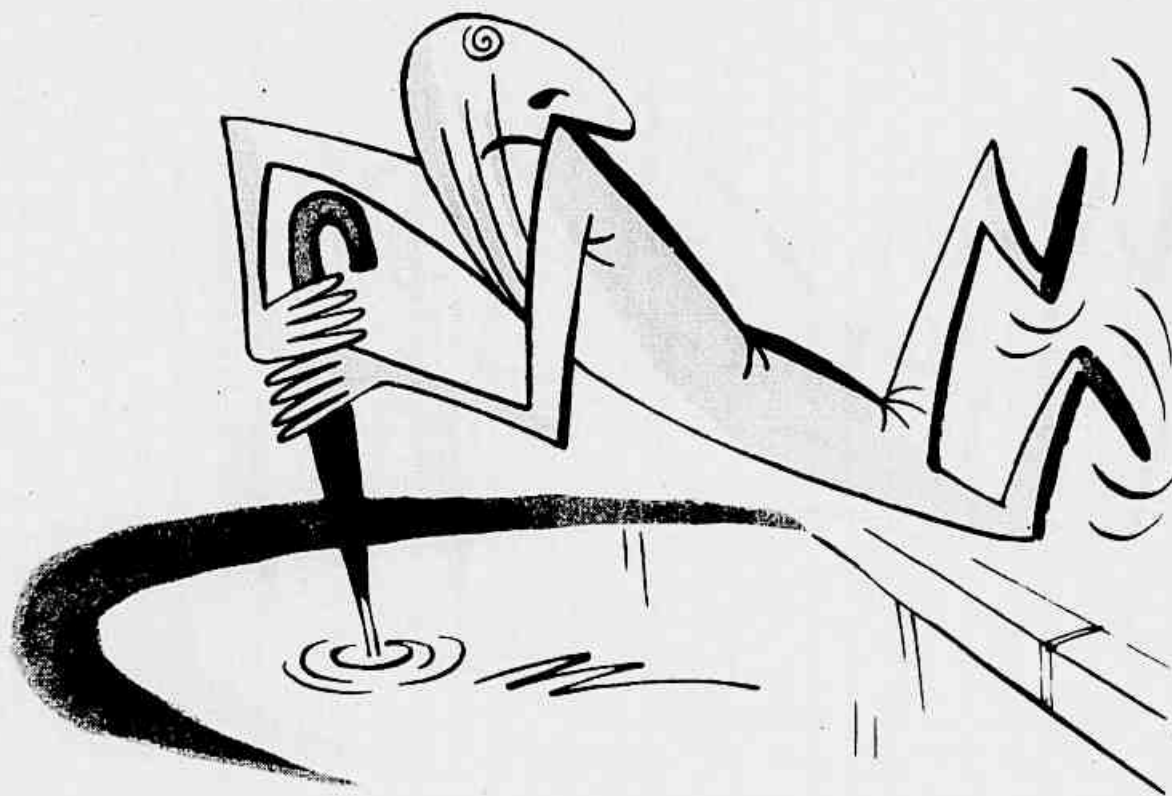
DIANTE DA POÇA

As chuvas chegaram. Estamos em plena estação das poças. Você sabe como é uma poça, digo, você sabe como é a cidade. O problema está em atravessá-la o mais enxutamente possível. E' nessas tentativas que a personalidade de cada um vem à tona.



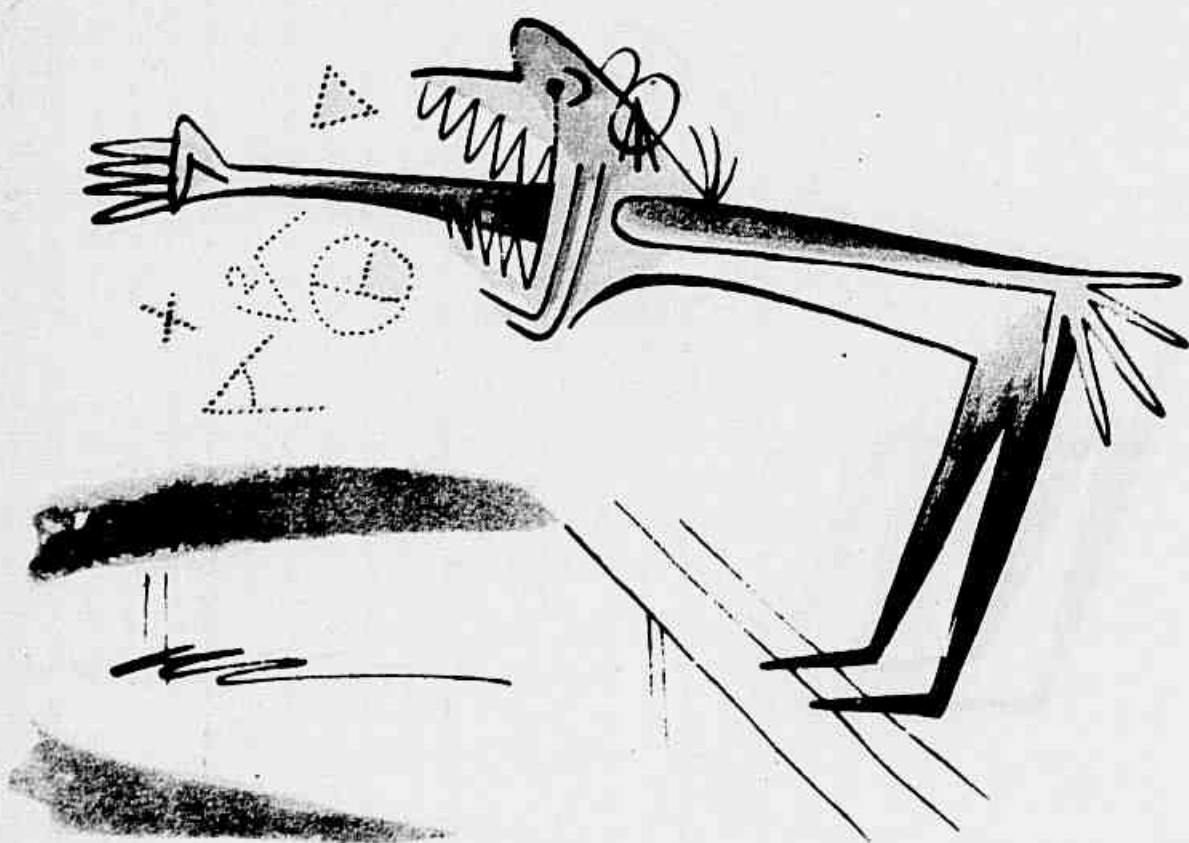
O «EU JÁ FIZ ISSO»

E' um senhor de meia idade. Para diante da poça, mede a distância até a calçada, recua um passo para tomar impulso e dá o salto esportivamente. Cai bem no meio.



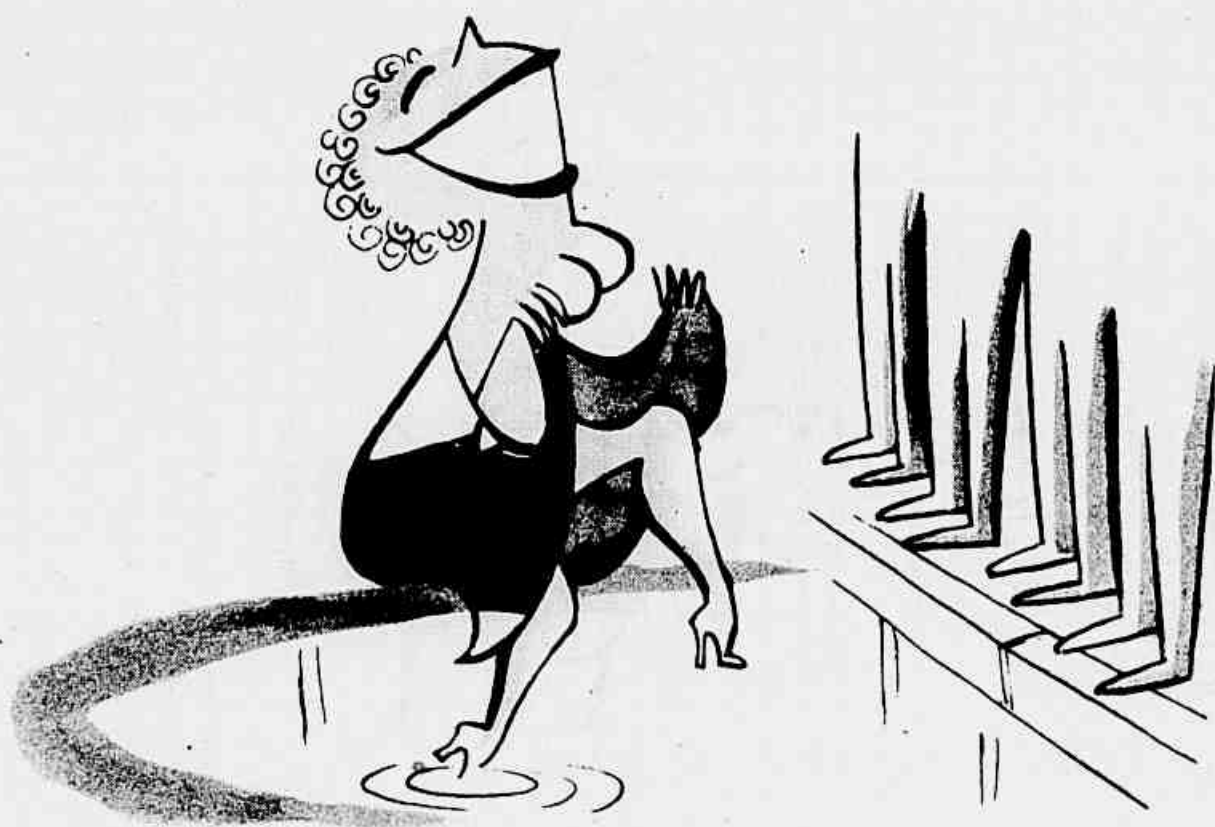
O TARZAN

Mete o guarda-chuva no meio da poça e joga o corpo como um atleta de salto com vara. Durante a viagem aérea tem ímpetos de gritar «— Aôôôôôôôô!» Mas cai na calçada como uma Cheeta.



O PENSADOR

Procura, da calçada, o lugar mais estreito para o pulo. Mas fica no pensamento. Resolve atravessá-la andando mesmo. Mas pensa nos sapatos. Pensa em tirá-los. Mas pensa em resfriado. E' quando passa um carro em cima da poça e aí então éle diz o que pensa.



A «CAN-CAN»

Suspende a saia e joga as pernas, dando passinhos e gritinhos, perdida de riso, até chegar à multidão do outro lado.



O PAVLOVA

Suspende as pernas das calças pelos vincos e atravessa nas pontinhas dos pés. No meio da poça descobre que está com um andar muito vedete. Então fecha a cara e quando chega do outro lado, fala bem grosso.



O FRANKSTEIN

E' o contrário do Pavlova. Atravessa a poça de perna dura, equilibrando-se sobre os tacos dos sapatos. Invariavelmente molha as bainhas da calça. Mesmo as poças que dão pé nunca dão taco.



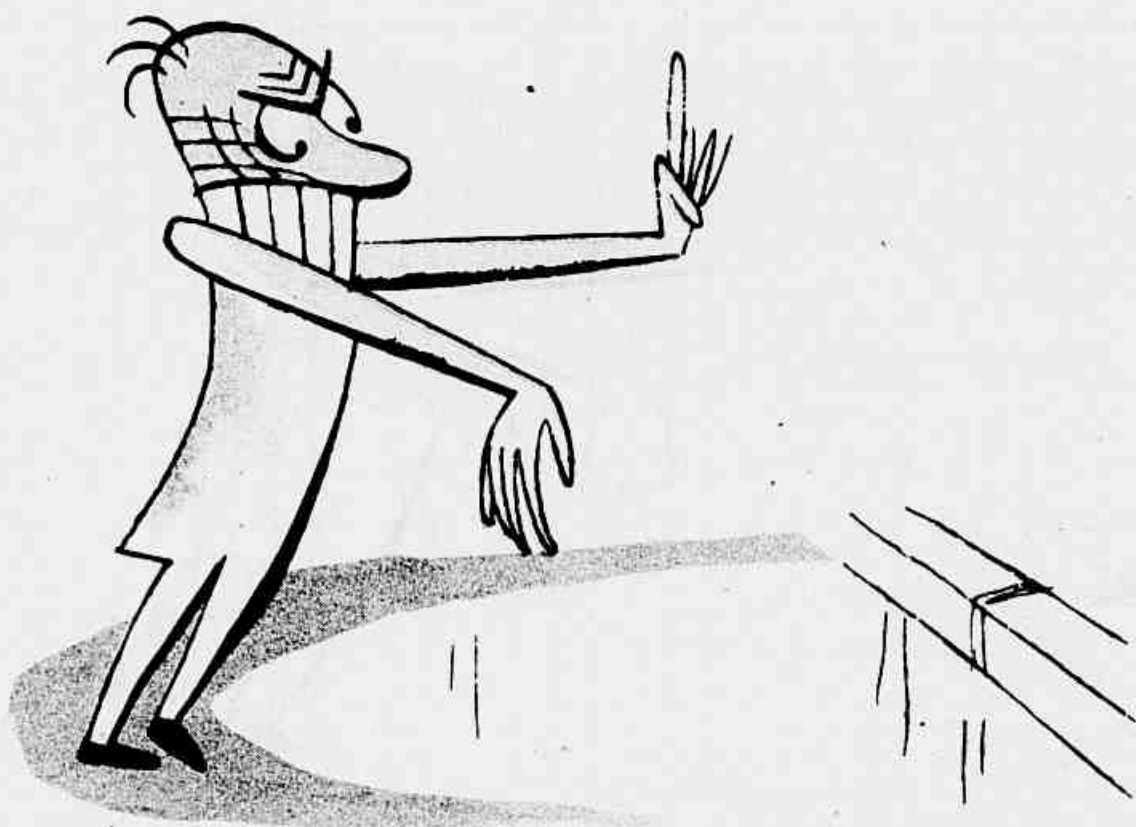
O MERCENÁRIO

A poça é dêle. Planta-se de calção e camiseta bem no meio, oferecendo-se para carregar qualquer pessoa para qualquer lado. Quem gorjeta.



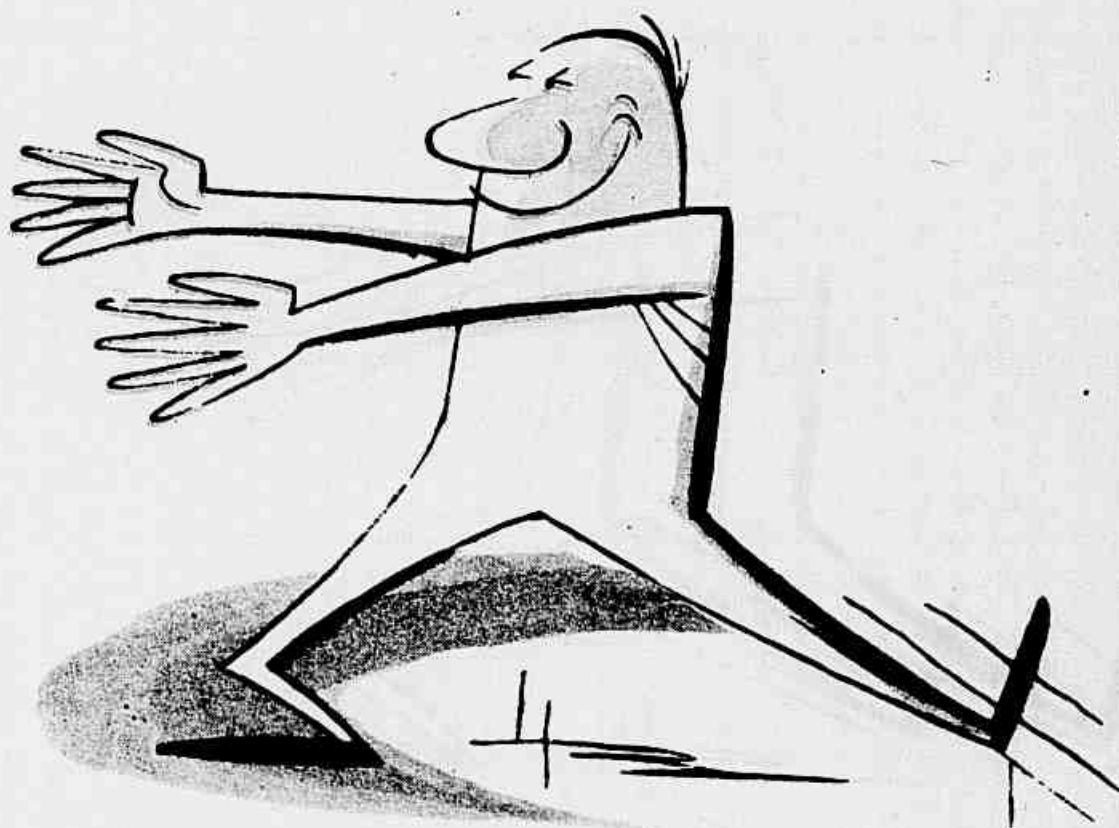
O INTIMORATO

Atravessa a poça espadanando água no maior dos espalhatos e quando chega do outro lado entra num bar. Já vem de muitas outras poças.



O PANFLETÁRIO

Esse nunca enfrenta a poça, contenta-se em depreciá-la. Diz que é uma pouca vergonha, que isso só acontece aqui, que se fôsse nos Estados Unidos... Mas a poça nem por isso fica diminuída. Então o panfletário recolhe-se à sua marquise.



O AMOROSO

Bota um pé cá, outro lá, estende os braços e diz: — Vem.



Conversa de Mulher

LYGIA JUNQUEIRA

Desenho de JAIRÓ

ROMANCES DE FÉRIAS

Tenha muito cuidado com os romances imprévisos de férias ou de fins de semana. Quase todas as mulheres são levadas a fazer de um simples conhecimento casual à beira-mar, ou na serra (onde o ambiente é convidativo e poético) o «grande amor de sua vida». Naturalmente que os homens sabem disso. Não mude a sua maneira de considerar as coisas (a sua escala de valores) só porque o mar é belo, o céu é azul ou há uma lua brilhando. Não se isole melancolicamente, como uma criatura solitária sobre um rochedo, ou uma picada ensombreada. Não escandalize suas amigas fazendo-se sempre acompanhar pelo senhor de meia idade tão desejoso de «compreensão» e «conselhos». Desconfie das galanterias banais, não se deixe impressionar só porque está de férias. Acontece frequentemente que o tipo apolíneo que tanto a impressionou, visto na paisagem citadina onde você mora, surpreenda-a pela sua banalidade.

Principalmente, não se deixe conquistar por fraqueza ou por vaidade.

NÃO RESMUNGUE

Resmungar é um péssimo hábito. Qualquer ordem, qualquer reclamação perdem o efeito se forem acompanhadas de resmungos sem fim. pois, no fim, não se dá importância aquilo que está sendo repetido numa espécie de cantilena aborrecida.

Uma mulher jovem resmungona é absolutamente insuportável. Se é velha... então, paciência.

Uma senhora ficou curada do mau hábito de resmungar da manhã à noite quando, uma manhã, o marido lhe perguntou:

— Me diga uma coisa: você está resmungando DESDE ontem ou JÁ ESTÁ começando hoje?

MENTIRAS CONVENCIONAIS

Não abuse das mentiras convencionais. Apesar de inocentes e admitidas por todos são perigosas e muitas vezes inúteis, pois ninguém nelas crê. Se, de qualquer forma, você tiver necessidade de dizer uma, tome cuidado para não ser desmentida. Nada mais humilhante. Por sua vez, se você sabe que alguém lhe mentiu como desculpa social não o chame de «mentiroso» na primeira ocasião. Não seria delicado e nem educado.

Sua beleza

◆ Os perfumes exóticos devem ser de muito boa qualidade para serem distintos e apreciados. Se você não pode gastar muito com perfumes prefira essências suaves de flores, que são sempre de bom gosto.

◆ A caspa é um parasita que ataca o couro cabeludo e você nunca poderá acabar com ela se continua a usar os pentes, escovas, rédes e toucas infelados. O primeiro passo para eliminar a caspa é desinfetar tudo que está habitualmente em contato com seus cabelos.

◆ Trate carinhosamente de seus pés: lave-os com sabão em pó, deixando-os mergulhados por quinze minutos em água morna. Para refrescá-los, quando fatigados, passe um bálsamo à base de mentol. Ponha um pó especial para os pés dentro dos sapatos. Proteja os calos e calosidades com esparadrapo especial, ou almofadinhas de feltros, que se encontram em lojas de artigos para os pés. Pés cansados ou doloridos dão ao rosto um ar de aborrecimento nada belo.

◆ Qualquer que seja o defeito de seus cabelos o meio mais aconselhável para curá-lo é o uso permanente da escova, estimulando a circulação do couro cabeludo. Quer seja eles secos ou oleosos, escovadelas vigorosas, diariamente, só poderão torná-los mais belos e normais.

◆ Os chapéus modernos completam o penteado. Por isso, quando comprar chapéu, lembre-se de ir bem penteada, a fim de saber exatamente o efeito que fazem no seu rosto.



SUGESTÃO PARA O LAR

Estão muito em moda os arranjos de ramos secos para a ornamentação do lar. Grande-mente decorativos, têm ainda a qualidade de durarem muito tempo nas jarras.

Os ramos secos, você pode usá-los ao natural, ou submetê-los a diversos tratamentos para que se tornem mais vistosos.

1 — Com um pincel, passe uma camada de verniz grosso incolor.

2 — Ou, então, pinte-o totalmente de negro, com tinta esmalte.

3 — Uma outra idéia é prateá-los ou dourá-los.

Um belo ramo seco, num jarro vistoso, refletindo-se num espelho de parede ou sobre a superfície espelhada de uma mesa moderna, constitui uma bela ornamentação, de pouco preço, se você mesma o preparar.



Week-end na cozinha

◆ São muitos os vegetais que podem ser recheados, tornando-se, assim, uma «especialidade». Para citar apenas alguns: tomate, abobrinha, beringela, pimentão, folha de couve ou de repólho.

Qualquer que seja o escolhido, experimente este recheio:

1 — Numa tigel grande ponha 1/2 quilo de carne moída, 1 cebola picadinha, 1/4 de xícara de arroz cru, 1 colherinha de folha de menta (hortelã pimenta) picadinha, 1 colher das de sopa de molho de tomate, sal e pimenta a gosto. Misture tudo bem.

2 — Escolha o legume que vai rechear. Corte uma tampinha por onde se retira o miolo. Recheie, e torne a colocar a tampinha prendendo com um palito. Nas folhas, o recheio é colocado como se fôsse uma trouxinha ou um embrulho.

3 — Arrume os legumes recheados numa panela, com as tampinhas para cima, um ao lado do outro. Espalhe por cima 2 colheres das de sopa de manteiga e derrame um copo d'água. Cubra a panela e cozinhe em fogo moderado, de 30 a 40 minutos ou até que os vegetais estejam macios.

NOTINHAS

Eis um recheio delicioso para sanduiches: misture, 250 gramas de queijo creme com 2 colheres das de sopa de manteiga, 1 ovo, 1/4

de xícara de leite e 1/4 de xícara de salsa picadinha. Amasse tudo e espalhe entre duas fatias de pão de forma. O sanduiche ficará mais delicioso ainda se for levado ao forno até ficar ligeiramente tostado.

x x x

Nunca limpe o fogão enquanto a chapa estiver quente. A mudança brusca de temperatura pode rachar o esmaltado. Espere que o fogão esfrie e passe sobre o mesmo um pano embebido em água quente e bicarbonato.

x x x

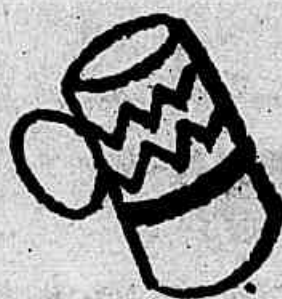
Quando servir salgadinhos não se esqueça de preparar «salsichas com queijo»: corte pelo meio, sem porém separar completamente, salsichas pequeninas, tipo «coquetel». Coloque uma fatia de queijo forte entre as duas metades. Enrole em torno uma tira de bacon e prenda com um palito. Leve as salsichas ao forno até ficarem assadas. Sirva quentinhas.

x x x

Para tirar o mau cheiro das garrafas de leite lave-as bem e depois deixe-as cheias de água morna com uma colherinha de bicarbonato. Depois de umas duas horas enxágüe com água limpa.



5.





EMBAIXATRIZ LAIZ GOUTHIER

Está no Rio há já vários dias a bela e elegante jovem embaixatriz Laiz Gouthier. Sua elegância, que já é internacionalmente conhecida, está provocando um verdadeiro "suspense" no "high-society" carioca. No próximo número, publicarei uns "flashes" da jovem embaixatriz no "social set" desta coluna.

Grand Monde internacional

Gossips



Jorge Guinle novamente no Rio conta as «últimas» de Hollywood.

JORGE GUINLE. No bar do Bife de Ouro encontro o meu amigo Jorge Guinle que estava chegando de Hollywood. Jorge contou-me as «últimas» da Meca do Cinema. Perguntei ao Jorge se ele estava mesmo de romance com a nossa conhecida Jeanne Crain. Respondeu-me que tinha saído várias vezes com Jeanne, mas apenas como bons amigos, acrescentando mais: «a moça está ainda se divorciando». Antes de me despedir, o meu amigo Guinle convidou-me para ir ao seu apartamento tomar um «drink» e ouvir os últimos sucessos de jazz nos «States».

— O KARIN Aga Khan, filho do príncipe Ali Khan, já está se transformando um verdadeiro «play-boy». Karin, que se encontra atualmente em Paris, é visto escoltando uma linda húngara de nome Andrea Miles de Vangel.

— A BONITA ex-espôsa de Otto Preminger, chamada Marion Mill Preminger, provavelmente se casará com o milionário sul-americano Carlos Ritter. Esta notícia está sendo dada em «preview», no Brasil, por esta coluna.

— Um almoço muito internacional tive outro dia no Bife de Ouro com o embaixador e senhora Hugo Gouthier. A embaixatriz Gouthier estava elegantíssima. Laiz é a mulher mais elegante que já conheci. No referido almoço estavam também presentes: o embaixador Walder Sarma-nho, sr. e sra. Hugo Pinheiro Guimarães (os Pinheiro Guimarães partiram domingo para a Europa) e o sr. Bernaldo Sáio, que é o vice-governador de Goiás. O sr. Sáio já foi capa (certa vez) da revista americana «Life». O casal Gouthier é extremamente simpático, além da classe com que representa o Brasil no exterior.

— O MARQUÊS Afonso de Portago que atualmente se encontra em Portugal anda de «flirt» com a «cover girl» Dorian Leight. Em Paris a marquesa de Portago continua com suas movimentadas noites nos «night-clubs» locais. Já se fala num possível divórcio entre esse comentado casal.

— POSSO INFORMAR para vocês que não existe nenhum romance entre Porfírio Rubirosa e Ava Gardner.

TAVARES DE MIRANDA — Trata-se da atual «vedette» da crônica social paulista. Com apenas pouco tempo de atuação neste difícil setor de jornalismo, o poeta e advogado José Tavares Miranda teve um sucesso tão «suspense» que hoje é o mais lido e o mais comentado colunista do planalto. O «society» paulista fez de Tavares de Miranda seu colunista preferido, além de bom amigo como efetivo participante de suas mais fechadas reuniões. Coisa que talvez não seja novidade aí em São Paulo, o Tavares tem também aqui muitos leitores assíduos, entre eles está este colunista. Bola na rede.

— NO PRÓXIMO dia 27 a nova «boite» «Fiesta» abrirá suas portas para o «society» carioca. «Fiesta» será dirigida pelo «maitre» Costa, que funcionou no «Vogue» e «Comodoro», de São Paulo. O «crooner» será o fabuloso Louis Cole.

— O RESTAURANTE privado do moderno Club Comercial é o mais perfeito da cidade. Lá, come-se os mais famosos pratos internacionais. Seu elétrico «public-relations», sr. Boris, tem funcionado de «bola na rede».

— O simpático casal José Carlos Moreira Sales, de Santos, vai fixar residência em São Paulo. A sra. Moreira Sales (Mercedita) é de uma beleza muito «suspense».

— NA OPINIÃO do sr. Zacarias do Rêgo Monteiro quem melhor entende de moda masculina no Rio é o sr. Oscar da Rocha, que funciona como «public-relations» da Casa Elmo. Con-

Pequenos Flashes



Colunista Tavares de Miranda é a atual «vedette» da coluna social paulista.

cordo. O Oscar entende (e entende muito) mesmo.

— O CLUB 36 tem uma nova cantora, que é Elizete Cardoso, e um novo «maitre» de nome China.

— NA SEGUNDA-FEIRA o «Jirau» recebeu a imprensa carioca para um jantar. Merci.

DIA 25 o sr. Renato de Almeida e a srta. Marilu Jardim vão acabar o noivado para subir ao altar na capela da Reitoria da Universidade do Brasil. Esse casamento promete ser muito suspense.

— ESTÊVE no Rio o «play-boy» Ricardinho Fazanello. O Ricardinho agora está vermelho e muito menos magro. Parece que o Ricardinho trocou mesmo o banho de lua pelo banho de sol. Seu atual par aqui no Rio é uma jovem senhora desquitada. Romance...

— SE AQUELA senhora continuar provocando o veneno desses «gossips», sou mesmo obrigado a contar sua maneira de dançar muito «cheek-to-cheek» num «night-club» com ele...

— ACHO QUE não vai ser novidade quando eu contar para vocês que um conhecido «play-boy» baixou mesmo ao hospital. Ele parece estar nas últimas. Motivo: álcool. Quem é ele?

— HÁ DIAS que não vejo no Copa a bonita Maitê D'Orey. O Francis Souza Dantas Forbis tem aparecido com uma elegância muito suspense.

— DOU POUCOS dias para a gaúcha Leonora Issler e o mineiro João Pinheiro Neto acabarem o namôro para ficar noivo. Aguardem.

— CONTINUO ACHANDO que depois do casamento de Silvinha Láfer, sua bonita irmã Gray Láfer dificilmente continuará solteira por muito tempo...

— VEJO QUE o elegante paulista Geraldo Nóbrega dificilmente poderá ser pescado. O presidente do Hotel Comodoro, de São Paulo, pretende continuar por mais algum tempo solteiro. Os bons partidos agem assim.

— NÃO COMPREENDO porque certos rapazes estão proibindo as namoradas de terem seus nomes figurando nas colunas sociais. Aqui nos «gossips» quando a moça é bonita, ela figura pró ou contra. Mas figura. «Gossips» são «gossips». E daí?

— A «BONECA» Diva Dolabella, muito bem acompanhada, jantava no outro domingo no «La Crémallère» e aplaudia os rapazes do Trio Iraquitã. Diva está mesmo muito suspense.

— NO BAR do Bife de Ouro o sr. Henrique Tam com a srta. Léa Gomes. Será que eles reataram o noivado?

— AS NOITES de sábado aqui no Rio estão acontecendo muito «gélot». Estou pensando em fugir nos próximos «week-ends» para Petrópolis.

— O «BISTRÔ» continua sendo um dos restaurantes mais «bem» concorridos da cidade. Lá, o «maitre» Albert é quem comanda.

— NO TRADICIONAL Bife de Ouro, depois da subida do «maitre» Ferry para o Mid-Night, seu substituto é o «maitre» Max. Bola na rede.

— O HUMORISTA Leon Eliachar está achando muito alto os novos preços do Hotel Plaza. E anda agora procurando apartamento...

— No próximo dia primeiro Inezete Barroso e Dick Farney vão fazer uma solene estréia no «La Crémallère». No dia 6 de setembro será a famosa cantora francesa Rose Avril. Louis Bartoletti e Charles estão fazendo um sucesso de «bola na rede».

— Será na noite de 24 o jantar de «black-tie» em homenagem à enhora Fernanda Pires da Silva, que está de partida para o velho mundo.

— Até a próxima. O chapéu «gélot» está em cima.

P.S.: Mesmo antes de me tornar um dos mais lidos e comentados colunistas sociais do Brasil, já dava um completo «gélot» no ministério da calúnia. Calcule agora...



A bonita modelo Ilca posa para esta coluna. A elegante Nicole desfila um chapéu «snob». A muito bela Rosemarie estava muito «suspense»

Modelos muito Sweepstake

♦ Foi realizado na tarde do dia 11, na Canadá de Luxo, feito pelo senhor Zacarias (o «snob») do Rêgo Monteiro. A Canadá viveu uma tarde elegante, chic e «snob», no momento em que lançava as «últimas» de sua coleção para o próximo «Sweepstake». Desfilaram modelos recentes, criados pelos mais famosos costureiros parisienses, como: Givenchy, Balmain, Dior, e outros mais. Dona Mena Fialho, disse-me: «Esta tarde está mesmo muito «suspense», não é, Jeff?» Concordei com a muito simpática dona Mena e tratei logo de fotografar e ouvir algumas das mais elegantes presentes. Comecei logo com a elegantíssima senhora Eunice Modesto Leal (Eunice era a mais bonita presente), que me disse ter gostado de quase todos os modelos, e achado os chapéus um pouco «snobs». Terminou dizendo: «Foi o mais bonito desfile que a Canadá fez para o «Sweepstake». Ao meu lado estava a bonita Maria Gracinda (ex-modelo), atualmente senhora Albert Fadel. Maria Gracinda referindo-se aos modelos explicou que poucos lhe impressionaram. «Quanto aos chapéus, continuou, achei alguns «snobs», outros «demodés». A elegante senhora Olga Bianchi (Olga estava numa grande tarde) assim se pronunciou: «Achei tudo muito original, o desfile me agradou muito». A baiana senhora Maria do Carmo Corrêa Ribeiro (Maria do Carmo estava mesmo muito elegante), interrogada pelo colunista, disse: «Está de parabéns a Canadá, por ter feito mais um bonito desfile. «Não só os modelos eram elegantíssimos, como os tecidos maravilhosos. Os chapéus graciosos e bonitos».



A elegantíssima Eunice Modesto Leal comenta com Jeff Thomas o desfile, tendo ao lado a simpática senhora Jack Peliks.

Como vocês podem ver, o desfile agradou muito, e a tarde foi realmente muito SUSPENSE.



A baiana Maria do Carmo Correia Ribeiro achou os modelos elegantíssimos.



Senhora Gustavo Capanema com sua filha Glorinha estiveram presente.



Maria Gracinda achou que os chapéus estavam «snobs» e «demodés».

loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do creme **ANTISARDINA**.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O REI VAGABUNDO

— Ele ainda está nas masmorras! Ele ainda está nas masmorras! gritava Huguette. E, com um sacolejão violento, desvencilhando-se da multidão, saiu correndo em direção ao palácio do rei.

Luís XI, ainda não havia esquecido a bela garôta de olhos doces, e ouviu silenciosamente o que ela tinha a dizer-lhe. Sua reação não se fez esperar. Acompanhada por uma divisão de arqueiros reais, aos quais se juntou igualmente Catarina, o rei desceu até onde estava, aprisionado ainda, o valoroso poeta Villon, lutando com seus inimigos, que à força buscavam precipitá-lo ao fogo. Os arqueiros imediatamente lançaram suas flechas, uma das quais foi atingir Chabannes em pleno peito.

— Matem todos eles, gritou o rei. Sua chegada não poderia ter sido

mais oportuna, de vez que as forças de François chegavam ao fim.

— Oh! querido, eu sabia que você estava aqui! exclamou então Huguette, estreitando o poeta em seus braços. O ciúme de Catarina não tinha mais tamanho.

— Chabannes deve ter ordenado que as portas da cidade se abrissem, gritou o rei, em voz angustiada.

— Não faz mal, retrucou Villon, aparentemente de modo desconexo.

A meia noite, tal como tinha sido combinado, a gente de Chabannes abriu as portas de Paris. Por elas penetrou, sem ser combatida, a soldadesca do duque de Borgonha. Mas, quando o último soldado tinha entrado, uma quantidade imensa de blocos monstruosos de pedra rolou sobre a densa tropa,

(Conclusão do número anterior)

ferindo e matando uma quantidade razoável de militares, e estabelecendo o pânico nas fileiras. Thibault ordenou então o toque de retirada, no meio de toda a confusa retaguarda de seus guerreiros. Vendô, porém, que Huguette se havia apoderado de um pavilhão de Borgonha, ordenou aos seus arqueiros que atirassem todos sobre a jovem e sobre o poeta. Como que pressentindo o que estava para acontecer, Huguette se postou em frente a Villon, no exato instante em que uma seta perdida, destinada ao amante, atingia-a em pleno peito, prostrando-a por terra.

— Agora, querido, poderás ter Catarina de Vauxcelles, falou Huguette, enquanto a morte ia tornando gelados os seus lábios já sem cor.

— Minha pequena Huguette, por que gastou você a vida para salvar a minha?

Cheio de ódio, Villon atira-se para Thibault, a quem afinal esmaga como se fôsse um verme.

Terminou com o Te Deum mandado celebrar pela vitória de Luís XI a posição de Villon como oficial comandante das forças francesas. O vagabundo, ao depor aos pés de seu Rei o cargo que este lhe oferecera dias antes, reconhecia que muito havia errado, em sua vida, e que era justo que agora pagasse com a vida os muitos erros do passado. Ao longe, no pátio fronteiro à igreja, a Força aguardava o resultado da justiça real. Pedindo ainda a Luís XI permissão para dirigir a palavra ao povo, começou Villon por agradecer ao Rei tudo o que acabara de fazer pela França, e oferecendo ao povo parisiense, em nome de seu soberano, duas moedas de ouro, e mais um galão de vinho a cada pessoa; vinho que deveria tomar em honra à Sua Majestade.

— Enquanto essa lâmpada brilhar, a vida de François Villon será por mim conservada como algo de muito valioso! Quando ela deixar de faiscar, porém, ele terá de morrer, a menos que alguém deseje morrer por ele. Portanto, pergunto: há alguém que deseje comprar a vida de Villon, morrendo em seu lugar?

Um silêncio pesado seguiu as palavras do soberano. Mas logo uma débil voz ergueu-se de um canto do patíbulo:

— Eu dou a minha vida por ele, senhor.

Villon olhou, admirado, para o lugar de onde provinha a voz, e deparou com a figura pequenina e delicada de Catarina. Luís XI blasfemou. E o candieiro ardia...

— A lei da França, disse, protege a vida de todo aquele que se casa com uma mulher de nobre origem. Assim, se Catarina desejar casar-se com Villon, ele está salvo.

— Um belo gesto, Mylord — exclamou Tristan, olhando o rei com admiração.

— É de gente como Villon, mais que de reis como eu próprio, meu caro, que para o futuro há de alimentar-se a glória de França!

FIM

CORA LOPES



♦ A jornalista Cora Lopes, do Departamento de Relações Públicas da E. F. Central do Brasil, esteve recentemente em missão jornalística na capital mineira, dali seguindo para Leopoldina, onde foi assistir a inauguração da Exposição Agro-Pecuária local, uma das mais importantes do Estado.



BELDADES EM DESFILE: da esquerda para a direita, Miss Turquia, a louríssima Miss França, Miss Canadá, a provocante Miss Inglaterra, Miss Alemanha, que tanto se parece com a atriz cinematográfica Susan Hayward, e a encantadora Miss Itália, que ostenta à mão direita uma aliança.

AS MISSES DESFILAM PARA A ESCOLHA DA MAIS BELA EM LONG BEACH

Em Long Beach

MISS SUÉCIA, Ingrid Goude, tem apenas dezoito anos. O fotógrafo tomou essa indiscreta fotografia, quando a linda suequinha, num parque de diversões, tentava espalhar alguns momentos.



A SRTA. MARIA JOSÉ CARDOSO E MAIS ONZE

◆ NO MOMENTO em que estiverem lendo essas páginas, já será conhecido o resultado de mais um concurso de beleza Miss Universo. A vencedora, cercada da admiração e da atenção gerais, iniciará sua longa (e cansativa) caminhada, como Miss Universo: fotógrafos e cinegrafistas, repórteres e curiosos persegui-la-ão dia e noite; as demais, já de regresso às suas terras, terão ainda um consolo: lembrar-se-ão, até ao último dia de vida, que um dia representaram, em país distante, a graça e a formosura da mulher de seu país natal, num concurso que, todos sabem, é o maior, no gênero. Maria José Cardoso, a catarinense que, concorrendo por conta do Rio Grande do Sul, conseguiu ser eleita Miss Brasil, merecidamente, a despeito de certos protestos, desde o primeiro dia em que botou os pés nos Estados Unidos, nessa segunda viagem que realiza à grande

A COMEÇAR da esquerda: Olga Fiallo, Miss Dominicana; Mercedes Espin, do Equador; Mickey Blair, do Illinois; Nancy McCollum, de Arkansas; Miss Alemanha, Marina Oerschel, e Rossana Galli, representante da Itália.

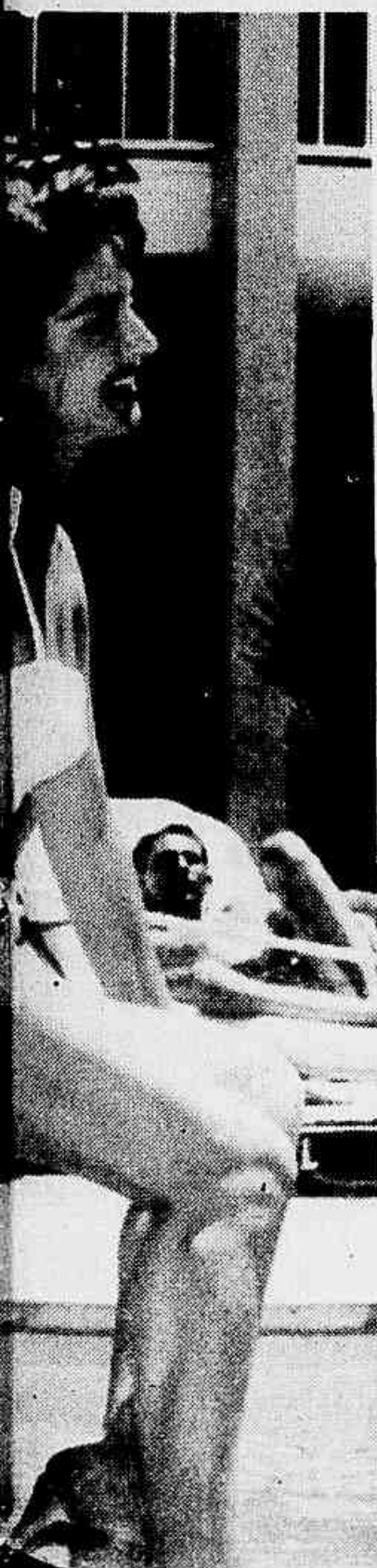




CANDIDATAS EXPERIMENTAM AS ÁGUAS DELICIOSAS DE UMA PISCINA, NA FLÓRIDA, POUCO ANTES DO GRANDE CONCURSO DE BELEZA.

nação do Norte, foi considerada, pelos profissionais da imprensa e mesmo por diversas candidatas ao título, como uma das mais fortes concorrentes. Sua elegância natural, além de sua beleza e graciosidade, desde o primeiro momento lhe granjearam posição de destaque, em qualquer solenidade ou ocasião em que aparece em público. Aliás, as predileções do público parecem estar dirigidas para Maria José Cardoso, Miss Brasil, para a encantadora Ingrid Goude, Miss Suécia (terra que já deu uma Miss Universo, a encantadora Hillevi Rombin), a italiana Rossana Galli, a alemãzinha Marina Oerschel (extraordinariamente parecida com Susan Hayward), Miss França, Anita Treyens, e Miss Israel, Sara Tal, além, naturalmente, das várias candidatas que representam os Estados Americanos. (Fotos INS).

KAY DOUGLAS concorreu representando a cidade de Nova York. E' ruiva, de olhos azuis, e foi classificada entre outras candidatas. E' alta e esguia. Talvez esguia demais.



ESSAS QUATRO garôtas foram convidadas de honra do Concurso Miss Universo. São Miss Grand Bahama Club, a «University of Tennessee Sweater Girl», Miss Flórida, Kim Meyer, e Miss TV Internacional. Kim Meyer disputou o título máximo.





ÚLTIMO FLASH —

AO LADO da encantadora Sara Tal, Miss Israel, aqui aparece Miss Brasil de 1956, Maria José Cardoso, graciosamente sentada à beira de uma piscina, em Palisade, na Califórnia. A gaúchinha, por sua simpatia e cordialidade, conquistou desde as primeiras poses os fotógrafos, que não se cansam de solicitá-la para novas chapas. Aqui, por exemplo, Maria José, com o melhor de seus sorrisos, leva à boca um confeito com que algum fã lhe presenteou. Miss Israel a tudo observa, com um belo sorriso.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Montório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

REVISTA DA SEMANA

Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — Nº 30 — Rio de Janeiro — 28-7-1956

Propriedade da Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

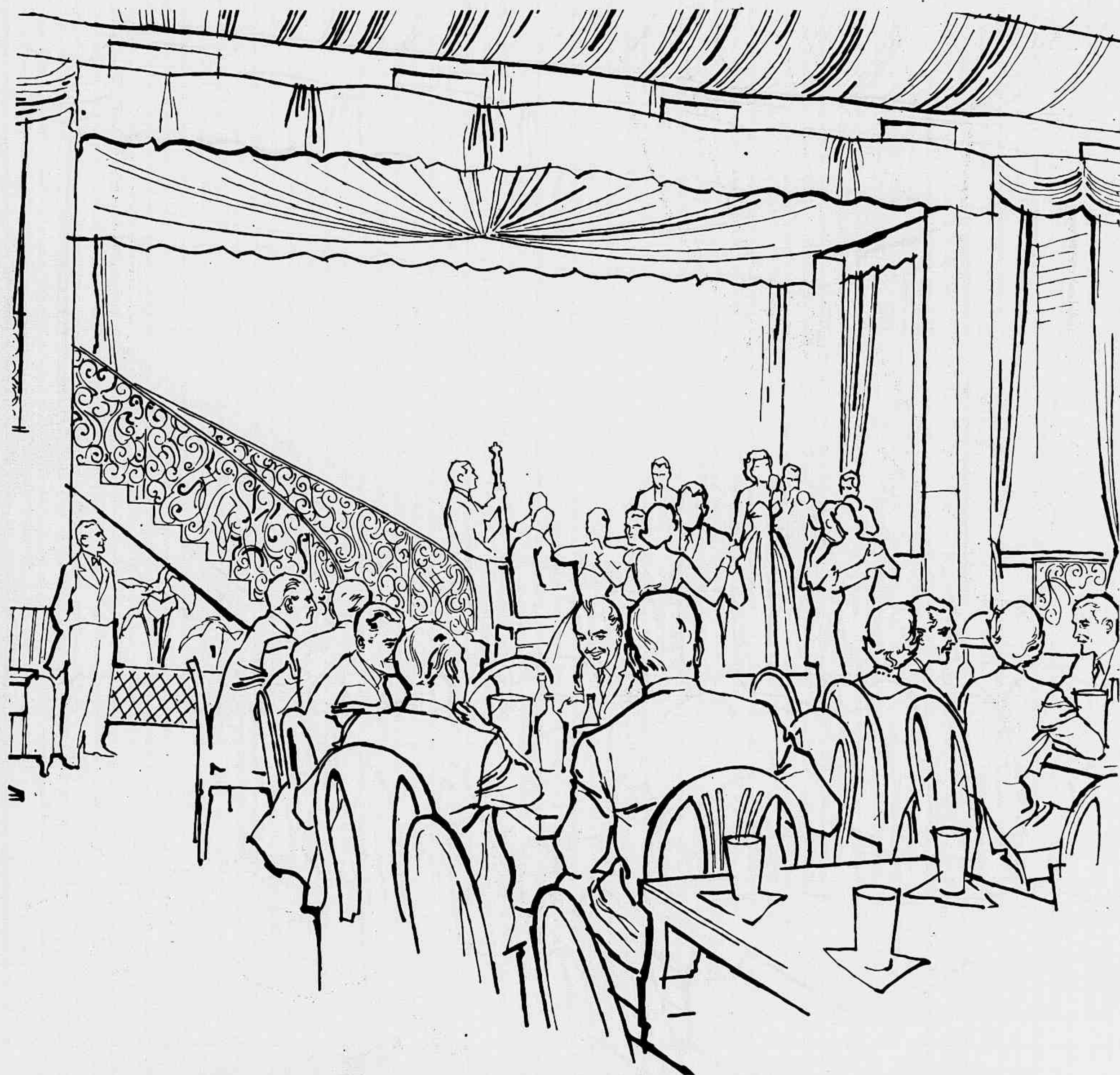
A FIGURA
EM FOCO



JORGE LACERDA

Não fôra essa decisão
Do Supremo (gente fina),
E agora eu estava na mão,
Privado de Catarina...

MEN
DEZ



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

